

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS- GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

RAQUEL DOTTA CORRÊA

**A VOZ DA TRADUTORA: PARATEXTOS EM TRADUÇÕES DE MULHERES
ITALIANAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

Florianópolis, 2010

RAQUEL DOTTA CORRÊA

**A VOZ DA TRADUTORA: PARATEXTOS EM TRADUÇÕES DE MULHERES
ITALIANAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

Dissertação apresentada ao Curso Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudo da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Área: Teoria, crítica e história da tradução

Orientadora: Prof.a Dra. Rosvitha F. Blume

Co- orientador: Prof. Dr. Sergio Romanelli

Florianópolis, 2010

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

C824v Corrêa, Raquel Dotta

A voz da tradutora [dissertação] : paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII / Raquel Dotta Corrêa ; orientadora, Rosvitha Friesen Blume, coorientador, Sergio Romanelli. - Florianópolis, SC, 2010.

141 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Tradução e interpretação. 2. Literatura. 3. Mulheres - Itália. I. Blume, Rosvitha Friesen. II. Romanelli, Sergio. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. IV. Título.

CDU 801=03

FOLHA DE APROVAÇÃO

A dissertação

**A VOZ DA TRADUTORA: PARATEXTOS EM TRADUÇÕES DE MULHERES
ITALIANAS NOS SÉCULOS XVII E XVIII**

defendida por

RAQUEL DOTTA CORRÊA,

foi julgada por banca examinadora e aprovada na sua forma final pelo curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do grau de

MESTRE EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO,

na área de *Teoria, Crítica e História da Tradução*.

Florianópolis, 05 de novembro de 2010.

Coordenadora do Curso – Profa. Dra. Andréia Guerini

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora Prof.a Dra. Rosvitha Friesen Blume

Co-orientador Prof. Dr. Sergio Romanelli

Membro externo Prof. Dra. Prisca Agustoni
Universidade Federal de Juiz de Fora -UFJF

Prof. Dra. Patricia Peterle Santurbano - UFSC

(Suplente-UFSC) Dr. Markus Johannes Weininger

“Não tenhamos pressa,
mas não percamos tempo.” Saramago

“Os que esperam no senhor, voam com asas como a águia, correm sem nunca se cansar
e vão mais além.” Fernando Iglesias

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por ter sempre me guiado no caminho certo.

À minha família, por sempre ter me apoiado e me incentivado a estudar, em especial à minha irmã Sara que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando no que fosse preciso.

Ao meu namorado, Rafael, que soube entender os finais de semana de estudo, soube esperar os seis meses que estive na Itália e ouvir as inúmeras explicações sobre as mulheres italianas do passado.

À minha orientadora, professora Rosvitha Friesen Blume, que sempre com muita paciência me ajudou com suas contribuições e sabedoria.

Ao professor Sergio Romanelli, pela sua co-orientação e revisões na minha tradução.

À professora Patricia Peterle, pelas suas excelentes contribuições na banca de qualificação.

À UFSC pelo apoio institucional e à CAPES pelo apoio financeiro.

À Universidade de Trento, Itália, por ter me acolhido por seis meses e me permitido concluir este trabalho.

Ao meu amigo Filipe, pela amizade e pelas horas escutando meus questionamentos e a todos aqueles que passaram pelo meu caminho ao longo destes dois anos, professores, colegas e amigos, meu muito obrigada.

RESUMO

CORRÊA, Raquel Dotta. **A voz da tradutora: Paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII.** 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Esta dissertação discute primeiramente a intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero e os Estudos da Tradução, com base em teóricas feministas como Ria Lemaire (1994), Joan Scott (1986), Lori Chamberlain (1998) e Louise von Flotow (1997) entre outras, destacando o aspecto da ressignificação do trabalho tradutório de mulheres do passado e questionando, assim, a visão secular da tradução como uma tarefa secundária, quase invisível. Em um segundo momento, disserta sobre a inserção das mulheres italianas no meio literário, desde a passagem do completo silêncio de suas casas à alfabetização e à participação nos salões literários, local onde aconteciam as práticas de conversação, até a produção de textos e o ingresso na *Accademia dell'Arcadia*, uma das maiores academias italianas do século XVIII. Depois, mostra como a prática tradutória serviu como forma de participação no meio cultural para as mulheres naquela época. Apresenta a biografia e as obras de três tradutoras italianas que viveram entre os séculos XVII e XVIII: Maria Selvaggia Borghini, Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli. Propõe também uma breve reflexão sobre a escolha dos autores e das obras que essas tradutoras escolheram traduzir, a fim de comprovar que elas atuaram como mediadoras culturais e colaboraram com a literatura da época. Por meio da tradução e comentário dos paratextos encontrados nas obras dessas tradutoras, procura finalmente destacar como elas usaram esse espaço paratextual para afirmar a sua voz enquanto sujeitos visíveis das traduções por elas realizadas.

Palavras- chave: Estudos Feministas/de Gênero. Estudos da Tradução. Tradução de paratextos. Mulheres italianas na Literatura.

SOMMARIO

CORRÊA, Raquel Dotta. **A voz da tradutora: Paratextos em traduções de mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII.** 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

Questa tesi anzitutto spiega l'intersezione tra gli Studi Femministi/ di Genere e la Traduttologia attraverso le teorie femministe di Ria Lemaire (1994), Joan Scott (1986), Lori Chamberlain (1998) e Louise von Flotow (1997) tra le altre; e in seguito, dimostra il valore del lavoro di traduzione delle donne nel passato che ha aiutato a contrastare la visione secolare della traduzione come un fatto secondario, quasi invisibile. In un secondo momento, presenta l'ingresso delle donne italiane nella letteratura, con il passaggio dal completo silenzio delle loro case, all'alfabetizzazione e alla partecipazione nei salotti letterari, luoghi in cui avvenivano le pratiche di conversazione, fino alla produzione di testi e all'ingresso nella Accademia dell'Arcadia, una delle più grandi accademie italiane del XVIII secolo. In seguito, mette in discussione la pratica della traduzione come veicolo di emancipazione e parità culturale per le donne. Presenta la biografia e le opere di tre traduttrici italiane che vissero tra le XVII e le XVIII secolo. Propone anche una piccola riflessione sulle scelte degli scrittori e delle opere che queste traduttrici hanno fatto per tradurre, con lo scopo di confermare che loro hanno fatto una specie di intermedio culturale e hanno collaborato con la letteratura dell'epoca. Attraverso la traduzione e alcuni commenti dei paratesti trovati nelle opere di queste traduttrici, cerca finalmente distaccare come loro utilizzarono questo spazio paratestuale per affermare la sua voce come soggetto delle sue traduzioni.

Parole-chiave: Studi Femministi/ di Genere. Traduttologia. Traduzione di paratesti. Le donne italiane nella letteratura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I- A intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero e os Estudos da Tradução	16
1.1 Estudos Feministas e o conceito de Gênero	18
1.2 Gênero e a Tradução	22
1.3 Estratégias tradutórias feministas.....	27
CAPÍTULO II - Mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII: do silêncio para a conversação e à produção	30
2.1 Alfabetização feminina na Itália	34
2.2 Os Salões literários italianos	38
2.3 L'Accademia dell'Arcadia	41
CAPÍTULO III – As tradutoras italianas dos séculos XVII e XVIII	45
3.1 Maria Selvaggia Borghini.....	46
3.2 Giuseppa Eleonora Barbapiccola.....	47
3.3 Luisa Bergalli Gozzi	48
CAPÍTULO IV- A escolha do autor e da obra a ser traduzida pelas tradutoras: consequências sociais	55
4.1 Tertuliano.....	57
4.2 René Descartes.....	60
4.3 Terêncio.....	67
CAPÍTULO V - Comentários dos prefácios das obras traduzidas por Maria Selvaggia Borghini, Giuseppa Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli	71
5.1 Comentários sobre a carta-prefácio à tradução <i>Opere di Tertulliano</i> , realizada por Maria Selvaggia Borghini.....	71

5.2 Comentários sobre a carta-prefácio à tradução <i>I principi della Filosofia</i> de René Descartes, realizada por Giuseppa Eleonora Barbapiccola.....	72
5.3 Comentários sobre as cartas dedicatória que acompanham as traduções das comédias de Terêncio, realizadas por Luisa Bergalli Gozzi.....	79
5.3.1 Paratexto que segue ao final de cada tradução das comédias de Terêncio, realizada por Luisa Bergalli Gozzi.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
APÊNDICE - Tradução dos paratextos.....	89
ANEXO 1 – Paratextos originais	110
ANEXO 2 – Cópias de algumas páginas das traduções realizadas por Barbapiccola e por Bergalli	140

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é o resultado de todo um conjunto de indagações sobre a participação feminina na literatura italiana do passado. Ainda como graduanda de Letras Língua Italiana, questionava a ausência de obras de escritoras entre os autores que eram estudados por nós estudantes de disciplinas de literatura italiana. Isso fazia com que eu me questionasse se teria havido a participação de mulheres italianas naquela literatura e se algumas delas não teriam se destacado ao produzir ou traduzir obras literárias.

Para estudar as obras de autoras italianas que viveram antes do século XX, tendo em vista o fato que não há quase nenhuma divulgação da existência dessas obras e até mesmo do nome das autoras no Brasil, a pesquisadora que demonstrasse tal interesse teria que ser inicialmente movida por um questionamento feminista sobre a existência de produções literárias de cunho feminino para depois, movida pela curiosidade de encontrar algum texto, poder explorá-lo. Inicialmente, com a ajuda da minha orientadora e com muita força de vontade, disposição e paciência fui em busca de registros em manuais de história da literatura italiana, depois na internet e ainda motivada, viajei à Itália para aprofundar minha pesquisa.

Este difícil acesso nos faz pensar que não houve participação feminina na literatura italiana antes de Natalia Giunzburg, Elsa Morante, Dacia Maraini ou Grazia Deledda, o que não é verdade.

Preocupava-me o fato das obras escritas por mulheres do passado terem sido excluídas do cânone e busquei entender os motivos para tal exclusão. Em seu texto *Dancing through the Minefield: some Observations on the Theory, Practice and Politics of a Feminist Literary Criticism*, Anette Kolodny, ao se referir à relação dos interesses das críticas literárias feministas no início dos anos 80, diz que obras de mulheres do passado podem estar excluídas do cânone não por falta de mérito próprio, mas devido “à incapacidade de leitores predominantemente masculinos em interpretar apropriadamente e apreciar os textos de mulheres, por falta de conhecimento prévio das tradições literárias informativas e de seu contexto no mundo real” (1997, p.179-180).

A ideia é, então, tentar compreender o que provocou o esquecimento dessas obras, e propor uma leitura de alguns paratextos encontrados junto a traduções que algumas mulheres do passado realizaram, enquanto documentos históricos, mesmo sem atribuir a esses textos um valor literário para a contemporaneidade.

Para isso, fez-se necessária a leitura de alguns textos teóricos que abordam a

intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero com os Estudos da Tradução como uma estratégia de teóricas feministas a partir das décadas de 1970 e 1980 para reescrever a história literária e questionar as condições subalternas das escritoras e tradutoras do passado.

Foi preciso fazer um recorte temporal, limitando-me a algumas tradutoras italianas dos séculos XVII e XVIII, por ser um período que se situa entre as transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas do final do Renascimento e as novas formas de expressão e comunicação do Iluminismo; período da socialização cultural, do surgimento dos salões literários e das academias, um momento em que as mulheres saíram do completo silêncio de suas casas e iniciaram as primeiras lutas em conjunto pela alfabetização e pela emancipação cultural feminina, conforme veremos.

Para melhor entender como as mulheres entraram no universo da tradução e fizeram dela uma ferramenta a seu favor, no primeiro capítulo desta dissertação inicialmente contextualizo algumas teorias feministas que surgiram na segunda metade do século XX, apresentando uma visão geral do desenvolvimento das pesquisas em torno das mulheres.

Ainda que de maneira simplificada, o propósito inicial é clarificar e apresentar como as feministas abordam a questão do gênero nas relações sociais e institucionais. Na contemporaneidade, o gênero enquanto vetor de poder não é tão explícito quanto no passado, mas ele não deixa de ser uma dimensão importante nas relações de poder mesmo no ocidente pós-moderno.

Fui em busca de vestígios da participação feminina na história da tradução literária italiana tradicional, que sempre narrou e registrou os fatos significativos da literatura feita pelos homens, e apresento as biografias e obras esquecidas de algumas, para mostrar que elas foram atuantes a seu modo e em sua época e contribuíram com o ambiente social, cultural e político de seu tempo.

Farei uma breve explicação sobre o fato de a literatura tradicional ter excluído o sexo feminino do meio cultural. Ria Lemaire (1994) nos dá base para entender porque as mulheres não tiveram oportunidade no meio literário e o porquê de ser registrada apenas uma única história, sem que fossem mencionados os nomes e as obras das mulheres que produziam. Sabemos que esta é uma questão muito complexa, pois a história foi sempre escrita pelo dominante, aquele que está no poder e a mulher foi quase sempre dominada na sociedade patriarcal.

Com base em Lori Chamberlain (1998), apresentarei um panorama das pesquisas feministas no campo dos Estudos da Tradução, mostrando como elas questionam as principais premissas históricas a respeito da tradução, que classificam esta atividade como inferior e por consequência, feminina.

Com o intuito de justificar a busca da produção literária feminina de uma época em que pouco ou quase nenhum valor se lhe dava, exatamente por ser de mulher, tentei apresentar, no segundo capítulo, uma reflexão sobre a vida e a condição feminina na Itália nos séculos XVII e XVIII, a questão da alfabetização das mulheres, de sua entrada nas universidades, sua produção de textos, etc.

Para isso, aproveitei a oportunidade de uma bolsa de estudos em Trento, na Itália, com duração de seis meses, onde tive acesso às fontes de pesquisas disponíveis nas bibliotecas italianas sobre a vida das mulheres no decorrer da história, porém muito dispersas, assim como seu arquivo histórico com algumas das obras das tradutoras que selecionei para esta pesquisa. A consulta a essas obras é muito restrita e só foi possível mediante autorizações solicitadas com a devida antecedência, o acompanhamento de um bibliotecário e somente por um determinado tempo, devendo informar o motivo da pesquisa. Algumas delas se encontravam em pequenas igrejas em comunidades distantes, disponíveis apenas para pesquisadores com o mesmo cuidado e regras das bibliotecas.

Foi possível, desta maneira, ter acesso ao material necessário e desenvolver os demais capítulos desta dissertação. Usei desse período na Itália também para cursar duas disciplinas sobre a literatura italiana, sendo que uma delas, intitulada “L'Accademia dell'Arcadia”, serviu como base fundamental para a compreensão da participação das mulheres nesta fase tão marcante para a literatura italiana, conforme veremos.

No terceiro capítulo comento rapidamente sobre a questão da tradução como veículo de inserção no meio cultural para as mulheres e os gêneros literários utilizados por elas no século XVIII, como também apresento brevemente as três tradutoras que serão citadas neste trabalho: Maria Selvaggia Borghini, Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli, suas obras e traduções. Considerando o período da história de que se ocupou este trabalho, uma época de renovação cultural, em que as pessoas precisavam da tradução para poder ler a obra estrangeira, já que não dominavam outro idioma, e que a tradução enriquecia a cultura local, o papel que o tradutor desenvolvia era de extrema relevância.

Em seguida, no quarto capítulo, procurei mostrar ao leitor um pouco da trajetória que Tertuliano, René Descartes e Terêncio, autores escolhidos pelas tradutoras, percorreram, no que eles contribuíram para a cultura de uma maneira geral, e refletir sobre a escolha das obras que as tradutoras fizeram e as possíveis intenções das tradutoras com essa escolha. Isso nos faz tentar entender a repercussão que a versão italiana realizada por elas teve na sociedade da época.

No capítulo cinco, teço alguns comentários sobre os prefácios que as tradutoras estudadas nesta pesquisa escreveram para as traduções que realizaram.

Nelson Kristofher (apud Guimarães) conceitua um paratexto como “a matéria limiar que forma a ponte entre o contexto de um texto e o próprio texto” (2009, p.71), ou seja, são textos auxiliares interativos que agem como extensão do texto original, como por exemplo, notas de rodapé, glossários, introdução e prefácios.

Neste trabalho de tradução e pesquisa, examinando o papel dos paratextos, percebe-se que ocupam um lugar de fundamental importância, onde as tradutoras dos séculos XVII e XVIII manifestaram suas vozes tradutórias, apresentaram suas dúvidas e ideias, falaram sobre o autor e dialogaram com o leitor, apresentando os caminhos que percorreram e mostrando suas visões a respeito do texto e de seu contexto.

No apêndice, apresento uma tradução dos prefácios encontrados nas obras traduzidas pelas três tradutoras mencionadas nesta pesquisa, a fim de proporcionar aos leitores do meu trabalho o acesso ao corpus que discuto no capítulo cinco. Por se tratar de textos antigos, o italiano utilizado pelas tradutoras é arcaico e muitas palavras e termos já não fazem parte da língua atual, ou tinham outros significados. Por ser a minha primeira experiência tradutória, as dificuldades de ordem linguística e de competência translatória avolumaram-se. A busca para manter o sentido das palavras, das frases, e de um modo geral dos parágrafos no ato tradutório, foi em grande parte, auxiliada e enriquecida pelo professor Sergio Romanelli, que, por ser italiano nativo, estudou o italiano arcaico e recebe aqui os devidos créditos e reconhecimento.

Considerando que se trata de uma cultura distante em tempo e lugar em relação à realidade brasileira, traduzi os paratextos de um modo que ficasse a sensação de estarmos lendo um texto do século XVII ou XVIII. Como tenho consciência de que os paratextos são historicamente datados, não tendo uma relevância intrínseca no contexto atual, optei por uma tradução tipo documento, já que o meu objetivo principal é discutir o espaço que esses paratextos representaram para as tradutoras se afirmarem como sujeito visível daqueles trabalhos.

Espero que esta pesquisa incentive trabalhos futuros dentro da linha de investigação sobre a prática das mulheres na literatura e na tradução e que por meio dela, seja possível refletir sobre os fatores que determinaram essas mesmas práticas que foram como primeiros passos de uma longa trajetória, para tentar entender até que ponto essas traduções, assim como as produções literárias femininas do passado contribuíram para as conquistas das mulheres nos séculos posteriores.

1 A intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero e os Estudos da Tradução

Na história literária, as mulheres, especialmente nos dois últimos séculos, têm participado intensivamente na produção e na tradução de literatura. Essa produção torna-se notável se analisadas as condições desfavoráveis e preconceituosas que elas encontraram no passado, ao tentarem compor seus textos e publicá-los.

Firmadas nas décadas de 1970 e 1980, pesquisas realizadas por teóricas feministas nos Estudos Literários e nos Estudos da Tradução se ocupam em destacar autoras e tradutoras cujos trabalhos ficaram invisíveis por séculos, além de procurarem melhor entender todo o percurso que essas mulheres desenvolveram durante sua vida profissional, bem como pessoal, suas limitações, as barreiras encontradas e suas contribuições para a sociedade em que viviam.

A história literária tradicional, por muitas vezes, ignorou, isolou, desqualificou ou excluiu indivíduos que, ou por razões de ideias, raça, sexo ou nacionalidade, não se adequaram ao sistema vigente, formando a ilusão de uma única história, uma só tradição, e fingindo não perceber o impacto das estruturas sociais na literatura negando assim, “o papel das ideologias nas obras literárias e na sociedade, bem como a inter-relação de suas funções” (LEMAIRE, 1987, p. 59).

A teórica francesa Ria Lemaire afirma que a maneira como vem sendo escrita e ensinada a história literária no Ocidente tem se apresentado como “um fenômeno estranho e anacrônico” (1987, p. 58), no qual se repete a sucessão cronológica de guerreiros heróicos e a sucessão de escritores brilhantes; ela ainda acrescenta que “em ambos os casos, as mulheres, mesmo que tenham lutado com heroísmo ou escrito brilhantemente, foram eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando que, em assuntos de homem, não há espaço para mulheres ‘normais’.” (1987, p. 58)

Segundo a autora, é necessário contestar esse tipo de historiografia e desconstruir o mito de uma única literatura, do cânone e da monopolização da cultura de obras escritas impostas pela tradição masculina que teve como resultado a exclusão das mulheres dessa cultura, como se depreende desta afirmação:

Foi por meio da introdução da escrita nas línguas vernáculas européias que a primeira desproporção essencial entre homens e mulheres foi estabelecida. A

partir deste momento, os homens tiveram duas culturas: uma predominantemente oral e tradicional, e a outra estrangeira, escrita e apresentada como superior. A história da literatura medieval, examinada a partir desta perspectiva, mostra as formas de coalizão entre os dois tipos de cultura e a progressiva exclusão das mulheres dos domínios masculinos (LEMAIRE, 1987, p. 68).

Isso reforça que a história é escrita por quem está no poder, ou seja, a literatura foi escrita apenas por homens. Entretanto, a historiografia literária feminista contribuiu e ainda contribui de forma significativa a favor da desconstrução do discurso apresentado pela história literária tradicional e propondo mudanças a fim de repensar e reescrever a história literária.

Fica evidente, diante dessas pesquisas, que a história das mulheres foi propositalmente esquecida e, portanto, é preciso revelar as muitas mulheres que ainda permanecem desconhecidas e ignoradas pela história literária tradicional.

Nesse sentido, os Estudos Feministas buscam ressaltar os elementos culturais, sociais, políticos e econômicos que influenciam as relações de gênero, bem como as tensões e as contradições que se estabeleciam nessas relações nas sociedades em diferentes épocas. Introduzir no campo de análise histórica as mulheres, não significa ter uma posição particularista e excludente, mas, sim, uma maneira nova de ver a literatura e os fenômenos históricos que compreendem tanto os homens quanto as mulheres e enriquecem a historiografia. Assim, o objetivo desta dissertação é, além de traduzir e comentar os paratextos encontrados em obras de mulheres, apresentar essas tradutoras italianas que foram esquecidas ou ignoradas pela história tradicional e investigar suas práticas tradutórias para melhor entender o papel que elas exerceram na sociedade em que viviam. Pretendo estudar e descrever essas práticas e as estratégias empregadas por elas, porque as compreendo como formas de superar os desafios e obstáculos que elas enfrentavam no meio literário, conforme explica Chamberlain:

A pesquisa feminista tem destacado um número considerável de produções literárias femininas, anteriormente marginalizadas ou reprimidas no cânone acadêmico; deste modo, tais pesquisas enfocam o conflito entre teorias de produção literária codificadas em termos masculinos e a realidade da escritora (1998, p. 48).

Chamberlain ressalta que as pesquisas feministas também apontam que “[...] as representações convencionais da mulher – sejam elas artísticas, sociais, econômicas ou

políticas – têm sido determinadas por uma ambivalência cultural sobre a possibilidade da mulher como artista e do *status* de sua ‘obra’ ”(1998, p. 33; grifo da autora).

1.1 Estudos Feministas e o conceito de Gênero

A teorização feminista questiona as convenções sociais, culturais e políticas desfavoráveis às mulheres. Um estudo realizado pela australiana Elizabeth Gross, na década de 1980, apresenta que em 1960, no início dos estudos aprofundados sobre as mulheres, momento em que se inaugura a era do feminismo, principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra, as feministas começaram a questionar algumas ideias e suposições da teoria tradicional a respeito de sua condição. Nesse período, elas entendiam o gênero como sendo a “base da subordinação das mulheres na vida pública e privada e era visto como um fenômeno que afeta todas as mulheres” (VON FLOTOW, 1997, p. 6).

Primeiro, os interesses das feministas se direcionavam para a questão da exclusão das mulheres como possíveis “objetos de investigação”. Todos os assuntos relacionados às mulheres deveriam ser incluídos como “objeto relevante e digno de interesse intelectual” (GROSS, 1986, p. 85), dado que as mulheres foram ignoradas e que se negou seu valor dentro da cultura patriarcal.

Porém, dessa maneira, mesmo que se critiquem aspectos dos discursos patriarcais, ainda não se questionam as suposições fundamentais, como assuntos mais amplos e públicos a respeito das mulheres, uma vez que, na década de 1960, ainda não existiam teorias “puramente” feministas, e sim eram tomadas emprestadas às que já circulavam por outros autores que tratavam da condição feminina. As mulheres utilizavam esses textos para tentar dar conta da opressão voltada para o sexo feminino e na tentativa de incluir as mulheres como iguais aos homens nas pesquisas.

A grande problemática da inclusão das mulheres nos discursos patriarcais era a tentativa de mudança na estrutura da esfera pública já formada, ou seja, não era possível simplesmente incluir as mulheres nessas teorias já existentes, que anteriormente as haviam excluído, uma vez que “essa exclusão era um princípio estruturador fundamental e uma pressuposição chave dos discursos patriarcais. Muitos discursos patriarcais não podiam ampliar-se ou estender-se para incluir as mulheres, sem sofrer transtornos e transformações muito importantes” (GROSS, 1986, p. 86). Não havia

espaço dentro dos limites desses discursos para tais discussões.

Na tentativa de reconstituir essa esfera pública e incluir as mulheres nesses discursos, discute-se uma segunda questão: Se incluídas as mulheres como objeto de especulação teórica, não seria questionada sua posição como sujeito na produção do conhecimento, tornando essa tentativa inválida?

Assim, segundo Gross (1986, p. 87), a base das discussões feministas voltou-se para a distinção entre ser considerado sujeito ou objeto da pesquisa e entre a luta por igualdade ou autonomia. Como sujeitos, elas seriam desligadas dos objetos (mulheres e a feminilidade), devendo conhecer sua posição como mulher. Como objetos, teriam uma posição acadêmica secundária, e seria tratada somente a questão da igualdade e não sua especificidade como mulheres.

O que a autora explica é que as lutas por igualdade implicavam uma aceitação de normas determinadas e uma conformidade a respeito de suas expectativas e requisitos, e as lutas por autonomia implicavam o direito de recusar tais normas e criar outras, ou seja, ou as mulheres buscavam a igualdade de direitos, sendo objeto de pesquisa, ou buscavam a autonomia, sendo sujeitos do conhecimento das pesquisas. Percebe-se que os interesses não eram necessariamente compatíveis, porém contribuíram radicalmente para que mudasse a atitude feminista diante dos discursos patriarcais. A mulher, ao se transformar em sujeito e não mais objeto da escrita masculina, quebrou a condição que lhe era oferecida, não aceitou passivamente os argumentos, a autoridade e o domínio masculino e contestou a submissão feminina.

Von Flotow afirma que

O gênero passou a ser reconhecido como uma importante categoria analítica, bem como um fator que gera impacto em decisões empresariais, instituições educacionais e políticas governamentais. É reconhecido como uma subestrutura básica da sociedade que deve ser examinada, entendida e analisada em suas muitas formas e funções (1997, p. 8, tradução nossa¹).

A historiadora feminista norte-americana Joan Scott apresenta um panorama relacionado ao emprego do conceito de gênero desde sua aparição entre as feministas americanas que insistiam sobre seu caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo e as inúmeras definições que lhe foram atribuídas desde então.

Scott (1990, p. 5) afirma que o conceito de gênero era utilizado inicialmente por

¹ Todas as citações de textos em línguas estrangeiras foram traduzidos pela autora deste trabalho.

feministas americanas nos anos 1960/70 como o saber a respeito das diferenças sexuais, rejeitando o “determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. Segundo a pesquisadora, para as feministas, os Estudos de Gênero não acrescentariam só novos temas, como também um reexame crítico das premissas e dos critérios de trabalhos científicos existentes. Essa nova metodologia resultaria não apenas em uma nova história das mulheres, mas, sim, em uma nova história, e isso dependia do desenvolvimento do gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1990, p. 6), de forma a ser constituído e questionado, a fim de verificar sua posição nas relações sociais humanas e na organização e percepção do conhecimento histórico.

Ou seja, a partir da categoria analítica de gênero se estabelece o conhecimento histórico e é por meio dele que se buscam analisar as contínuas desigualdades persistentes, experiências sociais diferentes, a qualidade dos trabalhos realizados por mulheres e seu *status* marginal.

Visto que as mulheres foram excluídas da historiografia oficial, não bastou para as historiadoras provar que as mulheres tiveram uma história e que participaram das principais agitações políticas da civilização ocidental (SCOTT, 1990, p. 6). O interesse mínimo em relação à participação das mulheres na história, explica a autora, resultou em um desafio teórico que exige não somente a relação entre as experiências masculinas e femininas no passado, mas também o laço entre a história do passado e as práticas históricas do presente.

Assim, segundo a autora, no meio dos estudos feministas, surgiram abordagens de análise de gênero remetidas a três posições teóricas: a primeira, inteiramente feminista, explica as origens do patriarcado; a segunda situa-se no interior de uma tradição marxista e busca o compromisso com as feministas; e a terceira explica a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito (SCOTT, 1990, p. 8).

A abordagem que se ocupou das origens do patriarcado trabalhou a questão da reprodução como dominação, a subordinação do sexo feminino, a necessidade masculina de dominar as mulheres e a questão da desigualdade e sua origem na sexualidade. Segundo a historiadora, as teorias do patriarcado apresentam alguns problemas porque não explicam porque esse sistema funciona assim, além da sua análise se basear sobre a diferença física entre os sexos, gerando uma visão essencialista.

A teoria que se ocupou com uma abordagem mais histórica, limitada pela questão material, foi a proposta pelas feministas marxistas. Scott explica que a essa proposta teórica reside no “reconhecimento que os sistemas econômicos não determinam de maneira direta as relações de gênero e que, de fato, a subordinação das mulheres é anterior ao capitalismo e continua sob o socialismo [...]” (1990, p. 9). Dentro dos estudos marxistas feministas, a discussão sobre o conceito de gênero foi tratada como um subproduto dentro das estruturas econômicas e não teve seu próprio estatuto de análise.

A terceira abordagem pode ser chamada de teoria psicanalítica e ocupou-se das influências da experiência concreta, da criança na formação da identidade de gênero, além do “papel central da linguagem na comunicação, na interpretação e na representação do gênero” (SCOTT, 1990, p.11). Scott critica na vertente psicanalítica a “oposição binária” que é fixada “entre o masculino e o feminino como a única relação possível e como um aspecto permanente da condição humana” (1990, p. 12).

Após essa explanação, Scott formula a sua conceituação de gênero. Ela conceitua gênero de duas formas: “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1990, p. 14). O primeiro aspecto do conceito é mostrar como a compreensão a respeito do que seja masculino e feminino é influenciada por símbolos culturais, conceitos normativos impostos pelas doutrinas religiosas, instituições e organização social e política, bem como pela identidade subjetiva, mostrando como a identidade é realmente constituída. Na segunda parte, o gênero é visto como um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas de interação humana, onde o gênero é um primeiro campo, por meio do qual o poder é articulado. E uma das tarefas que para ela se colocam é: “os historiadores devem antes de tudo examinar as maneiras pelas quais as identidades de gênero são realmente construídas, e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e representações sociais historicamente situadas” (SCOTT, 1990, p. 15).

Uma dessas atividades, a prática da tradução, tem sido examinada nas últimas décadas por teóricas feministas, na perspectiva de gênero.

1.2 Gênero e Tradução

A intersecção entre os Estudos Feministas/ de Gênero e os Estudos da Tradução promoveu um olhar sobre o trabalho de tradução realizado por mulheres do passado. Segundo Godard (1990, p. 87), questões de linguagem e gênero surgiram como preocupação central das teorias feministas no início dos anos 1980. Para as feministas, não há como dissociar linguagem e gênero, uma vez que o comportamento linguístico não é natural, mas, sim, faz parte da construção social do indivíduo. A linguagem sempre foi um dos espaços mais importantes de subordinação da mulher pelo homem. As escritoras feministas começaram a realizar um trabalho experimental em seus textos em uma tentativa de crítica à linguagem patriarcal, como uma nova forma de expressão de suas realidades, em que seus sentimentos e experiências pudessem ser manifestos. Elas entendiam que a língua era “feita para refletir a vida dos homens, suas realidades” e suas idéias e deixava de fora a realidade das mulheres (VON FLOTOW, 1997, p. 8). Quebrar o discurso dominante torna-se um desafio para a escritora e a tradutora. A ideia é refazer o discurso dominante a partir da multiplicidade da fala das mulheres, como uma prática de emancipação do discurso feminista, de maneira política, por meio da construção de novos significados (GODARD, 1990, p. 88).

Os Estudos Feministas começaram a criticar a analogia que associa o papel secundário da mulher na sociedade ao trabalho derivativo da tradução. Godard questiona a posição tradicional do tradutor como servo e a tradução como uma atividade mecânica que apenas transforma as palavras de uma língua para a outra. Isso ocorre devido à visão tradicional da tradução como “equivalência”, que é fundada na “poética da transparência”. Segundo essa concepção, a mensagem do texto deve ser transposta de uma linguagem para outra de forma que o significado da mensagem seja preservado e que haja uma identidade de conteúdo entre os dois textos (1990, p. 91), ou seja, a tradução deve naturalmente transmitir a linguagem “equivalente” do texto de partida para o texto de chegada. Assim, na atividade tradutória, a “tradução é considerada como uma cópia, e não uma atividade propriamente criativa” (GODARD, 1990, p. 93).

Chamberlain, em seu texto *Gênero e a Metafórica da Tradução* (1998), discute as oposições binárias de autor e tradutor, original e tradução, e mostra como isso tem sido associado tradicionalmente ao binarismo homem/mulher, que sugere a obrigatória fidelidade do segundo ao primeiro, mostrando que o mundo se concentra no masculino,

visto como original e autoridade sobre o feminino, a cópia.

A autora, além de mostrar como as diferentes metáforas utilizadas tradicionalmente para se referirem à tradução são ligadas à mulher, seja como mãe, filha, amante ou como esposa; também explica que as pesquisas feministas realizadas em diversas disciplinas têm demonstrado que

a oposição entre trabalho produtivo e reprodutivo determina o modo como os valores de uma cultura atuam: esse paradigma descreve originalidade e criatividade em termos de paternidade e autoridade, relegando à figura feminina uma série de papéis secundários (CHAMBERLAIN, 1998, p. 33-34).

Da mesma maneira que a mulher, a tradução era considerada como tendo uma função de reprodução, inferior àquela de produção, que está ligada ao homem e ao texto original; o ato tradutório era classificado como secundário e inferior em relação ao original. A analogia, além de gerar graves problemas para a profissão, aponta a tradução como feminina, e o original como masculino, e sugere ainda o original como “natural, verdadeiro e legítimo”, e a cópia como “artificial, falsa e traidora” (CHAMBERLAIN, 1998, p. 34).

Nos dias de hoje, as condições para publicação de livros escritos e traduzidos por mulheres são muito melhores, porém, se olharmos para os séculos anteriores, nomes de mulheres quase não eram encontrados em capas de livros, por exemplo. As mulheres publicavam frequentemente com pseudônimos, nomes fictícios ou, ainda, apenas com as iniciais de seu nome para não serem discriminadas ou tratadas distintamente pela crítica. A produção de literatura foi dominada pelos homens. À mulher, que conseguia o acesso à alfabetização e ao estudo de línguas, cabia apenas a tarefa secundária de traduzir. Também como tradutoras, na maioria das vezes, suas obras eram publicadas com o uso de pseudônimos ou no nome do marido, ou sequer era citado quem realizou a tradução na obra publicada.

Chamberlain destaca que

Embora obviamente tanto homens como mulheres façam traduções, a lógica binária que nos encoraja a definir o profissional de enfermagem como feminino e o de medicina como masculino, o de ensino como feminino, e o de ensino superior como masculino, o de secretária como feminino, e o de altos executivos como masculino, também mostra a tradução, de várias maneiras, como uma atividade de arquétipo feminino (CHAMBERLAIN,

Dentre as metáforas e as analogias apresentadas pela autora, destacam-se a famosa expressão francesa *Les Belles Infidèles*, proveniente da corrente tradutória defendida por Perrot d'Ablancourt, que afirmava que se deveria ser fiel ao estilo e à beleza do texto, deixando de traduzir palavra por palavra.

Chamberlain explica que “como as mulheres, diria o provérbio, as traduções ou são belas, ou são fiéis” (1998, p. 34). A metáfora remete à fidelidade no casamento e à tradução, que é definida por um “contrato implícito entre tradução (como mulher) e original (como marido, pai, ou autor)” (CHAMBERLAIN, 1998, p. 35). Ao fazer referência ao casamento tradicional, a esposa/tradução “infidel” é publicamente julgada por crimes que o marido/original por lei é isento de cometer” (CHAMBERLAIN, 1998, p. 35), impossibilitando que o original/marido receba a culpa de infiel.

Essa metáfora introduzida pelo teórico francês Ménage (1613-1692) e que permaneceu por três séculos na Europa (LUKOSCHIK, 2006, p. 20), segundo Simon, reforça a ideia de “fidelidade como oposto de beleza, ética, como o oposto de elegância, o trabalho penoso da obrigação moral como incompatível com a felicidade estilística (ou conjugal)” (1996, p. 10), e ainda ressalta que a “autoridade hierárquica do original sobre a reprodução está ligada à imagem do masculino e do feminino; o original é considerado o homem forte e gerador, a tradução, a mulher fraca e derivada” (1996, p. 1).

Simon explica que, segundo Jacques Derrida, a tradução é tão original quanto secundária. Para o teórico francês a tradução é escritura, não se tratando de tradução apenas no sentido de transcrição, mas de uma produção escrita convocada pelo texto original (1996, p. 94). Os estudos derrideanos ofereceram às tradutoras um vocabulário que lhes permitiu redefinir suas tarefas, afirma Simon (1996, p. 95). A tradução, apesar de reivindicar igualdade com a escrita, é continuamente ultrajada ou ignorada. Porém, de acordo com o autor, subvertendo a autonomia e o privilégio do texto de partida, colocam-se o original e a tradução dependentes entre si. Chamberlain explica que “ao argumentar a favor da interdependência da escrita e da tradução, Derrida subverte a autonomia e o privilégio do texto ‘original’, vinculando-o a um contrato impossível, mas necessário com a tradução e os colocando em dívida, um com outro” (SIMON, 1996, p. 50).

As tradutoras feministas buscam assim quebrar o conceito da tradução como derivação e a constante referência à infidelidade do tradutor. Como bem explica von Flotow, “todo o projeto pós-estruturalista de questionar narrativas mestras, desafiar verdades definitivas e explorar a relatividade do significado obrigou a tradução a se tornar uma operação criativa” (1991, p. 80). Assim, Godard afirma que, entendendo a tradução como “operação criativa”, e não como “mera recriação” (1990, p. 93), as teorias feministas dão suporte para tentar elevar o papel do/a tradutor/a como criador/a e produtor/a de significados. Chamberlain, que também aborda essa questão, complementa que “a transformação da tradução, de atividade reprodutora para produtora, de função secundária para original, pressupõe a codificação dos direitos da tradução como direitos de propriedade – sinais de riqueza, sinais de poder” (1998, p. 46).

Chamberlain lembra, citando Margaret Hannay (1998, p. 51), que “em muitos períodos da história, as mulheres tinham permissão para traduzir com exatidão porque a tradução era considerada uma atividade secundária” e explica que o papel das pesquisadoras é “aprender a ouvir o discurso silenciado - das mulheres como tradutoras – para melhor articular a relação entre o que foi codificado com o discurso “autoritário” e o que é silenciado na ruptura e na subversão” (CHAMBERLAIN, 1998, p. 51). Chamberlain cita Carol Maier e explica que a escolha dos textos a serem traduzidos se torna crucial para as tradutoras:

a função da tradutora não é a de silenciar, mas a de dar voz, prover textos que levantem questões polêmicas e abram perspectivas. É fundamental que, como tradutoras, as mulheres desafiem tanto as obras antagônicas quanto as compassivas. Elas devem se tornar independentes, intérpretes “resistentes”, não apenas dando voz às obras antagônicas [...] mas também falando com elas e situando-as em contextos mais amplos, discutindo-as, assim como discutindo seus processos de tradução (CHAMBERLAIN, 1998, p. 52).

Ao referenciar Maier, Chamberlain ressalta a importância não apenas de traduzir, mas de escrever sobre tradução, de teorizar a respeito, assumindo abertamente suas escolhas tradutórias. Dessa maneira, as tradutoras feministas quebram os padrões convencionais de fidelidade e fazem da tradução um espaço de criação de significados.

No início da década 1980, a teorização da tradução por meio dos Estudos Feministas ganhou subsídios para que o ato tradutório passasse a ser analisado em termos mais amplos e culturalmente motivado. Sherry Simon retrata o contexto

contemporâneo da tradução em seu texto *Gender in Translation*, mostrando a virada cultural que direcionou a atenção dos estudiosos para outros fatores, como: o que fazem as traduções e de que maneira elas circulam no mundo e o que elas exigem (1996, p. 7). Segundo a autora, os estudos que se referem à prática da tradução por parte das mulheres têm possibilitado perceber suas intervenções nos movimentos culturais e intelectuais de seus tempos e ainda, analisar como elas próprias constroem ou construíram suas identidades (SIMON, 1996, p. 9).

Simon explica que as primeiras traduções feitas por mulheres foram de textos religiosos no início da Idade Média na Europa. Ao traduzirem, as mulheres reivindicavam o direito de demonstrar sua fé e devoção a Deus e quebravam o silêncio ao qual estavam submetidas e confinadas. Para a pesquisadora, “a tradução ofereceu às mulheres um envolvimento na cultura literária, como produtoras e consumidoras, o que não desafiava diretamente o controle masculino daquela cultura” (1996, p. 46).

Portanto, ao longo dos séculos, a tradução tem desempenhado um papel social, estético e cultural importante para as mulheres, pois foi por meio dela que o sexo feminino entrou para o campo literário e aos poucos foi quebrando com a resistência e conceitos patriarcais tradicionais. Utilizando, por exemplo, paratextos em suas obras traduzidas, elas podiam falar com seu público alvo, falar de suas intenções como tradutoras e suas expectativas em relação à obra traduzida. Era uma estratégia de a mulher expressar-se, ter voz e inserir-se no meio cultural, assumindo uma postura de sujeito da tradução que realizava. A teorização feminista da tradução tem utilizado diversas estratégias subversivas com o objetivo de dar voz às mulheres do passado, questionando os conceitos que declaram a tradução inferior ao original e a tarefa do tradutor como sendo transparente e com fidelidade absoluta em relação às intenções do autor. É por meio dessas estratégias subversivas, citadas nesta pesquisa, que busco encontrar em algumas traduções realizadas por três mulheres italianas, indícios para melhor entender o papel da mulher tradutora italiana na sociedade patriarcal do tempo em que viveram. São tradutoras como Maria Selvaggia Borghini, Giuseppa Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli Gozzi que adotaram essas estratégias e que perceberam a tradução como um espaço para suas lutas político-ideológicas, e a usaram como tal.

1.3 Estratégias tradutórias feministas

As tradutoras feministas contemporâneas têm adotado algumas estratégias ousadas para quebrar a visão secundária e não criativa da tradução, enquanto modos inovadores de se expressarem e apresentarem sua posição como tradutoras dentro do discurso da tradução. Segundo Simon, elas buscam de diferentes formas “explicar como a interação criativa com o trabalho provocará a emergência de novos significados” (1996, p. 13). A autora cita von Flotow em seu livro e especifica três principais estratégias utilizadas por algumas tradutoras feministas atuais de língua francesa: o uso do prefácio e da nota de rodapé em suas traduções, o suplemento (*supplementing*) e, por último, o sequestro (*hijacking*) (SIMON, 1996, p. 14), que também podem ser chamados de “sobre-tradução” e “sequestro aéreo” respectivamente, termos usados por Marie-France Dépêche (2002). Porém, de certa forma, já podemos identificar algumas estratégias semelhantes nos trabalhos de tradutoras do passado.

O prefácio é fundamental para que a tradutora esclareça a sua compreensão do texto original e exponha as dificuldades que encontrou ao traduzi-lo, explicando as estratégias que utilizou ao longo da tradução. É por meio dele que a tradutora ganha voz ativa e autoridade, pois sua voz antecede a do autor, direcionando o livro traduzido em seu novo contexto, tornando esse momento uma oportunidade da tradutora poder se expressar e mostrar sua identidade.

Um importante trabalho realizado pelo teórico americano Douglas Robinson, intitulado *Theorizing Translation in a Woman's Voice: Subversions of the Rhetoric of Patronage, Courtly Love, and Morality by Early Modern Women Translators*, enfatiza que os prefácios escritos por tradutoras ao longo da história, encontrados em obras por elas traduzidas, vem contribuindo com os estudos sobre teoria e prática da tradução feminina. Segundo Robinson, foi o prefácio que possibilitou às mulheres se dirigirem ao público alvo da cultura de chegada e apresentar, implícita ou explicitamente, seus conceitos em relação à tradução, tornando pública a voz da mulher e libertando-a do anonimato (1995, p. 158).

Simon diz que o prefácio feito por Margaret Tyler no século XVI em sua tradução para o inglês de *A Mirrour of Princely Deeds and Knighthood* (1578), obra do autor espanhol Diego Ortunez de Calahorra, foi considerado “um marco na história feminista literária” (1996, p. 48), pois, além de apresentar um discurso persuasivo,

defende o direito de as mulheres lerem e traduzirem textos que não são apenas os de cunho religioso. Robinson explica que o prefácio de Margaret Tyler à sua tradução é um “documento inegavelmente feminista, no qual ela, ousadamente, defende seu posicionamento contra os cavaleiros e, inteligentemente, desconstrói a lógica patriarcal que a excluía” (ROBINSON, 1995, p. 158).

As notas de rodapé são uma estratégia que também chama a atenção do leitor para a prática tradutória, retratando pontos mais específicos da tradução. Ainda que sejam consideradas, na maioria dos casos, como a parte menos importante de um texto, até mesmo por sua localização, são utilizadas como uma ferramenta para o processo tradutório, principalmente, quando se trata da tradução de uma obra literária que abrange um contexto cultural completamente diverso daquele da obra original. Chamando a atenção para o processo tradutório, impõe-se, através disso, a voz de quem traduz, de um sujeito tradutor.

A primeira estratégia citada por von Flotow, segundo Simon, é o suplemento ou a “sobre-tradução”. É por meio dela que a tradutora pode fazer intervenções, manter algumas palavras na língua original e acrescentar sua tradução a seguir, fazer uso de trocadilhos, de jogos de palavras e aliteraões, ou até mesmo marcar em negrito uma palavra do autor do texto fonte, compensando as diferenças entre as línguas de modo criativo, ou seja, como um “movimento intervencionista da tradutora” (1996, p. 14).

Von Flotow assim como Robinson, também menciona os prefácios e as notas de rodapé como uma segunda estratégia. A terceira prática utilizada pelas tradutoras feministas segundo von Flotow é a “apropriação de um texto cujas intenções não são necessariamente feministas pela tradutora feminista”, que a autora chama de “sequestro” (1996, p. 15), ou seja, a estratégia de dar novo significado ou transformar uma palavra masculina no original, ou neutra, intencionalmente em feminina na tradução, um nome próprio masculino em feminino, fazendo assim, manifestar as mulheres na língua, modelando o texto fonte, dando autoridade e autoria à tradutora. As tradutoras feministas canadenses se utilizam desses recursos com a intenção de subverter a língua e a cultura patriarcal dominante, impondo tradução como sinônimo de criação, numa tentativa de desconstruir a fala masculina nas obras que traduzem.

Com base nas teorias de von Flotow e Robinson sobre o uso de prefácios como uma das possíveis estratégias para chamar atenção sobre o sujeito tradutor em uma obra traduzida, proponho a tradução e a análise de prefácios encontrados em algumas obras

traduzidas por mulheres italianas dos séculos XVII e XVIII a fim de mostrar não somente como estas tradutoras se colocavam diante de seu público leitor, mas também, que elas tiveram um papel relevante na vida cultural de sua época por meio de seu trabalho de tradução.

2 Mulheres italianas nos séculos XVII e XVIII: do silêncio para a conversação e à produção

*A mulher, pra falar a verdade, não é um ser humano. Jacques Cujas
As mulheres existem pelo único objetivo de servir e cuidar dos homens. Lutero*

Discursos de homens, principalmente daqueles considerados *cultos* e *sábios* como estes acima citados, são comuns de serem encontrados quando exploramos a experiência feminina nas mais diversas culturas, desde a Antiguidade. De acordo com Wiesner, até o século XVI, quase todos os pensadores religiosos e laicos concordavam em considerar a mulher inferior em relação ao homem e forneciam inúmeros exemplos da imperfeição feminina (1998). No período a que Wiesner se refere, o número de mulheres que se destacavam era ainda menor em relação aos três séculos posteriores.

Visto que tantos estudiosos ilustres expressavam suas opiniões sobre a “natureza da mulher”, tal fato se tornou um tipo de garantia de veracidade para a maioria das pessoas. Poucos reconheciam que o julgamento definitivamente negativo que a cultura ocidental fazia sobre as mulheres dependia da questão que quase todos os textos eram escritos por homens. Certamente o quadro seria bem diferente, se as mulheres também tivessem tido a oportunidade de deixar um testemunho do próprio pensamento. Porém, entre 1500 e 1750, alguma coisa mudou, afirma Wiesner, graças à renovação cultural iniciada no Renascimento, às reformas religiosas do século XVI e ao progresso científico de 1600.

Com a intenção de explicar o percurso das mulheres italianas em busca de igualdade e de emancipação cultural, será feita uma referência a um estudo realizado por Merry Wiesner, em 1993, sobre a vida das mulheres na Europa entre 1500-1750 e sobre o desenvolvimento das noções de masculinidade e de feminilidade. Wiesner apresenta uma cobertura geograficamente ampla, desde a Espanha até a Escandinávia e da Rússia à Irlanda sobre os vestígios da experiência feminina na literatura. Em seu livro *Women and Gender in Early Modern Europe*, a autora explica temas como: o ciclo de vida das mulheres, a alfabetização, o papel econômico, a sexualidade, as criações artísticas e as relações entre gênero e poder.

Para entender a questão da alfabetização das mulheres, voltemos até a Idade Média, quando não havia universidades, e, por isso, as mulheres que sabiam ler e escrever eram ligadas à religião. De acordo com a feminista Margaret King, no interior de mosteiros, resguardadas das tensões econômicas e sociais do mundo secular, libertas das funções do casamento e do peso de pertencerem ao sexo feminino, mulheres podiam dedicar-se a escrever textos religiosos, traduzir obras do latim para o vernáculo e trocar correspondência com poderosos (1994).

Wiesner assim como King afirma que residentes em conventos ou congregações, especialmente professoras, tinham maiores possibilidades de deixar registros escritos de suas ideias e experiências. Essas instituições estavam mais acostumadas com a escrita feminina e tendiam a preservar os textos, diferentemente de famílias leigas ou pessoas a quem eram endereçadas as cartas (1998).

Porém, a Igreja em seus discursos religiosos, segundo a estudiosa Petra Stacherl, pedia às mulheres que eram casadas que permanecessem em seu seio familiar e seguissem o modelo católico feminino exclusivamente de esposa e de mãe e que renunciassem às demais coisas (2001), ou seja, a mulher tinha dois caminhos a seguir: ou dedicava-se à religião, e assim poderia dedicar-se aos estudos de línguas e de textos religiosos e produzir seus próprios textos em forma de cartas e epistolários, ou poderia se casar e dedicar-se à família – marido, filhos e casa. Stacherl faz referência ao trabalho de Michela di Giorgio, *Das Katholische Modell*, (1997), onde a autora afirma que a Igreja se opôs ao progresso das mulheres, tentando retardar seu desenvolvimento e mantê-las como servas dentro do seio familiar (2001). Para a Igreja, deveria existir uma divisão de papéis: mulheres com suas famílias na esfera privada e homens na área pública, envolvidos com a cultura e a política. A educação das mulheres era apoiada no âmbito religioso somente para a leitura da Bíblia, que deveria mantê-las obedientes, algumas vezes, dando a possibilidade para as mulheres escreverem em conventos e internatos, outras, elencando inúmeras regras para que permanecessem em seus lares.

A produção feminina do passado ganhou algum destaque por meio de iniciativas de literatos ilustres, considerados exceções por ressaltarem as qualidades femininas, que organizaram coletâneas dedicadas à visibilidade das mulheres. Um exemplo importante é o italiano Giovanni Boccaccio, que, assim como alguns outros escritores europeus, como Dante Alighieri, iniciou um debate sobre o caráter e a natureza das mulheres. Ele

escreveu e publicou, em 1361, uma obra intitulada *De mulieribus claris* (reeditado em 1375), elencando 103 biografias de mulheres ilustres que se destacaram pela sua lealdade, coragem e honestidade.

Christine de Pizan foi uma das primeiras mulheres a intervir com destaque nessa nova tentativa de exaltar o sexo feminino, não se limitando em apenas elencar nomes de mulheres ilustres, como também procurou entender as razões da subordinação feminina. A escritora e tradutora nasceu na Itália, porém se mudou com a família para a França ainda muito jovem. Em Paris, escreveu uma série de obras em defesa das mulheres, a mais importante delas é *Cité des dames* (1405), onde discutiu o motivo de tanta discriminação. Christine apresentou alguns fatores como o impedimento a uma formação cultural, a falta de autonomia econômica e, em geral, as condições subalternas que impediam as mulheres de se destacarem. Segundo Wiesner, por Christine ter problematizado com clareza os fatores históricos pelos quais as mulheres eram consideradas objetos e por ter reconhecido os pressupostos sociais e econômicos da fragilidade feminina, foi definida como uma das primeiras feministas da história (1993, p. 16).

Wiesner explica que o período renascentista traz um novo status para os artistas no mundo da cultura. A época favorece uma nova visão de “gênio criativo” (grifo da autora). Os autores homens começaram a deixar suas marcas particulares em suas obras, como na pintura, na arquitetura e na escultura (WIESNER, 1998, p. 201). Estas artes eram consideradas mais importantes que as demais. Grande relevância também era dada à poesia, ao contrário das epístolas e diários, por exemplo, gêneros muito utilizados pelas mulheres no período em questão, e que muitos julgavam não terem grande valor literário. Muitas vezes, essas cartas e diários ou permaneciam apenas no âmbito familiar, ou se perdiam.

No mesmo período, as oportunidades educacionais para os homens se expandiram significativamente. Com a chegada da impressão, explica Wiesner, o uso de manuais educativos foi intenso principalmente pelos pais artesãos que faziam questão que seus filhos do sexo masculino começassem a aprender a ler desde pequenos, entre sete e oito anos, com a intenção de estudos futuros nas universidades e de eventual carreira como médicos, advogados e, até mesmo, como professores universitários (1993). A autora afirma que, até o final do século XVI,

a maior parte dos homens que ocupavam determinados setores como por exemplo, as indústrias, era alfabetizada. Para favorecer a leitura da Bíblia e de outros textos de literatura religiosa, muitos reformadores protestantes promoveram a abertura de escolas, quase todas reservadas aos homens, onde era ensinada a língua falada pelo povo (WIESNER, 1998, p. 118).

Para os homens, a mulher não precisava se alfabetizar, já que eles poderiam ler e escrever o que fosse necessário. Havia algumas preocupações por parte do sexo masculino que influenciaram na grande diferença cultural entre homens e mulheres. Segundo Wiesner (1998, p. 118), os pais pensavam que não seria interessante desviar suas filhas dos rotineiros afazeres domésticos para encaminhá-las a uma vida de estudos que acreditavam não ter uma serventia futura. Por que as mulheres estudariam ou aprenderiam a ler e a escrever se lhes eram vetadas as oportunidades de estudar em uma universidade depois? Por que elas estudariam se não lhes seria oferecida depois uma oportunidade de trabalho? Essas eram algumas das perguntas que os pais que tinham boas condições financeiras faziam ao cogitar a ideia de uma mulher da família estudar, ou até mesmo as próprias mulheres se questionavam sobre o porquê de estudar.

Wiesner afirma que no século XVI as produções literárias femininas raramente eram aceitas em revistas de literatura e que as mulheres eram excluídas de quase todas as academias e escolas literárias por regulamentos criados pelos homens (1998). A autora explica que as produções por parte das mulheres que eram incentivadas pela Igreja, sejam artísticas, musicais ou teatrais, eram ligadas e condicionadas à teologia e tinham como objeto central a inspiração religiosa. Os intelectuais da época não acreditavam que a mulher fosse dotada de autêntico talento criativo e de racionalidade necessária para a produção de textos científicos e filosóficos (WIESNER, 1998). Quando uma mulher ultrapassava os padrões impostos pela sociedade patriarcal e se dedicava às ciências com êxito, acreditava-se que ela “havia superado os limites do próprio sexo” e era considerada diferente de todas as outras mulheres, ou, ainda, se considerava que o trabalho realizado, na verdade, havia sido desenvolvido por seu professor ou por um parente homem (WIESNER, 1998).

Dentro da visão patriarcal daqueles séculos, uma possível dedicação das mulheres ao estudo as prejudicaria no exercício de seus afazeres domésticos e no papel de esposa e mãe. A estudiosa holandesa Anna Maria Van Schurman, que se dedicou à arte, à música e à literatura e tornou-se proficiente em 14 idiomas, em seu livro *The Learned Maid*, comenta que, naquele período, podiam estudar somente as mulheres que possuíam o suficiente para se manterem financeiramente, que tivessem tempo livre e

cumprissem suas obrigações gerais e particulares, bem como obrigações religiosas e serviços domésticos (1659).

Somente pela educação as mulheres poderiam alcançar uma formação cultural e se transformar em cidadãs conscientes com acesso a direitos políticos e econômicos. A cultura, nos séculos XVII e XVIII, período que é abordado nesta pesquisa, resumia-se em conhecer as línguas clássicas, a filosofia, as ciências, a teologia e a história, porém eram poucos que apoiavam tal educação às mulheres; se elas desejassem, deveriam recorrer ao estudo privado em suas casas.

Existia também uma segunda preocupação vinda da parte dos homens na época em questão: não permitir que as mulheres estudassem seria uma maneira de evitar que o sexo feminino, ao aprender a ler e a escrever, alterasse radicalmente sua visão de mundo e do lugar que ocupavam ou que deveriam ocupar. Ricaldone explica que, no início do século XVIII, crescia entre as mulheres essa consciência da própria condição e que buscavam instrumentos para denunciá-la e transformá-la (1996).

Atualmente, textos de cunho feminino daquela época tem grande valor simbólico e literário para as igrejas italianas que preservam as cartas e livros, bem como traduções praticadas pelas escritoras dos séculos XVI, XVII e XVIII, em uma espécie de biblioteca privada, que somente pesquisadores com autorização podem consultar. Foi o que consegui realizar no ano passado na Itália, conforme já comentei na introdução deste trabalho.

2.1 Alfabetização feminina na Itália

Conforme foi explicado na introdução deste capítulo, é importante recordar que, no período analisado nesta dissertação, a grande maioria das mulheres não teve a oportunidade de aprender a ler e a escrever e, sempre que surgia essa intenção por parte dos pais de ensinarem suas filhas, tratava-se de algo informal, feito em casa e sem uma ideia de projeto educativo como no caso dos homens.

Como bem explica Virginia Woolf, quando narra a fábula da hipotética “irmã” de Shakespeare, genial como ele, mas mulher,

não é necessário ser um experto psicólogo para entender que uma menina com talento, a qual tivesse vontade de escrever [...], seria certamente impedida pelos outros, torturada e dividida pelos próprios contraditórios instintos, e perderia certamente a saúde e a razão (1991, p. 63).

O ato de escrever necessitava de uma liberdade intelectual que as mulheres não possuíam. Segundo Wiesner, os reformadores protestantes incentivavam os pais que sabiam ler e escrever a ensinar essa competência a seus filhos, ou então que pedissem aos seus vizinhos ou amigos para fazê-lo (1993). Em algumas cidades, existiam mulheres de certa idade que criavam pequenas escolas clandestinas a fim de ensinar as crianças do sexo feminino a ler e a recitar versos da Bíblia (WIESNER, 1993). As mulheres italianas de origem hebreia ensinavam às crianças o alfabeto hebraico para iniciá-las no conhecimento dos textos sagrados, porém os trabalhos de tradução e de comentário dos textos eram reservados somente aos homens.

Wiesner também afirma que, na Alemanha, durante o século XVI, cerca de 40 igrejas protestantes eram a favor da educação feminina e, por isso, alfabetizavam as meninas (1998, p. 165). Já na Itália não era assim. A autora explica que uma pesquisa realizada sobre as escolas da cidade de Veneza, em referência ao século XVI, entre 1587-1588, teve como resultado que os estudantes do sexo masculino estavam formando cerca de 4.600 alunos, enquanto que as mulheres eram um total de 30, e continua: “Na Itália e na Espanha existiam escolas de catequismo não oficiais (com professores para os meninos e professoras para as meninas), onde as crianças aprendiam a ler, porém, as aulas das meninas eram ministradas em apenas duas horas por semana” (1998, p. 123).

Porém, o número de escolas que exercitavam a leitura com as meninas não alcançava nem um por cento em comparação às escolas direcionadas ao público masculino e ainda, em sua maioria, aprendiam a ler e não a escrever.

Wiesner explica que o fato de que às mulheres se ensinasse a ler, mas não a escrever, não dependia somente da disponibilidade econômica dos pais ou de encontrar escolas clandestinas para educar suas filhas, mas também de ir contra o modelo feminino existente naquela época. A leitura, conta a autora, permitia às mulheres descobrirem as figuras de outras mulheres exemplares do mundo clássico e cristão, assim como os pensamentos dos grandes escritores. Com a escrita, ao contrário, teriam

a oportunidade de expressar suas opiniões, além de poderem ocupar cargos de trabalho que exigissem essa competência (1993).

No século XVI, no âmbito italiano, não houve grandes avanços para as mulheres, principalmente em relação à alfabetização. Mesmo o surgimento da imprensa, no século XV, o que permitiu a compra de livros com valores mais acessíveis, não favoreceu o público feminino. Isso se manteve até a primeira metade do século XVIII, quando grande parte dos homens sabia ler e escrever e ocupava bons cargos nas grandes cidades, e as mulheres mal sabiam escrever o seu nome, afirma Wiesner (1993, p. 124).

Para aquelas poucas mulheres que possuíam uma noção de leitura e escrita, lhes eram oferecidos para ler somente a Bíblia, textos religiosos, manuais de boas maneiras, sobre a vida conjugal, normas de comportamento para a boa mulher, esposa e mãe, e sempre direcionados ao público feminino de classe alta, ou seja, às que podiam pagar pelo estudo privado (WIESNER, 1993).

No entanto, algumas mulheres ousaram ler além daqueles textos que lhes eram impostos e conquistaram uma vasta formação cultural, familiarizando-se com a literatura clássica e adquirindo grande habilidade no uso da retórica. Alguns exemplos dessas mulheres “ilustres” são mencionados por King (1991) como a italiana Laura Cereta, a mais velha de seis filhos, nascida na cidade de Brescia, em 1469. Ao completar sete anos de idade, foi enviada para um internato, onde aprendeu a ler, escrever e costurar. Quando voltou para casa, com nove anos, o pai continuou sua educação ensinando-lhe latim, um pouco da língua grega e matemática. Ao longo dos anos, desenvolveu um grande interesse pela astrologia, estudou as Escrituras Sagradas e descobriu sua maior paixão: a filosofia moral. Frequentou os círculos literários da época e publicou alguns poemas. Querendo seguir o exemplo do grande escritor italiano Francesco Petrarca, procurou a imortalidade na escrita.

Outro exemplo citado no site *italiadonna.it* é Chiara Matraini, nascida na cidade de Lucca, em 1515, que estudou por conta própria e tornou-se uma grande escritora e poeta. Após ficar viúva, a escritora frequentou o meio literário e recebeu a ajuda de vários amigos letrados para fazer carreira. Assim, escreveu alguns livros e, em 1556, publicou sua primeira tradução da obra *A Demonicus*, do filósofo grego Sócrates. Escreveu também livros de caráter religioso e, nos últimos anos de sua vida, dedicou-se

à obra intitulada *Canzoniere* que retrata as dificuldades e as experiências que vivenciou em sua trajetória até se tornar uma escritora.

Há também, mencionada no mesmo site, Laura Battiferri Amannati, nascida em 1523, na cidade de Urbino; foi instruída pelo pai desde menina a ler literatura e as Escrituras Sagradas. Após se casar com um famoso arquiteto e escultor, conseguiu publicar seus livros na editora Giunti, a mais conceituada da época. Em 1564, publica sua grande tradução dos *Salmos Penitenciais* e acrescentou à obra alguns de seus sonetos. O livro foi reeditado duas vezes ainda. Também participou de duas Academias da época.

Essas escritoras e tradutoras ultrapassaram as barreiras impostas a elas em sua época, mostrando que, em todos os momentos da História, foi ativa a produção feminina mesmo com tantos problemas para elas alcançarem a alfabetização e a educação e saírem da esfera privada que sempre lhes foi imposta. Tais mulheres provinham de uma classe social elevada, de famílias aristocratas que eram conhecidas e renomadas no meio cultural e literário. Assim receberam o incentivo dos pais para estudarem e aprenderem línguas estrangeiras e, estando inseridas nesse meio social, conseguiram chegar a se destacar como escritoras, poetisas e tradutoras. Pode-se concluir, portanto, que havia pelo menos dois vetores de poder que condicionavam a posição das mulheres na vida pública da época: um de gênero e outro de classe social.

Mesmo diante da oportunidade do estudo privado em suas residências, conventos ou orfanatos, existiam ainda muitos impedimentos não só em relação à emancipação econômica, mas também à condição da mulher como um todo. Apesar disso, algumas mulheres conseguiram inserir-se no mundo do direito, da educação, do teatro, da política, da diplomacia, do jornalismo, da justiça e da medicina, que eram e continuaram sendo, por séculos, monopólio masculino.

Virginia Woolf, em *A Room of One's Own* (1929), explica que

por volta do final do século XVIII acontece uma transformação na educação feminina, [...] a mulher da classe média começa a escrever [...] as mulheres de um modo geral e não somente a aristocrática isolada, fechada na sua casa do campo entre os seus livros e seus adúlteros, começaram a escrever (1991, p. 80).

Woolf está fazendo referência à França e à Inglaterra, porém, alguns anos mais tarde, isso acontece também na Itália, por conta da influência da Revolução francesa, que como também afirma Ricaldone, foi decisiva na revisão do papel feminino e na definição da escritura das mulheres italianas (1996). A classe média ascendente despertou e acelerou o desenvolvimento da alfabetização feminina na Itália, proporcionando acesso à educação básica para meninos e meninas.

As mulheres utilizaram a literatura como veículo de luta por igualdade de direitos: por meio da leitura adquiriam o saber; da escrita, relatavam sua condição subalterna; e da voz, reivindicavam seus direitos. Mesmo que a luta pelo fim de sua condição subordinada não tenha tido muitos avanços até o final do século XIX, cresce a consciência quanto ao lugar que ela ocupa. Enquanto a mulher permanecia muda, o poder masculino estava assegurado e não corria riscos, mas, ao encontrar meios de se expressar, transformou-se em um elemento desestabilizante de poder.

2.2 Os Salões literários italianos

O sistema de ensino para as mulheres limitava-se, nos séculos passados, a ensiná-las apenas noções de boa educação e de religião, conforme vimos. Aquelas que adquiriam, por intermédio dos pais ou de professores particulares, o conhecimento de outras línguas e de literatura, participavam de dois tipos de ambientes de conhecimento e de cultura: as cortes italianas e os salões de estudo, chamados de *I Salotti* na língua italiana.

O Iluminismo, com suas novas formas de comunicação dinâmica representa uma nova fase na literatura italiana e traz consigo a necessidade do ser humano confrontar-se e discutir, tendo como centro, o diálogo. Os registros de cartas, diários e autobiografias que as mulheres escreveram nesses ambientes, além de relatos de outros participantes, deram uma contribuição fundamental para compreender a participação feminina não apenas nos salões literários, como também na sociedade e na literatura da época. Esse gênero literário ofereceu às mulheres um modo de expressar sua opinião sobre temas que, se não fossem dessa maneira, não poderiam, ou melhor dizendo, não lhes era permitido expressar em público.

Assim, nos séculos XVII e XVIII na Itália, como não podiam frequentar as Academias de estudos, as universidades e o meio literário, dominados pelo sexo masculino, as mulheres que sabiam ler e escrever tinham o hábito de se reunirem nos *Salotti* italianos, a fim de discutir questões de interesse feminino, praticar a leitura e realizar debates sobre assuntos como política e literatura. Era uma prática de comunicação privada, com a participação de homens também, mas iniciados principalmente pelas mulheres, considerada uma maneira de se socializar em um meio de vida patriarcal (BETRI, 2004, p. 5).

Os *Salotti* italianos que abriram às mulheres as portas para o mundo da cultura e das letras, segundo Ricaldone, representavam um dos hábitos mais significativos e persistentes da época (1996, p. 29). Havia a participação ativa de diplomatas, políticos, intelectuais que discutiam política, cultura e tomavam decisões importantes.

Wiesner explica que as mulheres utilizavam muitas vezes de sua própria casa como *Salotti*, a fim de receber seus convidados:

Estas mulheres recebiam na sua própria casa homens e mulheres que debatiam em um nível muito formal sobre assuntos que eles mesmos traziam para discussão, [...] quem organizava essas reuniões eram as próprias mulheres, selecionavam os convidados e decidiam se a discussão deveria ser séria ou apenas jogos, como cantar, dançar, recitar poemas ou representações teatrais (1993, p. 139).

Era um momento em que as mulheres da classe alta podiam trocar os muros fechados das conversas domésticas por um ambiente social, onde existia a troca de informações e de vida cultural, permitindo que elas se conscientizassem dos limites de sua formação e vissem nesses ambientes uma oportunidade de aprofundar seus conhecimentos de mundo. Dedicavam-se com muita seriedade às reuniões, preparavam-se antes de cada encontro, ensaiavam a leitura e treinavam a escrita, conforme nos explica Wiesner (1998, p. 190). Os assim chamados *Salotti* tinham a função de educar e eram frequentados por mulheres da aristocracia e, anos depois, pela burguesia. Assim, acontecia por meio da conversação uma intensiva troca de conhecimento cultural, literário, de ideias e de valores. As mulheres tornaram-se mediadoras culturais e assim tinham a oportunidade de saírem da esfera doméstica e frequentar os círculos intelectuais, oferecendo inúmeras contribuições e discutindo sobre diversos temas,

estudando melhor a língua latina e as línguas modernas e fazendo circular novas correntes e opiniões de cunho filosófico, literário e político.

A sede pelo conhecimento e pelo estudo levou as mulheres à conquista da visibilidade social, um dos fatores decisivos para que alcançassem a autonomia intelectual e econômica. Mesmo que os *Salotti* fossem lugares privados, eram bem vistos pela sociedade, pois era por eles que o sexo feminino podia desenvolver sua atividade mais importante na época: a conversação.

A sociedade italiana até o século XVIII via a mulher apenas como mãe, filha, esposa, sempre amável, fiel, gentil, moderada, discreta, sensível, emotiva, à qual se devia veneração e admiração. O grupo de mulheres que participavam dessas conversas conquistou um papel significativo dentro da sociedade italiana, pois acabaram com sua exclusão da esfera pública e lutavam pelos direitos das demais mulheres que não tinham a oportunidade de fazê-lo, criando, assim, uma civilização de conversação social aristocrático-burguesa.

O século XVIII foi um período de mudanças significativas para o sexo feminino. Segundo Ricaldone, foi nessa época que as mulheres conquistaram o saber, a alfabetização e o conhecimento filosófico e das ciências. A autora explica que foi a primeira vez em toda a história que o problema da educação feminina foi exposto e postulado como direito humano e como medida de credibilidade ética (1996, p. 10).

Com o surgimento dos *Salotti* italianos acontece uma aproximação entre a aristocracia e a burguesia feminina, iniciando um sentimento de igualdade, reconhecimento e dignidade por parte das mulheres, que agora querem lutar para deixar de ser inferiores e subalternas, começando uma batalha, na qual, primeiramente, a aristocracia feminina representava as exigências femininas da burguesia e, em um segundo momento, a burguesia ganha voz e começa sua própria busca pela independência econômica e seus direitos. A maioria das mulheres que alcançavam uma formação educacional e conseguiam inserir-se no meio cultural e literário continuavam a luta pelo direito ao estudo do sexo feminino e tornavam-se exemplo e incentivo para as demais mulheres.

2.3 L'Accademia dell'Arcadia

A inauguração da mais importante academia italiana, *Accademia dell' Arcadia*, no final do século XVII, na cidade de Roma, tornou-se um marco para os letrados da época, que se reuniam para produzir suas poesias em uma prática chamada de *poesia all'improvviso*, uma tentativa de renovação da literatura italiana. Poetas como Carlo Goldoni, Paolo Rolí, Pietro Metastasio, Tommaso Crudelli, Savioli, Casti, De Rossi, Frugoni e Bertola destacaram-se entre os Árcades e foram muito estudados e comentados por críticos como Benedetto Croce (1940), Giosuè Carducci (1868) e Mario Fubini (1975).

Segundo Quondam (1973), a poesia produzida pelos poetas árcades era diferente daquela comum a que o povo estava habituado. Tratava-se de uma poesia sem marcas de personalidade, a individualidade do poeta já não prevalecia e contava com a inovação da utilização das formas métricas. Eram poetas que narravam o retrato da vida cotidiana e da sociedade italiana no seu tempo, que faziam poesias escritas para serem musicadas e que também, por outro lado, tinham a intenção de recuperar os textos clássicos.

Prática de leitura, interpretação e imitação dos clássicos eram as atividades principais dos membros da Arcádia e, quando traduziam textos, para eles era necessário traduzir com extrema fidelidade ao original.

A Academia recebeu importância não somente literária, mas de reação na luta contra o Barroco e contra a Reforma, a favor do Racionalismo em busca do equilíbrio com a realidade das coisas (CROCE, 1940).

Um dos grandes nomes femininos que marcaram a *Accademia dell'Arcadia* foi o da poeta e tradutora italiana Eleonora de Fonseca Pimentel que viveu no século XVIII. Eleonora foi uma das poucas mulheres que conseguiu não apenas ter uma participação ativa no meio literário e se destacar por meio de suas composições de versos latinos e italianos, como também ganhar fama e prestígio por isso. Assim como todos os demais poetas que ingressavam nas academias literárias, a poeta recebeu um nome pastoral, como era de costume, sendo nomeada Altidora Esperetusa, conforme consta no site *archiviteatro.napolibeniculturali.it*.

As academias e as universidades italianas até o final do século XVIII eram fechadas para as mulheres, porém, como vimos no capítulo anterior, sempre existiram as que conseguiram ultrapassar esses limites, como o caso de Eleonora. Quando a *Accademia dell' Arcadia* foi fundada em Roma, no dia 5 de outubro de 1690, os organizadores não permitiram que nenhuma mulher participasse da inauguração e nem fizesse parte dos 14 poetas pastorais que iniciaram na academia. Porém, isso não ficou sempre assim, após os primeiros anos de sua fundação até o final do século XVIII, mais de 450 mulheres passaram pela *Accademia dell' Arcadia* e produziram suas rimas e poesias e, dentre elas, se encontram as tradutoras italianas às quais se dedica esta pesquisa.

Este número é citado nesta pesquisa com base em um estudo realizado por Anna Maria Giorgetti Vichi (1977), onde estão disponíveis algumas informações sobre a vida e obras das autoras italianas e, para melhor entender a participação feminina na comunidade literária da época, apresento a seguir um breve resumo biográfico de algumas dessas figuras que, mesmo com tantas barreiras, superaram o analfabetismo, o preconceito e produziram seus textos. Explicarei alguns aspectos a respeito da educação e a formação que elas possuíam, as dificuldades encontradas, as influências de outros autores e estudiosos da época na construção de sua carreira e suas participações nos eventos literários.

Após grande disputa para a permissão de participação das mulheres no meio literário, a presença do sexo feminino dentro da *Accademia dell'Arcadia* ganha oportunidades entre 1695 e 1699, quando a Condessa Prudenza Gabrielli Capizucchi, residente em Roma, ganha prestígio por ser neta do Cardeal Giulio Gabrielli e cunhada do Cardeal Galeazzo Marescotti que eram muito influentes e por possuir relações de interesse com diplomatas da época (GRAZIOSI, 1992, p. 323). Gabrielli ingressou na academia em 1695, com o pseudônimo pastoral arcádico de Elettra Citeria. Sua participação na Academia teve uma grande repercussão, pois seu *Salotto* se transformou no centro de encontros das primeiras mulheres que participaram da Arcadia, como a poeta Petronilla Paolini Massimi, que ingressou na academia em 1697 e seu foco era a produção de literatura de denúncia a favor das mulheres (RICALDONE, 1996, p. 13), e Faustina Maratti Zappi, que depois também abriu o seu *Salotto Letterario* para encontros femininos, ingressando na Academia em 1704.

Após 10 anos de existência, a *Accademia dell'Arcadia* contava com a presença de 20 mulheres, porém apenas o sexo feminino recebia restrições à sua participação: somente mulheres residentes em Roma, maiores de 24 anos, podiam frequentá-la (GRAZIOSI, *op. cit.*, p. 325) e não era exigida a produção, somente a frequência, o consumo e o uso social da cultura, ou seja, uma participação medíocre.

Nos *Salotti Litterari dell'Arcadia*, os participantes praticavam conversas literárias, escutavam músicas, recitavam poemas e versos, cantavam textos próprios e dos demais participantes, e também era comum a prática de jogos literários que exigiam do poeta agilidade, uma boa linguagem e capacidade de improvisar.

Nesse sentido, estando dentro da *Accademia dell'Arcadia*, mulheres possuíam um fator importante a seu favor: a oportunidade de produzir seus textos, embora sem a exigência de fazê-lo, além do contato com os letrados da época, conforme vimos anteriormente. Por serem mulheres, filhas ou esposas de homens importantes da corte, organizavam e preparavam seus *Salotti* para o recebimento dos letrados árcades e, assim, promoviam sua entrada entre os poetas importantes da época e podiam mostrar suas produções, conquistando uma maneira de se lançar no mundo literário. Um exemplo de quem usou essa estratégia foi Faustina Maratti Zappi, casada com o advogado Giovanni Battista Felice Zappi; junto com o marido que fazia parte dos poetas Árcades, abriu seu próprio *Salotto* que se tornou muito frequentado já nos primeiros anos, e assim, começou a produzir seus poemas (RICALDONE, 1996, p. 153).

Porém, nenhuma dessas poetas “ilustres” que acabamos de apresentar era aclamada publicamente por suas produções; com base nas leis da Academia, elas apenas podiam participar das reuniões literárias e produzir seus textos sem receber nenhum mérito como acontecia com os homens (GRAZIOSI, 1992, p. 326). Esse quadro só começou a mudar a partir do ano de 1716, 26 anos após a fundação da Academia, quando Crescimbeni decidiu aclamar Violante di Baviera (Elmira Telea) governadora da cidade de Siena; em 1720, foi a vez de Ricciarda Gonzaga Cybo (Olinda Anoneia), duquesa da cidade de Massa e, em 1728, Giacinta Orsini Ruspoli (Cassandra Corinea) conforme afirma Graziosi (1992).

Dois grandes exemplos de letradas que receberam méritos por seu desempenho dentro da Academia foram Corilla Olimpica e Maria Domenica Mazzetti. Corilla Olimpica ingressou na Academia em 1753, foi aclamada em 1773 pelos colegas árcades

e pelo povo em uma cerimônia oficial e também recebeu o reconhecimento por excelência literária em 1774, o que causou uma grande reprovação por parte de alguns colegas dentro da Academia, por ser ela uma mulher. Corilla não apenas produzia textos escritos, como também tornou-se uma grande poeta improvisadora.

Segundo Graziosi,

poeta de improvisação e de cômico, mulher de espetáculo, aventureira, Corilla Olimpica sob um olhar de bom gosto, representa a passagem entre a Arcádia de Metastasio e a Arcádia filosófica. Sob um olhar literário, ao contrário, pode-se dizer que foi a primeira a lançar com sucesso uma nova imagem de mulher literária: não mais uma dama amadora, pupila de eruditos, *salonnière*, mas sim, uma profissional da improvisação ligada ao mundo da política e da cultura militante (1992, p. 335).

Maria Domenica Mazzeti era uma agricultora analfabeta, quando foi descoberta pela Árcade Violante di Baviera que a levou para a corte por seu talento de improvisar poesia. Assim, junto à família de sua protetora, aprendeu a ler e a escrever, estudou latim, música e boas maneiras. Após se casar e continuar praticando a poesia ao improvisado para o povo, entrou para a *Accademia dell'Arcadia* em 1725 com o nome pastoral de Flora e também foi aclamada como Corilla.

A importância de relatar aqui mesmo que de forma resumida, a participação de algumas mulheres na *Accademia dell'Arcadia*, procurando melhor entender o que representou esta Academia italiana, como acontecia a participação dos poetas árcades e o ingresso feminino nela, se justifica no próximo capítulo, onde conheceremos um pouco da vida das três tradutoras que fazem parte desta pesquisa e a participação delas no meio literário.

3 Tradutoras italianas dos séculos XVII e XVIII

*Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos.
Agora somos nós que vamos dizer o que somos.*²

As tradutoras que serão apresentadas neste capítulo podem ser consideradas como uma espécie de “tesouro” encontrado. Recuperar essas figuras femininas, autoras de significativos textos literários e traduções, é o resultado de minha intensa busca e na literatura italiana e consiste em textos esquecidos pelo tempo.

O que proponho neste capítulo é mostrar três biografias de tradutoras italianas dos séculos XVII e XVIII e suas obras, com destaque às suas traduções. Tais mulheres tiveram participação ativa na literatura italiana, em um momento em que a atividade literária só era permitida aos homens, havendo sido esquecidas pela historiografia tradicional, deixando de serem mencionadas nos principais compêndios da história literária. Essa é uma forma de ressignificar a escrita e a atividade tradutória feminina na história literária italiana desses séculos.

As escritoras do passado, desde muito cedo, descobriram a necessidade de registrar nomes de outras escritoras para salvá-las do esquecimento. Hoje, a tendência arqueológica, uma das linhas de força da crítica literária feminista contemporânea, formaliza essa preocupação e lhe dá sustento.

O resultado deste trabalho mostra que muitas mulheres conseguiram extrapolar as barreiras sociais, culturais, políticas e econômicas, impostas à sua condição sexual e insubordinaram-se no sentido mais audacioso da palavra, ao burlar os mecanismos de opressão impostos a elas.

São exemplos de escritoras e tradutoras ilustres, cada uma em seu tempo, que contribuíram para enriquecer a cultura local, Maria Selvaggia Borghini no século XVII; Giuseppa Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli Gozzi no século XVIII. Esses três nomes de mulheres representam exemplos de uma historiografia feminina que busca reconstruir e ressignificar a identidade dessas escritoras esquecidas.

² Personagem do romance *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles.

3.1 Maria Selvaggia Borghini

Nasceu na cidade de Pisa em 7 de fevereiro de 1654 em uma ilustre família. O pai percebeu sua capacidade e inteligência e incentivou Borghini a estudar e aos 15 anos ela começou a escrever textos em latim. Dedicou-se à poesia, à ciência, à matemática, ao direito, à teologia e aos estudos filosóficos e atuou como instrutora de seus sobrinhos (GIORDANO,1994, p. 67).

Borghini tornou-se conhecida na sociedade pisana principalmente pela tradução que fez da obra de um dos mais importantes escritores eclesiásticos da Antiguidade, Tertuliano, que ela intitulou: *Opere di Tertulliano tradotte in Toscano dalla Signora Selvaggia Borghini, Nobile Pisana*. Tal obra foi publicada somente após sua morte, em 1756, por Giovanni Bottari, que examinou o manuscrito, fez um singular e profundo prefácio e lhe acrescentou diversas notas.

Borghini era uma pessoa muito modesta, religiosa e sempre viveu com simplicidade, longe das mulheres da corte da época, preservando seu estilo de vida, sem luxos (GIORDANO,1994, p. 68). Mesmo assim, destacou-se em âmbito nacional pela intensa produção de poesia, porém a maior parte de suas obras não foi publicada e muitas acabaram perdidas. Foi convidada a participar de inúmeras academias, entre elas, nas cidades de Firenze, Padova e Bari e nas grandes academias como a “Accademia del Cimento”, pelos estudos matemáticos e na “Accademia dell’Arcadia” pelo reconhecimento em ser uma grande poeta (GIORDANO,1994, p. 68).

Em 1691, ao ingressar na *Accademia dell’Arcadia*, recebeu o nome pastoral de “Filotima Imnia”. Luisa Bergalli, ao citar Maria Selvaggia Borghini em sua coleção de escritoras ilustres, dedica algumas páginas ao talento da colega. Borghini morre na cidade de Pisa em fevereiro de 1731.

Obra traduzida publicada:

Opere di Tertulliano tradotte in Toscano dalla Signora Selvaggia Borghini, Nobile Pisana, Roma, nella stamperia di Pallade, appresso Niccola, e Marco Pagliarini. MDCCLVI, 1756.

A obra traduzida da língua latina para a italiana toscana, que encontra-se na

biblioteca do pequeno município de Cavalese na região trentina da Itália³, inicia com uma breve ilustração da vida da poeta elaborada por Bottari, chamando a atenção para seus estudos da língua latina, o excepcional conhecimento da matemática, das leis, da teologia e da filosofia. Bottari informa também que Borghini foi extremamente religiosa e que não quis se casar para poder conservar a sua independência e dedicar-se às letras.

Produções literárias publicadas:

– *Lettera e sonetto di Maria Selvaggia Borghini finora inediti*, publicados por Emilio Bianchi, Pisa, 1872.

– *Rime delle signore Lucrezia Marinella, Veronica Gambarà, ed Isabella Della Morra. Di nuovo date in luce da Antonio Bulifon. Con giunta di quelle fin'ora raccolte della signora Maria Selvaggia Borghini*, Napoli, 1693;

– *Per le nozze del sig. cav. conte Alfredo Agostini Venerosi Della Seta patrizio pisano colla nobile donzella Teresa contessa Marcello patrizia veneta*, Pisa, 1882;

– Três sonetos de Borghini foram impressos em uma das obras de Francesco Redi 1825, tomo III, pp. 23-33;

– Dois sonetos em: *Poesie Italiane di Rimatrici viventi raccolte da Teleste Ciparissiano* (Giovanni Battista Recanati), Venezia (ano desconhecido);

– Três sonetos na obra *Scelta del Gobbi* (ano desconhecido);

– Sete sonetos na *Raccolta di Componimenti Poetici delle più Illustri Rimatrici d'ogni secolo*, elaborada por Luisa Bergalli, 1726 parte II, p. 255-58;

– Um soneto na *Storia della Volgar Poesia*, Crescimbeni, 1698, voll. I, p. 212, II, pp. 67-68, libro IV, pp. 138 e 144-5.

3.2 Giuseppa Eleonora Barbapiccola

Barbapiccola nasceu na cidade de Salerno no ano de 1702. Estudou desenho, metafísica, matemática e filosofia. Destacou-se pela tradução que fez da obra *Principia*

3 Nesta biblioteca chamada de Muratori me foi permitido uma breve consulta de apenas 30 minutos.

Philosophiae de René Descartes, filósofo e matemático francês, publicada em 1722, quando ela tinha apenas 20 anos de idade.

A tradutora desejava a perfeição para sua tradução e por isso, sua versão para a língua italiana foi realizada da versão na língua francesa, confrontada com a versão em latim, buscando ser o mais fiel possível à obra original.

Ao se tornar a famosa tradutora de René Descartes na sociedade italiana, foi convidada a ingressar na *Accademia dell'Arcadia* em 1728 e recebeu o nome pastoral de Mirista Acmena.

Uma das cópias da tradução de Barbapiccola encontra-se na cidade de Trento, na Itália, em uma igreja chamada *Provinciale Padri Cappuccini* e foi cedida por algumas horas para consultação, a fim de colaborar com esta pesquisa.

A tradução para o italiano de Barbapiccola pode ser considerada uma espécie de manifesto sobre os direitos das mulheres à educação e à instrução, conforme veremos em seu prefácio traduzido e comentado no capítulo cinco deste trabalho. Segundo a tradutora italiana, sua intenção era de superar a educação feminina que existia na época; além de se dedicar aos estudos, organizava debates para as mulheres, com a intenção de compartilhar seus conhecimentos de filosofia cartesiana e dizia que não queria apenas ser conhecida pela tradução que fez, mas queria ir além (NATALI, 1936, p. 162). Serão disponibilizados no anexo 2 desta dissertação, algumas partes da tradução de Barbapiccola.

Ano e local de sua morte são desconhecidos.

Obra traduzida publicada

G. E. Barbapiccola, *I principi della filosofia di Renato Des-Cartes*. Tradotti dal Francese col confronto del Latino in cui l'Autore li scrisse da Giuseppa-Eleonora Barbapiccola, tra gli Arcadi Mirista, Torino, 1722.

3.3 Luisa Bergalli Gozzi

Luisa Bergalli foi uma ilustre poeta, dramaturga, tradutora e crítica literária. Sua história ficou silenciada e escondida pela historiografia do século XIX, porém, devido a

estudos dos últimos dez anos em torno da família Gozzi (sobrenome de seu marido), sua biografia e suas obras estão sendo redescobertas. Ainda hoje é frequentemente lembrada na Itália como esposa de Gasparo Gozzi e cunhada de Carlo Gozzi, escritor, polêmico e homem de teatro no contexto da sociedade literária do século XVIII, o qual tentou prejudicá-la de todas as maneiras (RICALDONE, 1996, p. 188).

Bergalli nasceu na cidade de Veneza em 16 de abril de 1703 em uma família de artesãos. Desde pequena, interessou-se em aprender o latim, o francês, a matemática e a filosofia, arte, pintura, etc. (ORESTANO, 1940, p. 49). Teve aulas sobre teatro com o Apostolo Zeno e identificou-se com diversos gêneros teatrais: melodrama, tragédia e comédia.

Luisa sempre amou muito a sua pátria Veneza e dedicou-se com empenho à literatura italiana. Por esse motivo, em 1725, a escritora ingressou na *Accademia dell'Arcadia* e ganhou o nome pastoral de Irmanda Partenide (MAZZUCHELLI, 1760, p. 927). Bergalli também participou de outras academias como a de Napoli, Milano, Padova, Trivigi, Finale e de Rovereto.

Entre os anos de 1726 e 1735, Bergalli publica obras que foram de grande importância para sua carreira literária, entre elas, a tradução das peças teatrais de Terenzio⁴, a publicação do livro *Le avventure del poeta* e a republicação da obra *Rime* da escritora Gaspara Stampa, escrita no século XVI, uma maneira de recuperar textos femininos, esquecidos por um longo tempo.

Com apenas 22 anos de idade, Bergalli viu seu melodrama *Agide re di Sparta* ser apresentado no teatro italiano San Moisè e com 23 anos elaborou e publicou a crítica literária intitulada *I componimenti poetici delle più illustri rimatrici d'ogni secolo*, na qual se propôs a elencar e ilustrar os méritos literários de 250 mulheres italianas, desde a Idade Média até o início do século XVIII. A autora apresenta uma posição em relação às controvérsias de sua época; pois segundo nos lembra Ricaldone, em tal período, fervia a questão sobre os estudos femininos, que se intensifica e assume um peso ideológico e político, principalmente na região do Vêneto, norte da Itália, onde se iniciaram as primeiras polarizações sobre quem apoiava e defendia e quem era contra os estudos das mulheres (1996, p. 197). Essa obra foi republicada pela editora italiana Eidos no ano de 2006.

O veneziano Apostolo Zeno, letrado, poeta, professor e amigo de Bergalli, em

4 Cópias de algumas páginas desta tradução encontram-se no anexo 2 desta dissertação.

uma carta escrita em 20 de julho de 1726 para a tradutora, dá o seguinte conselho ao receber a obra:

Recebi juntamente com a sua gentil carta o catálogo das grandes poetas italianas, cujas composições queres incluir em seu elenco. Observei que faltam algumas escritoras, cujos nomes encontrará no final desta carta [...]. Vejo que você tem pressa em publicar a sua relação para não perder a ocasião de escrever a dedicatória ao Senhor Cardeal Ottoboni. Mas estas não são coisas que possam ser feitas às pressas, mas sim, têm necessidade de uma madura examinação e de longa diligência e dedicação. Entretanto, se não puder fazê-la, publique aquilo que conseguiu reunir, ao título de primeiro volume, reservando as demais para publicações seguintes. Assim, evitará de receber acusações de ter escolhido apenas algumas e terá uma maneira de escrever outras partes [...] (Zeno, 1726, apud RICALDONE, 1996, p. 197).

Zeno era conselheiro fiel de Bergalli e ao ler com o devido cuidado a sua pesquisa a convida a revisar seu trabalho. Acredita-se que por ser jovem, cheia de vida e ideias, a tradutora tinha pressa em ver sua obra publicada para acompanhar o impacto que essa teria na sociedade local, mostrar que as mulheres também produziam e que ela era a favor da educação feminina. Bergalli foi uma personagem combatente na sua época, seus escritos são testemunho de um forte sentido crítico e de sua força interventora no cenário histórico-político-cultural a favor do sexo feminino.

Em 1738, aos 35 anos, quando já possuía amizades importantes, uma sólida preparação literária e muitas obras publicadas, casou-se com Gasparo Gozzi, dez anos mais jovem que ela. Seu ingresso na nobre família aristocrática Gozzi lhe trouxe ainda mais prestígio social, porém, alguns anos mais tarde tornou-se mãe de cinco filhos, sacrificando e diminuindo sua produção literária. Encontrou-se em um âmbito familiar que compreendia os sogros e oito irmãos do marido, então com problemas financeiros, e precisou dedicar-se a uma intensa atividade tradutória de sua autoria ou colaborando com aquelas feitas por Gasparo, como, por exemplo, a tradução *Storia ecclesiastica di monsignor Claudio Fleury* feita por Bergalli, mas a pedido da editora, publicada sob o nome do marido, conforme afirma Carlotta Egle Tassistro: “continua o seu trabalho de tradutora anônima e de pesquisadora. A versão de Fleury que foi publicada por interesse da editora com o nome do marido é, a partir do segundo capítulo, obra sua” (1920, p. 153). Bergalli escreveu também muitas obras de teatro para poder sustentar a família Gozzi (RICALDONE, 1996, p. 191).

Mesmo com extrema dedicação de Bergalli em tentar ordenar os abusos financeiros dos Gozzi, a situação financeira da família se mantém comprometida e seu

cunhado Carlo Gozzi a culpa, afirmando em sua obra intitulada *Memorie Inutili* que: “A mulher do meu irmão Gasparo, em aliança estreita com a senhora nossa mãe, que a amava cegamente por ser ela a esposa do seu primogênito, dominava e governava inteiramente os negócios da família, os quais andavam sempre de mal a pior” (GOZZI, 1797, p. 108).

E ainda, Carlo Gozzi descreve a sua visão negativa do modo de ser que tinha de Luisa Bergalli,

Uma jovem que possuía mais brilho que ele, que era de nome Luisa e de sobrenome Bergalli e entre as pastorais da Arcádia, Irminda Partenide, poeta de fantasia, como é possível ver em suas obras publicadas [...], fêmea de fervida e volante imaginação, e por isso, habilíssima a compôr poesias, que quer pelo estímulo de um bom ânimo, misturados com aqueles de ambição e de presunção que havia em sua atividade, intrometeu-se a regular as coisas domésticas desordenadas; mas os seus projetos e as suas ordens não puderam sair dos pequenos romances. Apaixonada por um domínio ideal e transformada em superior de um reino miserável, com o desejo de fazer a todos felizes, com veraz desinteresse, não fez nada além de tecer as maiores infelicidades a todos os outros, não menos que a si mesma (GOZZI, 1797, p. 43).

O mau juízo que fez Carlo Gozzi da cunhada, certamente, segundo Ricaldone, condicionou as avaliações sucessivas da tradutora por muitos anos (1996, p. 194), mesmo que se perceba a maneira confiante de Bergalli de enfrentar as dificuldades e alcançar seus objetivos na mesma descrição. Tal visão maldosa só começou a mudar no início do século XX, quando foram publicadas em 1920 e 1931 grandes obras sobre a biografia da autora, que são, respectivamente: *Luisa Bergalli Gozzi. La vita e l'opera sua nel suo tempo*, monografia elaborada por Carlotta Egle Tassistro e *La sventurata Irminda!* romance de Alfredo Panzini que comenta a passagem de Bergalli pela *Accademia dell'Arcadia*.

De acordo com Ricaldone, Bergalli foi uma escritora para a qual o casamento representou a mortificação de sua atividade literária e a extinção dos mais autênticos interesses intelectuais (1996, p. 194).

Obras traduzidas publicadas:

Luisa Bergalli Gozzi traduziu muitas obras do francês e do latim, entre elas tiveram grande sucesso as seguintes traduções:

- Seis peças de teatro de Publio Terenzio Afro: *Le commedie di Terenzio*: coletânea bilíngue, com a versão em latim ao lado.

1- *L'Andria*, 1727

2- *L'Eunuco*, 1728

3- *L'Affanatore*, 1728

4- *I due fratelli / Gli Adelphi*, 1729

5- *Il Formione*, 1730

6- *La Ecira*, 1731

- obra de Jean Baptiste Molière *Il Misanthropo*, 1745. Comédias traduzidas em versos italianos do francês.
- traduziu em “prosa volgare” do francês *Opere di M. Racine*, 1736. Trata-se de uma coletânea de 12 tragédias.
- tradução do francês da tragédia *Il Gionata e l'Assalonne* de M. Duchè, 1751
- tradução do francês da tragédia *I Maccabei* de M. De la Motte, 1751
- tradução da tragédia *Le Amazzoni* della Signora Du Boccage, versão bilíngüe, com o texto francês ao lado, 1756.
- *Le Vite degli Uomini illustri* de Tomasini, traduzida do francês. (ano desconhecido)
- *Paradiso Terrestre* della Signora Du Boccage, traduzida do francês. (ano desconhecido)
- Traduziu do francês inúmeros romances e tratados dos quais não se tem acesso aos nomes (MAZZUCHELLI, 1760, p. 928).

De todas as traduções que fez, aquela das comédias de Terenzio⁵ (166 a.C.) trouxe para a cultura italiana da época, a oportunidade da sociedade local ter acesso a obras que foram escritas antes de Cristo, por um comediante romano, um dos primeiros autores latinos a introduzir um novo conceito de *humanitas*, elemento caracterizante de

⁵ Algumas das traduções das Comédias de Terenzio encontram-se em bibliotecas da região do Trentino Alto Adige na Itália; aquelas da “Biblioteca Comunale di Trento” me foram disponibilizadas para consulta e algumas fotografias por algumas horas, mediante uma rígida vigia e local próprio para isto.

ética baseada no ideal de uma humanidade positiva, confiante das próprias capacidades, sensível e atenta aos valores interpessoais, válida para todos os homens, sem distinção étnica, social ou sexual.

Produções literárias publicadas:

Bergalli também publicou uma intensa produção de textos, alguns já mencionados neste capítulo:

- *Agide Re di Sparta*, 1725
- *Rime di donne illustri a sua eccellenza Caterina Delfina cavaliere e procuratessa Tron nel gloriosissimo ingresso alla dignità di procurator per merito di San Marco di sua eccellenza cavaliere Andrea Tron* (ano desconhecido)
- *I componimenti poetici delle più illustri rimatrici d'ogni secolo*, 1726.
- *Teba*, 1728
- *Le avventure del poeta*, 1730
- *Componimenti poetici per le felicissime nozze de' nobili signori Giuseppe Remondini e Teresa Carolina Gaudio* (ano desconhecido)
- *Raccolta di poesie in lode di sua eccellenza il signor Niccolo Veniero* (ano desconhecido)
- *Sonetto Alla santità di N. S. Papa Benedetto decimoterzo* (ano desconhecido).
- *Capitolo al gentilissimo sig. Ab. Verdani*(ano desconhecido)
- *L'Elenia, dramma per musica da recitarsi nel Teatro di S. Angelo l'anno 1730. Dedicata a S. E. donna Teresa Buoncompagni Barberini principessa di Palestrina , ecc.*
- *Sonetto per la reliquia di San Giovanni Orsini spedita dalla serenissima Repubblica di Venezia alla santita di nostro signor papa Benedetto decimoterzo* (ano desconhecido).
- *Poesie per l'incoronazione del serenissimo Francesco Loredano doge di Venezia* (ano desconhecido)

- *Elettra*, 1743
- *La Bradamante*, 1747.
- *L'Eleazaro* (ano desconhecido)

Apresentadas as tradutoras, no capítulo seguinte, apresento algumas considerações a respeito da escolha que elas fizeram em relação ao autor e à obra a ser traduzida.

4 A escolha do autor e da obra a ser traduzida pelas tradutoras: consequências sociais

Este capítulo tem como objetivo apresentar algumas breves reflexões sobre a vida dos autores escolhidos por Maria Selvaggia Borghini, Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli e sobre as obras que elas optaram por traduzir. Acredito que essas escolhas trouxeram consequências na vida das tradutoras. É interessante observar como essas mulheres traduziam o que lhes agradava e o que julgavam pertinente para a literatura local naquela época. Também julgo importante refletir sobre a repercussão da obra na língua original e na tradução italiana. Ao traduzirem tais obras, as tradutoras tornaram-se divulgadoras dos pensamentos e das ideologias dos autores que elas decidiram traduzir e sofreram as consequências da recepção da obra traduzida na sociedade da sua época, vistas como praticantes e defensoras de seus ideais.

Tento apresentar alguns aspectos da história de vida de Tertuliano, que defendeu arduamente o cristianismo, de Descartes, cuja filosofia foi gestora da ciência moderna e por fim, de Terêncio, cujas comédias trouxeram uma nova visão para o teatro italiano. Assim, me permito a tentativa de compreender possíveis intenções das tradutoras italianas aqui estudadas, ao escolherem os textos desses autores para traduzir e divulgar, na cultura de sua época.

O período que compreende os séculos XVII e XVIII é um período de grandes transformações, marcado pelo desmonte das instituições feudais e o início de uma nova era de expressão de pensamentos inovadores. Por esse motivo, acredito ser necessário, antes de apresentar os autores, uma pequena e rápida introdução a respeito das inovações de tal período.

A Igreja Católica Romana havia organizado e dominado toda uma civilização, mas que neste momento já estava ameaçada e começava a ter dificuldades para continuar regendo os destinos das nações europeias (FIGUEIRA, 2005, p. 98). A burguesia ascendente começa a criticar o modo de vida feudal e propor a organização de uma sociedade humana distinta daquela que existia até aquele momento.

Porém, o poder da Igreja, mesmo ameaçado, mantinha-se em constante luta para não perder sua autoridade, de modo que, segundo Figueira, “os perigos, as ameaças, a tortura, a prisão e a morte espreitavam a vida de todos os que manifestassem discordância, em qualquer terreno, com as ideias dominantes” (2005, p. 98). Os autores

e pesquisadores que tentavam inserir novas maneiras de ver o mundo, como Galileu, só conseguiam escapar da morte porque usavam estratégias para confundir as autoridades religiosas sobre suas verdadeiras concepções e por terem tido poderosos defensores mesmo dentro da própria Igreja.

Entre os séculos XV e XVIII a Escolástica responsável pela a opressão de ideias dominantes, se convertera numa concepção que se via contrariada por quase tudo o que acontecia de novo e só encontrava sustentação naqueles grupos que se opunham sistematicamente a tudo o que não estava previsto nas Sagradas Escrituras (FIGUEIRA, 2005, p.101). Um mundo regido pela quase total subserviência em matéria espiritual aos dogmas da Igreja Católica Romana e, em questões políticas, ao arbítrio monárquico, não podia reivindicar liberdade de pensamento (FIGUEIRA, 2005, p.101).

O surgimento da imprensa no século XV deu início a uma sucessão de inventos, todos marcados por uma espécie de insubordinação contra as autoridades políticas e religiosas e, com isso, conforme explica Figueira, a Igreja instaurou tribunais que passaram a controlar tudo o que se publicava na Europa e na América (2005, p. 102)

Figueira argumenta que

A velha ordem feudal e a sua cabeça espiritual, o catolicismo, sofrem derrotas sucessivas à medida que as novas necessidades vão impondo modificações estruturais no conjunto todo da sociedade. Não se passa uma década, desde então, em que não surja um novo livro, em que não se faça um novo invento, em que não se descubram novas terras, em que não se faça uma descoberta científica revolucionária ou em que não aconteçam discordâncias espirituais profundas, e tudo isto se converte frequentemente em golpes desastrosos para a ordem feudal [...] que em 1750, já está moribunda (2005, p. 103)

Inicia-se uma nova era para a humanidade, o movimento que se forma na sociedade gera as mais diferentes atividades produtivas, científicas e espirituais. Mas vale ressaltar que, mesmo com toda essa evolução e conquista de uma possibilidade de expressão de pensamentos inovadores, a Igreja não se entregou: tachou de diabólicos alguns inventos e algumas descobertas e pôs para correr pela Europa milhares de indivíduos que procuravam, ora em um país, ora em outro, um lugar seguro onde pudessem pôr em prática a sua inventividade.

As grandes descobertas científicas e o pensamento filosófico e sociológico se fortaleceram ainda mais nos séculos XVII e XVIII. Alguns exemplos que podemos lembrar são: as leis do movimento planetário, o aperfeiçoamento da luneta, informações

novas sobre o sol e os planetas, o surgimento da álgebra moderna, a lei da refração, a velocidade da luz foi determinada, importantes descobertas anatômicas, etc. (LINS, 1940, p. 26,27).

As tradutoras em questão no presente trabalho viveram e acompanharam essa evolução no âmbito científico, e as mudanças no meio social e suas escolhas tradutórias mostram o que elas acreditavam que era preciso ser acrescentado, no caso da filosofia de Descartes ou retomado e resgatado em sua sociedade, no caso de Tertuliano e Terêncio.

4.1 Tertuliano

Tertuliano nasceu na cidade de Cartago, em 150 d.C., em uma família pagã, filho de um centurião. Embora se dedicasse à advocacia, sua formação cultural abrangia a oratória, a filosofia e as letras, tanto em latim como em grego (SOUZA, 1977, p. 355).

Foi cético e inimigo dos cristãos até os seus 30 anos, quando se converteu ao cristianismo, tornando-se seu ardoroso defensor. Não admitia o perdão para certos “pecados”, como a apostasia, por exemplo, achava imoral o segundo casamento e fazia uma série de restrições à liberdade sexual. Foi adepto ao montanismo, doutrina cristã de Montano que sustentava serem sacrílegas e profanas as segundas núpcias, durante anos, porém abandonou-o criando o “tertulianismo”, com princípios ainda mais severos (SOUZA, 1977, p. 356).

Tertuliano, apesar de seus erros dogmáticos que o arrastaram para a heresia, terá incontestavelmente seu nome ligado ao início de uma nova era na história de Roma que culminaria com o triunfo do cristianismo em detrimento do paganismo, com a literatura, a criação de uma língua nova mais próxima da que realmente era falada pelo povo. Busca em toda parte elementos novos para enriquecer a língua: nos helenismos, na Bíblia, nos arcaísmos e, sobretudo, nos neologismos (Enciclopedia della Letteratura-Garzanti, 2002, p. 1070). Iniciou seus estudos da literatura cristã no final do século II e mostrou uma capacidade extraordinária de vitalidade e flexibilidade da língua latina (SOUZA, 1977, p. 360). Revela desde o princípio de seus estudos seus dotes de eloquência vigorosa de dialética agressiva e penetrante, cheia de sarcasmo, sempre escondida por um sinal de paixão sinceramente oferecida aos que o leem. Com o mesmo ardor, Tertuliano então conduz a sua implacável luta contra a heresia, que o levou a se

confrontar com os maiores problemas doutrinários, o que o consagrou também como o iniciador da teologia latina ocidental (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1070).

O estudioso da literatura latina Rômulo Souza afirma que

O estilo que aproxima Tertuliano de Tácito e de Apuleio é, ao mesmo tempo, harmonioso e amplo, que se confunde às vezes com a época, explicável pela plenitude de seu pensamento e pela novidade de suas ideias e se destacou principalmente porque se apoia na linguagem corrente, falada nas comunidades cristãs (1977, p. 360).

Das 29 obras que Tertuliano escreveu ao longo de sua vida, a mais importante e a mais representativa de seu pensamento e de seu estilo foi a *Apologeticum*, que termina com a seguinte exclamação feita pelo autor:

Quereis a guerra! É bom que haja a guerra; para nós será uma sorte, pois com a guerra chega a glória, a conquista. Como, direis, se sucumbis? Sim, é certo, porém depois de haver vencido nossa causa: morrendo, vencemos; sucumbindo nós nos libertamos de vós. Chamando-nos de “gente para fazer tochas”, para atar a fogueira, porque à fogueira nos condenais, circundando-nos de tochas, nos prendeis ao fogo. Porém, esta é a roupagem da nossa vitória; esta é a túnica com que celebraremos nosso triunfo, como o triunfador com sua túnica recamada de palmas celebra seu triunfo Capitólio. Sobre tal carro, triunfaremos... Ânimo, bons governadores, que muito melhores vos tornais para o povo se imolardes os cristãos; enfurecei-vos, torturando-os, condenando-os, arrasando-os. Vossa iniquidade é testemunha de nossa inocência. Quanto mais refinada for vossa crueldade, tanto menos os servis; em troca, dá maior encanto à nossa causa. Tanto mais aumentamos quanto caímos em maior quantidade debaixo de vossas foices: pois o sangue de cristão será semente de cristão. (Tertuliano, *apud*, SOUZA, 1977, p. 357).

Tertuliano morreu por volta do ano de 220, deixando a sua contribuição para a evolução da língua latina cristã, não só sugerindo soluções originais e muito inteligentes, como também a solução para específicos problemas terminológicos da nascente teologia latina, sempre de forma expressiva e de grande valor literário (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p.1071). Introduziu na teologia latina e na Igreja, em geral, uma série de termos e conceitos provenientes do Direito. Concebeu a vida cristã e a salvação à semelhança de um processo penal, em que Deus é o legislador, o Evangelho, a lei; quem obedece recebe a compensação, quem desobedece torna-se culpado e é castigado.

A maior contribuição de Tertuliano para a teologia foi a sua reflexão acerca do mistério trinitário. Criou um vocabulário que passou a fazer parte da linguagem oficial da teologia cristã. Foi ele que introduziu a palavra *Trinitas*, como complemento da

Unitas. Segundo ele, Pai, Filho e Espírito Santo são um só Deus porque uma só é a substância, um só estado (*status*) e um só poder, mas, por outro lado, distinguem-se, sem separação, pelo grau, pela forma e pela espécie (Enciclopedia della Letteratura-Garzanti, 2002, p. 1071).

Maria Selvaggia Borghini traduziu vinte tratados de Tertuliano e intitulou a obra *Opere di Tertulliano*. Ela decidiu traduzir este autor em uma época em que se firmava uma nova filosofia a favor da ciência, destronando o monopólio absoluto da Igreja e da fé. Entendo que a tradutora se opôs ao espírito da época vigente na sociedade em que vivia. Conforme apresentado no capítulo anterior, a tradutora instruiu-se sobre ciência, matemática e estudos filosóficos, ou seja, ela tinha conhecimento do que estava deixando de apoiar e assumiu a defesa de uma fé radical.

Segundo Fabroni, os amigos da tradutora aconselharam-na a não fazer essa tradução, por ser ela uma obra muito extensa e “quase impossível de traduzir”, complementa o editor da obra (1792, p. 383). Mesmo consciente das dificuldades, Borghini responde: “Este trabalho árduo não oprime o meu espírito, e sim, o levanta” (FABRONI, 1792, p. 383). O autor explica que para concluir a obra, a tradutora consultou inúmeros estudiosos de Tertuliano que não acreditavam na sua conclusão, afirmando que era impossível de traduzir tal autor (1792, p. 383).

Borghini termina a tradução de vinte inteiros e completos tratados para surpresa até mesmo de seus admiradores e dos homens da ciência que haviam desacreditado dela. A tradução foi elogiada e admirada pela pureza da língua e pela fidelidade ao texto original (FABRONI, 1792, p. 383), o que era tido como fundamental em uma tradução naquela época. São estes os tratados traduzidos por ela: *De Pallio*, *Apologeticus adversus Gentes*, *De Testimonio Animae*, *Ad Scapulam*, *Adversus Indaeos*, *De Poenitentia*, *De Oratione*, *Ad Martyres*, *De Patientia*, *De Spedaculis*, *De Idololatria*, *De Habitu muliebri*, *De Cultu Foeminarum*, *Ad Uxorem Lib. I*, *Ad Uxorem Lib. II*, *De Corona Militis*, *De Virginibus Velandis*, *De Praescriptionibus Haereticorum*, *De Baptismo* e *Adversus Hermogenem*.

A obra traduzida para a língua italiana inicia com uma carta aos leitores intitulada pela tradutora *Al Lettore*, que traduzi e encontra-se no apêndice desta dissertação, onde ela explica a sua intenção de resgatar o autor da obra original e usa do prefácio para se defender das futuras críticas que ela sabia que viriam dos literatos e ilustres da época, principalmente pela escolha do autor e pela tradução que fez.

A tradutora, em sua obra, desvendou as frases obscuras de Tertuliano, pesquisou

os vastos termos sacros e profanos, científicos e literários, manteve os termos africanos e, com extrema paciência, procurou, na língua toscana, termos e frases equivalentes ao texto latino, mantendo a versão italiana robusta e com a mesma elegância e vivacidade que formam e caracterizam o estilo de Tertuliano (FABRONI, 1792, p. 384).

Para Tertuliano, a questão das relações entre a fé e a filosofia nem sequer se colocava, pois, segundo ele, entre ambas nada existia em comum. Ao traduzir, depois de tantos séculos, vinte das vinte e nove obras de Tertuliano, Borghini assume a posição do autor, faz das palavras dele as suas e toma partido dos pensamentos e das afirmações de Tertuliano. Assume que a filosofia seria adversária da fé, e a verdadeira fé teria que se opor à razão.

Apesar de todo o reconhecimento que essa tradução trouxe a Borghini, mais tarde, a obra permaneceu por muito tempo não lida e quase desconhecida pelos demais, até que Giovanni Bottari decidisse imprimi-la e divulgá-la em 1756, dando prestígio à tradutora e demonstrando seu talento e habilidade. Ao defender na sociedade italiana e no meio literário um pensamento tão ultrapassado diante da nova visão de mundo que se formava há décadas, a tradução sofreu inúmeras críticas, e a tradutora tornou-se famosa, mais por sua coragem de traduzir Tertuliano, pela reconhecida perfeição de sua tradução e pela dedicação que teve para concluir o texto na língua italiana.

4.2 René Descartes

A fim de entender quais poderiam ser algumas possíveis intenções que Eleonora Barbapiccola teve ao decidir traduzir Descartes, julgo necessário conhecermos um pouco da vida dele e de seus ideais.

Descartes nasceu em 1596, na cidade de La Haye, na França. Destacou-se por seu trabalho revolucionário dentro da filosofia e da ciência, mas também obteve reconhecimento no campo da matemática por sugerir a fusão da álgebra com a geometria, fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome, tornando-se um personagem importante para a revolução científica (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 276).

Por vezes chamado de “fundador da filosofia moderna” e “pai da matemática moderna” por professores, estudiosos e filósofos, foi considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Sua filosofia inspirou várias gerações de filósofos posteriores; boa parte da filosofia escrita a partir de então foi uma reação às suas obras ou a autores supostamente influenciados por ele.

Em seu tratado matemático e filosófico, intitulado *Discurso sobre o método*, para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências, publicado em 1637, o filósofo entre outras afirmações, declara sua decepção em relação ao ensino e à tradição escolástica, cujos conteúdos considerava confusos, obscuros e nada práticos, e a filosofia utilizada não conduzia a nenhuma verdade indiscutível (FIGUEIRA, 2005, p. 30-31).

René Descartes teve uma educação religiosa e, apesar de ser católico, percebeu a diferença existente entre aquele ensino antigo que recebia no colégio, baseado na retórica, onde a arte oratória era estudada sobretudo nos discursos de Cícero e a filosofia e o estudo da lógica, física e matemática cujo ensino se baseava na doutrina de Aristóteles, em contraponto com o novo espírito renascentista que surgia em sua época, baseado nas últimas descobertas e inovações científicas e culturais. Todavia, Descartes não é daqueles sobre quem as situações e os acontecimentos têm uma influência determinante. Porém, um acontecimento da história da ciência inspirou a sua adolescência e despertou grande interesse nele: a descoberta de Galileu, graças à luneta astronômica, dos satélites de Júpiter (BEYSSADE, 1972, p. 11).

Não satisfeito com o que aprendeu na escola dos jesuítas e muito desiludido com os livros que havia lido até então, no ano de 1618, inicia uma viagem pela Europa que durou muitos anos, estudando e refletindo solitário em meio às suas descobertas. Quando volta à França, tenta se estabelecer, mas suas ideias e seu modo de pensar não poderiam ser expressos em seu país (BEYSSADE, 1972, p.15) e se sente incomodado. Afirmava que em Paris não era um lugar tranquilo para se trabalhar e escrever sobre filosofia. As lutas entre católicos e protestantes, as intrigas da corte e a miséria dos camponeses não faziam da França um país acolhedor (BEYSSADE, 1972, p.15). Assim, em 1629, resolve mudar-se para a Holanda, que lhe oferece mais paz e liberdade para escrever o que pensava.

Segundo o escritor francês Beyssade, Descartes escrevia suas obras ou em latim ou em francês. “Quando escreve em “língua vulgar”, é porque quer interessar um largo público e não apenas os cultos” (1972, p. 18), ou seja, ao escrever em latim, apenas os

cultos poderiam ler e quando escrevia na língua popular, isto é, o francês, queria falar com o povo. Desejava que suas obras chegassem às pessoas comuns, que seu pensamento fosse divulgado em uma tentativa de mudar a visão que vinha sendo cultivada durante séculos, baseada em Platão e Aristóteles. Foi publicando a obra *O Discurso sobre o Método*, em francês, que Descartes dá o primeiro passo. Beyssade explica que nessa época, “a língua francesa já estava suficientemente clarificada, amaciada e fixa [...], para servir de instrumento à ciência” (1972, p. 18). Descartes sofreu muitas críticas ao escrever suas obras polêmicas, mas também recebeu muitos elogios e obteve sucesso entre seus seguidores e intelectuais do meio literário.

De maneira coerente, Descartes tentou provar, por meio do modelo do método matemático, um novo método de investigação filosófica que o torna o fundador do racionalismo moderno. Contra as opiniões pré-constituídas, o autor coloca como princípio do saber a certeza do próprio pensamento e da própria existência (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p.277). O ideal de perfeição guiou Descartes na trajetória da procura pela verdade, e encontramos, no seu estilo literário, uma escrita rica em detalhes, clara e transparente.

Em 1633, Descartes desistiu de publicar uma espécie de curso de filosofia para não se opor à autoridade da Igreja, que acabava de condenar Galileu pela segunda vez. Em seu texto, ele demonstrava o movimento da terra e, portanto, estava de acordo com Galileu nesse ponto (FIGUEIRA, 2005, p.131).

Muitas obras foram publicadas antes dos *Princípios da Filosofia*, a fim de “preparar o caminho”, conforme afirma o próprio autor em uma de suas correspondências escritas em 1637 (BEYSSADE, 1972, p. 18). Em 1641, publica, em latim, a obra *Meditações*, “não pensando em tocar o público mais vasto, mas permitir aos que têm o desejo e a capacidade, de seguir o itinerário que ele descobriu, pois sabe que o rigor de certas palavras seria um escândalo aos olhos de alguns” (BEYSSADE, 1972, p. 19).

Suas publicações geraram muitas discussões, e Descartes é acusado de ateísmo. “Uma sentença do conselho da França condena em 1642, a filosofia de Descartes” (BEYSSADE, 1972, p. 20) e iniciam perseguições contra o filósofo que é chamado para se apresentar. Descartes teme ser preso e ver seus papéis queimados pelas mãos do carrasco (BEYSSADE, 1972, p. 20). O embaixador da França é obrigado a intervir para que o processo seja suspenso.

Descartes dedica-se então à elaboração de uma obra didática, expondo na língua

latina a totalidade de sua filosofia. O autor está preparando os *Princípios da Filosofia*, obra que julga ser de grande importância, desejando que ela viesse a substituir, nas escolas, os manuais escolásticos (BEYSSADE, 1972, p. 21).

Durante a produção dessa obra, o autor inicia uma grande amizade com a princesa palatina Elisabeth de Boemia, que na época tinha apenas vinte e cinco anos e muito se interessava pela filosofia de uma forma inteligente e sem preconceitos, e Descartes a apreciava muito por esse motivo. Encontram-se várias vezes por alguns anos e depois por correspondências até o fim da vida do filósofo (BEYSSADE, 1972, p. 21). Elisabeth colaborou com a elaboração dos *Princípios* e, por isso, recebeu a obra como dedicação e homenagem aos seus estudos.

Os *Princípios da Filosofia* expõem a metafísica, que dá os fundamentos da física. De acordo com Beyssade, “a segunda parte dos Princípios aprofunda a definição do movimento e a terceira parte precisa a teoria do movimento da terra, de tal forma, que não pode ser condenada pela igreja” (1972, p. 21).

Para Descartes, a metafísica formava as raízes de uma árvore, conforme explica no prefácio escrito para a tradução dos *Princípios* na língua francesa: “esta filosofia contém os princípios do conhecimento entre os quais está a explicação dos principais atributos de Deus, da imaterialidade das nossas almas, e de todas as noções claras e simples que existem em nós” (Descartes 1647, apud BARBAPICCOLA, 1722)

Ao declarar na carta-prefácio aos *Princípios da Filosofia*, “a ciência que temos agora” e “o grau de sabedoria a que chegamos”, Descartes está consciente de que com os *Princípios*, dá início a uma nova era para o conhecimento. A ciência para Descartes é aquela que tem vitória, mas também grandes derrotas. As prisões, as câmaras de tortura, os cadafalsos, as intimidações, o terror, o medo e as fogueiras que consumiram milhares de dissidentes e silenciaram outros tantos são parte integrante da ciência que resultou da guerra entre duas formas de civilização (FIGUEIRA, 2005, p. 76).

Descartes faz em suas obras da dúvida uma proposição de mudança de vida e constrói o seu método com base nesse fundamento; o monopólio das certezas já estava razoavelmente enfraquecido em boa parte dos países da Europa (FIGUEIRA, 2005, p.30). Quando publica os *Princípios*, no entanto, a questão é bem diferente. As dúvidas já tinham se convertido em coisas do passado, agora era preciso afirmar, com segurança, as conquistas do novo mundo que se abria.

Escrever a obra *Princípios* então, se torna uma busca incansável por uma resposta para todas as suas dúvidas; Descartes estabeleceu como primeiro, ou

verdadeiro princípio, a ação humana e dedicou-se à obtenção de um resultado útil e que pudesse ser comprovado. Grandes e pequenos inventos que atendiam desde as necessidades mais simples até as comodidades da vida cotidiana, as mais diversas indagações sobre como fazer isso ou aquilo, como selecionar tal ou qual dificuldade para se obter um instrumento de trabalho mais eficaz, grandes questões de astronomia, de interpretação do movimento, as pequenas e grandes dificuldades para se obter uma máquina mais perfeita para polir lentes ou elevar certa quantidade de água (LINS, 1940, p. 27), enfim tudo o que o mundo se questionava e pedia passagem, agora, sem os titubeios e vacilações do passado, se aproximava de uma resposta.

Essa resposta, segundo Figueira, é de suma importância, pois ela nos permite entender o momento em que Descartes toma uma decisão histórica e de grande alcance para libertar o conhecimento da servidão que lhe haviam imposto a teologia e as forças políticas feudais (2005, p. 33). A ciência de Descartes se encontra aí revelada. Figueira ainda afirma que o nome de Descartes “se ligara indissolavelmente às novas propostas de mudança radical na forma de pensar as questões humanas e naturais [...] implantados os fundamentos para o desenvolvimento de uma ciência completamente independente da teologia” (2005, p. 75).

Figueira explica que, com esse princípio em mãos, Descartes poderá afirmar, com segurança, não o que a natureza é em si, mas o que podemos e devemos fazer para que ela atenda aos nossos desejos (2005, p.40). Ou seja, se obtemos, pelo uso que fazemos, resultados úteis, pouco importa que as ideias que fazemos dessas mesmas coisas sejam falsas, ou seja, a verdade está em obter um resultado útil para a vida.

Descartes passou boa parte de sua vida negando a física de Aristóteles e se referindo a ela como um empecilho à ciência que queria construir. Entendo que o que o filósofo repudiava não era propriamente a física de Aristóteles, ou a dos mais antigos do que ele, mas, sim, a tentativa de eternizá-la, ignorando as mudanças históricas.

Durante algum tempo depois de sua publicação, no entanto, os *Princípios de Descartes* ainda eram tratados como perigosos, principalmente por ser uma nova filosofia, a qual passa a ter sua existência condicionada ao fortalecimento daqueles grupos sociais que se dispõem a enfrentar as velhas forças políticas e religiosas dominantes (FIGUEIRA, 2005, p.80).

Muito antes mesmo de Descartes entrar em cena, já havia se esboçado com suficiente clareza a incompatibilidade entre o velho mundo e as novas forças sociais e políticas. Já se delineara, em muitos campos de atuação religiosa, científica e política, a

necessidade de estabelecer uma nova ordem para as ideias (FIGUEIRA, 2005, p. 80). Já se percebera que era inútil tentar corrigir ou melhorar as antigas ideias.

O que abala e excita mais o leitor, ao ter contato e conhecer a existência de um pensador e sua obra, é sempre alguma fórmula ou afirmação nova, que assume a potência de choque. Conforme afirma Valéry, no século XVII o nome de Descartes faz muita gente refletir sobre filosofia e a questão do “homem-máquina” (1955, p. 48). Protesta-se, ridiculariza-se, discute-se, muitos se sentem seduzidos e, ao mesmo tempo, fingem não se abalar e a manter sua filosofia antiga. No século seguinte, não se hesita em pôr em circulação e ao alcance de todos uma concepção de homem-máquina (VALÉRY, 1955, p. 48).

A obra que Eleonora Barbapiccola escolheu traduzir, *I Principi della Filosofia*, foi muito planejada e amadurecida por Descartes, e entendo que a primeira intenção da tradutora ao trazê-la para a cultura italiana é que ela deveria cumprir uma dupla função: recapitular o pensamento de Descartes, propondo a exposição de um conjunto de sua filosofia e dar ao cartesianismo os meios de difundir-se, notadamente nos círculos escolares e universitários de sua época.

Nos *Princípios da Filosofia*, Descartes retoma a quase totalidade dos temas e teses abordados em seus livros anteriores: a metafísica, a física fundamental e uma explicação do universo e inúmeros ensaios científicos, ou seja, a obra não constitui uma exposição de temas novos, mas, sim, uma exposição nova, e, pela primeira vez, completa de um pensamento que alcançou a maturidade.

Ao publicar os *Princípios*, Descartes se frustra ao perceber que a obra não foi bem entendida, mas não desiste de divulgar sua filosofia. Percebemos isso na carta-prefácio escrita por ele na tradução para o francês dos *Princípios*. Não se deixando desencorajar, muda de tática: Os *Princípios da Filosofia* foram escritos e publicados em latim, língua predominante entre os intelectuais da época, e lidos principalmente pelos doutos e professores escolásticos que não foram capazes de entender e compreender a sua filosofia. Descartes visava, naquele momento, a população comum, o povo que falava a língua popular e pouco sabia de filosofia. O filósofo pede a um amigo que traduza os *Princípios* para a língua francesa e aproveita para publicar junto à tradução uma importante carta-prefácio, cujo texto nos permite entender sua trajetória e suas intenções. Barbapiccola também traduz a carta-prefácio de Descartes e usa da mesma tática para chegar a seus leitores, seu público-alvo, acrescentando também uma carta-prefácio em sua tradução.

A carta-prefácio de Descartes representa um texto de combate, do começo ao fim, dirigido contra a filosofia das escolas da época, que resistiu mais do que o previsto aos primeiros assaltos cartesianos. Em seguida, percebe-se uma espécie de balanço e manifesto explicativo, informando que aquele é o resultado e o complemento de suas obras anteriores, redigido para filósofos iniciantes.

Platão deu origem aos céticos, Aristóteles aos empiristas ingênuos, os sucessores de ambos desde então se consumiam em discussões que levavam, na melhor das hipóteses, a erros e heresias. A tentativa de Descartes era fazer uma filosofia “melhor” que seus predecessores. Se lermos as obras do autor, percebemos que ele não coloca a culpa na filosofia, pelo contrário, esta é objeto de elogios, mas culpa a filosofia daqueles que o antecederam.

A incansável procura pela “verdade” de Descartes, que já mencionei algumas vezes nesse texto, se resume em falar tudo sobre a filosofia que os antigos filósofos não apresentaram. Segundo a carta-prefácio que Descartes escreveu, todos os outros filósofos que o precedem, levaram apenas ao duvidoso, ao confuso, ao caótico e ao inútil e ele, ao contrário, pretendia alcançar com a busca pela verdade o certo, o claro, o organizado e o útil que sempre estiveram disponíveis, mas nunca foram bem explicados:

Ainda que todas as verdades que ponho entre meus Princípios tenham sido conhecidas desde sempre por todo o mundo, não houve todavia ninguém até o presente, que eu saiba, que as tenha reconhecido como os princípios da filosofia, isto é, como tais que se possa delas deduzir o conhecimento de todas as outras coisas que há no mundo (DESCARTES, AT. t. IX, p. 10).

Para Descartes, a verdade por certo nunca é inteiramente dada, mas todos os homens possuem as capacidades intelectuais que permitem descobri-la, por pouco esforço que façam para pensar, seguindo as regras e procedimentos adequados, ou seja, ela pode ser obscurecida pelos preconceitos de “maus filósofos”.

Ao ler a tradução de *Os Princípios da Filosofia*, feita por Barbapiccola, notamos uma espécie de manual destinado a servir de apoio nas escolas com intenções pedagógicas, apresentada em forma de artigos curtos e densos, que se podem ler e comentar um por um, ou seja, a tradutora manteve o estilo didático de Descartes e não apenas traduziu a obra na íntegra, como também acrescentou explicações e comentários ao longo de cada parágrafo, por meio de notas de rodapé.

Na época de Descartes e, não muito diferente, na de Barbapiccola, tudo eram ainda incertezas nas ciências e na filosofia e é por essa razão que Descartes fez da dúvida a certeza por excelência. A tradutora, depois de quase um século, continuou a

divulgar o pensamento do autor.

Tudo o que se possa dizer a respeito da filosofia de Descartes é insuficiente se não se puser em evidência o momento histórico em que ele viveu e o que é o principal motivo pelo qual ele elaborou um novo sistema de pensamento (FIGUEIRA, 2005, p.100). A sua nova filosofia não é outra coisa senão a tomada de consciência de que as novas necessidades são legítimas e devem, por isso, ser atendidas.

Entendo que Barbapiccola traduziu uma obra de grande importância para a época, disponível apenas na língua latina, para os italianos. Ao traduzir os *Princípios* para a língua italiana, a tradutora não só colabora com a literatura local, como também possibilita que um número maior de pessoas tivessem acesso ao texto, uma vez que o povo não sabia ler em latim, conforme expliquei no sub capítulo 2.1 ao mencionar o desenvolvimento da língua falada pelo povo na Itália. A ideia do cartesianismo já estava lançada e divulgada em toda Europa e assim, com a sua tradução para o italiano, Barbapiccola posiciona-se a favor da filosofia de Descartes e possibilita um acesso mais amplo a ela em seu país.

4.3 Terêncio

Terêncio nasceu em Cartago (em torno de 189 aC – 159 a.C.), cidade da Tunísia, pertencente ao continente africano e foi conduzido para a cidade de Roma como escravo para trabalhar para o senador Terêncio Lucano, que, admirado com seu talento, lhe deu educação e, algum tempo depois, concedeu-lhe a liberdade. Assim, assume o nome de Publio Terencio Afro, tornando-se um comediógrafo latino que se destacou por sua inteligência e seus dotes (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069). Dos contatos que fez com o ambiente aristocrático deriva provavelmente o espírito de urbanismo que caracteriza as suas peças teatrais.

Conforme já citado no capítulo três desta dissertação, ao apresentar as traduções que Luisa Bergalli fez das comédias de Terêncio, vimos que o autor foi um dos primeiros autores latinos a inserir o conceito *Humanistas*, elemento caracterizante do círculo dos *Scipioni*, um grupo da corte romana que se dedicava às atividades literárias, filosóficas e culturais. É atribuída a Terêncio a autoria das famosas frases: "Nada do que é humano me é estranho", e " Enquanto há vida, há esperança", conforme site "frasesversos.com".

Terêncio escreveu somente seis comédias: *Andria* (A moça de Andros), *Hecyra* (A Sogra), *Heautontimorumenos* (O Punidor de Si Mesmo), *Eunuchus* (O Eunuco), *Phormio* (Formião) e *Adelphoe* (Os Dois Irmãos), mas seu estilo foi de grande e duradoura influência no desenvolvimento do teatro ocidental nos séculos seguintes. Seu público leitor foi menor entre os romanos, que preferiam as obras de farsas mais vivas e coloridas de Plauto, mas foi muito apreciado na Idade Média, quando suas peças eram representadas nos colégios, e, na Renascença, foram traduzidas em várias línguas, sendo muito imitado até os tempos de Molière (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069). A limitação popular de sua obra, pois ele preferia as comédias e as sátiras, residia no fato de que foram escritas em uma linguagem extremamente refinada e dirigidas a um público culto e cujas características consistiam em complicadas tramas sentimentais, cujos equívocos só se resolviam nas últimas cenas (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069).

As comédias publicadas por Terêncio são uma espécie de tradução-reprodução de algumas comédias gregas, em que o autor retoma o modelo de produção grego de textos cômicos e complementa com seu estilo e suas ideias na língua latina, fazendo a troca dos personagens. Tal atitude causou muita polêmica e acusações, afirmando que Terêncio havia contaminado diversos originais gregos (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069). O autor se defendeu de tais calúnias nos prólogos de suas comédias.

Terêncio fez uma análise profunda e reflexiva da comicidade irresistível de Plauto, outro comediógrafo romano de grande inspiração lírico-poética. Ao fazer sua versão de uma obra do autor, que também adaptava obras gregas para os romanos, substituiu sua linguagem composta, propondo um modelo mais estilístico de graça e medida, ou seja, Terêncio extrai dos modelos gregos uma problemática moral e expressa de acordo com a parte mais culta das *nobilitas*, ideais novos, principalmente no âmbito educativo (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069). Terêncio era menos cômico que Plauto, possuía uma linguagem requintada e suas obras foram autênticos manuais de latim até a Renascença. Em suas peças encontramos personagens do tipo o fanfarrão, o avaro, o criado astuto e o filho devasso. Jogava com os sentimentos da dúvida, da ansiedade, da ira e do temor, possivelmente provocando tensões no público, mas que se desfaziam repentinamente em gargalhadas, conforme o site “historiadogenerodramatico”.

Como suas obras só alcançaram o sucesso e se tornaram famosas após sua morte, as opiniões sobre seu estilo divergiam entre os ilustres que faziam parte da literatura: alguns o colocavam em sexto lugar entre o cânone de poetas cômicos, e outros, como Cícero, admiraram o estilo e a beleza das suas comédias (Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, 2002, p. 1069). No decorrer dos séculos, muitos outros autores retomaram suas comédias como exemplo de estilo a ser seguido. Um exemplo a ser lembrado é Dante Alighieri, que retoma um dos personagens criados por Terêncio da obra *L'Eunuco*; a cortesã Taide foi citada no episódio do Canto XVIII do Inferno.

Apenas a título de curiosidade, alguns dizeres populares lançados por Terêncio em suas obras e que ainda fazem parte do nosso cotidiano, extraídas do site “frasesversos.com”:

Saber como se faz uma coisa é fácil; fazê-la é que é difícil

Eu sou homem e nada do que é humano me é estranho

Nada é tão difícil que, à força de tentativas, não tenha resolução

Não se diz nada que já não tenha sido dito

A sorte sorri aos fortes

Aprende com os outros a experiência que te pode ser útil

O mais próximo de mim sou eu

Conheço o caráter das mulheres: não querem quando queres; quando não queres, são as primeiras a querer.

Quando as comédias de Terêncio na versão italiana, traduzidas por Bergalli chegaram à sociedade, primeiramente na Veneziana e depois em todo território nacional, uma das revistas mais importantes da época publicou vários elogios, dentre eles, aquele do dia 11 de abril de 1733, dois anos após a publicação da tradução da sexta peça de Terêncio, que comprova a relevância da tradução da tradutora:

a felicidade no estilo, a felicidade da versão, a precisão das expressões, e especialmente aquelas mais comuns da nossa língua: uma tradução extremamente rica e facilmente comparada às mais perfeitas e ilustres escrituras, que em tal gênero foram publicadas [...] e por sua beleza tornou-se conhecida e admirada (Novelle della Repubblica delle Lettere, 1733, p. 113).

Em outra publicação da mesma revista, datada do dia 31 de outubro de 1736, ou seja, três anos após a citação acima, sai o seguinte trecho:

A nossa modesta, sábia e virtuosa donzela Luisa Bergalli, que com muita felicidade no estilo traduziu as seis comédias de Terêncio para a nossa língua, e em versos soltos, soube manter toda a beleza da região do *Lazio*, expressas em modo que exatamente correspondem ao modo italiano de falar [...] (Novelle della Repubblica delle Lettere, 1736, p. 359).

Ao concluir a tradução de cada uma das seis peças teatrais de Terêncio, Luisa publica no final uma espécie de manifestação chamada de “Protesta dell'Autrice”, que traduzi e se encontra no apêndice desta dissertação.

Encontra-se disponível a tradução de Bergalli das comédias de Terêncio de duas maneiras: em forma de uma coletânea com todas as obras reunidas ou então, impressas individualmente. Quatro das seis obras que Bergalli traduziu de Terêncio, iniciam com uma dedicatória, com algumas páginas aos ilustres da época e que também se encontram traduzidas no apêndice deste trabalho. As obras foram oferecidas à Sra. Condessa D. Clelia Grilla Borromea, *Il Formione* à Brun Tiraboschi, *La Ecira* à Sebastiano degli Antoni e *L'Eunuco* à Jacopo Soranzo.

Na coletânea, Bergalli acrescenta uma introdução sobre a vida do autor do texto original, intitulada “La vita di Terenzio Afro”, uma nota “Noi Riformatori”, na qual autoriza Cristoforo Zane a fazer cópias da tradução, um índice com as comédias em ordem de data da tradução, uma lista com os nomes dos interlocutores e seus papéis na língua original e a tradução da obra, seguida de um prólogo dos cinco atos que compõem cada comédia.

5 Comentários dos prefácios das de obras traduzidas por Maria Selvaggia Borghini, Giuseppa Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli

No presente capítulo gostaria de destacar alguns pontos que julguei relevantes nos paratextos que as tradutoras escreveram e adicionaram às publicações de suas traduções.

5.1 Comentários sobre a carta-prefácio à tradução *Opere di Tertulliano*, realizada por Maria Selvaggia Borghini

Sobre o autor e a obra

Coloco aqui, oh leitor cortês, sob seus olhos o grande Tertuliano [...] o mestre de um glorioso mártir [...] ele é bom, ensina com a sua doutrina e nos instrui com o seu exemplo. p. 89

A tradutora procura enaltecer tanto o autor, ao deixar evidente quem ele foi, o que representou e a importância de mantê-lo vivo, quanto a obra, pela qualidade dos seus ensinamentos.

[...] é aquele, de quem São Agostinho, São Jerônimo, Lirinense, Latêncio, e muitos outros fazem inumeráveis elogios. p.90

Ao mencionar nomes de escritores ilustres que viveram ao longo da história e que remeteram elogios a Tertuliano, ela enfatiza a importância do povo ler a obra que está traduzindo e trazendo para a cultura italiana. Mostra que não é apenas ela quem acredita nisso, mas que a ideia é sustentada por pessoas de renome, e do sexo masculino, o que avalizaria, de alguma maneira, o trabalho dela diante da sociedade patriarcal da época.

Sobre o ato tradutório

[...] o fulgor intelectual vivo de um grande autor brilhará não menos entre a sombra do meu estilo e aparecerá nas entrelinhas do meu texto, não de fato mal feito, muito diferente porém, do seu original, que é nobre e totalmente enfático. Repare, no entanto, no peso dos sentimentos desta tradução e não na maneira como são representados [...]. p.89

Borghini explica que, se Tertuliano não parecer tão grande quanto realmente é, isso foi culpa sua, que não soube demonstrar em sua tradução o verdadeiro valor da obra

original. Mas, ela chama a atenção para o intenso sentimento com que realizou sua tradução, justificando e valorizando, assim, o seu trabalho.

Ao mesmo tempo em que coloca sua tradução numa posição de submissão em relação à obra original, como era de costume na época, dirige-se diretamente ao leitor, fazendo ouvir a sua voz e assumindo-se como sujeito daquele trabalho.

5.2 Comentários sobre a carta-prefácio à tradução *I principi della Filosofia de René Descartes*, realizada por Giuseppa Eleonora Barbapiccola

Sobre como a mulher era vista na época de Barbapiccola

Não gostaria que, inicialmente, ao ler o título deste livro e percebendo ser obra de uma mulher, sintam vontade de mandá-la de volta a seus afazeres comuns e tradicionais como tecer em meio a carretéis e linhas [...] retomem suas principais ocupações, ou seja, seus teceres [...] p. 90

[...] ainda que de imediato as ocupações das mulheres, outras não deviam ser que aprender o catecismo, a costurar e a realizar pequenos trabalhos como cantar, dançar, pentear-se à moda, saber fazer bem as reverências e falar educadamente [...] p.90

Então passamos aos estudos da poesia e da Filosofia de um modo especial, que muitas ciências compreendem, onde parece que seja necessário de outro espírito que não o de mulher [...] p. 92

[...] onde menciona os Estudos das Mulheres, dando a entender que elas não sejam capazes de estudar por conta própria [...] p. 90

A tradutora deixa claro que é consciente de sua posição como mulher na sociedade, fala sobre os costumes, os afazeres e as obrigações das mulheres, que se restringem à esfera privada, sendo o seu lugar longe das Ciências. Porém, através da apresentação de seu trabalho, com que vem a público, e já na primeira linha de seu ousado prefácio, contesta essa posição fixada para a mulher, mostrando que não só ela, mas muitas outras mulheres apresentaram capacidades bem superiores às esperadas pela sociedade. E, nesse sentido, esse prefácio da tradutora adquire um caráter panfletário em defesa das mulheres.

Sobre outras mulheres que também se destacaram por seus feitos

E em verdade, sem folhear o livro das inteligentes mulheres de Boccaccio, *De mulieribus claris*, ou então, algum outro que mencione as demais mulheres cientistas, quem que não sabe ainda mesmo que tenha um

conhecimento bem medíocre da historia, o quanto em cada época as mulheres se destacaram na literatura p. 91

[...] se destacaram por Vittoria Colonna, Marquesa de Pescara, D. Veronica da Gambará, ambas por Ariosto com honor recordadas, Tullia de Aragona e muitas outras [...] p. 92

E dos nossos tempos, são muitas as que são lembradas, as quais tem um lugar tão distinto na renomada Accademia dell'Arcadia, sem mencionar aquelas além dos Alpes da França em particular, onde a inteligência das mulheres não menos daquelas dos homens vem sendo cultivada p. 92

[...] ilustres foram Abella, Mercuriade, Rebeca, Trotta ou Trotila, Senzia Guarna e Costanza Galenda na Escola Salernitana, e por ter citado em público as lições e ter criado muitas obras dignas p. 92

Não devem ser esquecidas outras mulheres que tinham diferentes tipos de erudição, que em tudo não são menos aptas que os homens p. 93

[...] a veneziana Cassandra Fedele, de quem fala Poliziano, que ela trocava a lã pelo livro, o carretel pela caneta e a agulha pelo estilo p. 94

Em tempos não muito distantes, entre as pessoas do sexo feminino que cultivaram as belas letras, não foi encontrada nenhuma, que com maior esplendor seja companheira de Ana Maria von Schurman de Matrik, a qual, além das Ciências, dominava a língua latina, grega, hebraica, italiana, francesa, espanhola, alemã como língua materna [...] p. 94

[...] e outra que se tornou muito famosa foi Madame Dacier, muito louvada pelas tantas belas traduções que fez de autores latinos para o francês e também pelas notas cultas que fez, deixando um belo estudo sobre as muitas outras mulheres da antiguidade e da atualidade ainda viventes, cujos nomes seriam suficientes para criar um livro p. 94

Ao elencar uma quantidade considerável de nomes de outras mulheres que também se dedicaram às ciências e às letras, a tradutora mostra que ciência é, sim, assunto de mulher também, utilizando o espaço paratextual para fazer um verdadeiro manifesto feminista.

Para dar maior credibilidade ao seu 'manifesto', invoca a obra de Boccaccio que também se preocupou em destacar as mulheres que, de alguma maneira, participaram da literatura e ainda a *Accademia dell'Arcadia*, que possibilitou a muitas mulheres a participação em reuniões literárias.

Em muitas partes do texto, Barbapiccola ressalta que as mulheres não são inferiores aos homens em sua inteligência, pleiteando, junto ao seu público leitor que valorize as mulheres, ou até, mostrando a elas mesmas a sua capacidade. Enfatiza que outras mulheres muito estudaram e se destacaram e também deixaram escritos sobre as mulheres do passado.

Sobre mulheres que também estudavam a filosofia de Descartes

[...] é recente a memória da excelentíssima Rainha da Suécia, Cristina, que entre suas qualidades tinha aquela de ter cultivado a Filosofia de René Descartes secretamente, como também de tê-la protegido e promovido [...] p. 92-93

[...] e entre nós também é o caso da louvada Duquesa de Limatola, que herdando o profundo saber de Lucrezia, Duquesa de Urbino na poesia e na filosofia que muito conhecimento tinha e se interessava tanto pela Física quanto pela Metafísica Cartesiana que a chamavam de cientista única, conforme se lê no elogio que ela recebe no volume XXXII no *Giornale de' letterati d' Italia* [...] p. 93

[...] eu me animei a traduzi-la na língua italiana para fazê-la chegar a muitos outros leitores, em particular às mulheres, as quais, assim como disse René, em uma de suas cartas, as mulheres são mais aptas à Filosofia que os homens; tendo ele comprovado isso em sua protegida Elisabetta, filha de Federico, rei da Boêmia [...] p. 94-95

A tradutora mostra para seus leitores que mulheres importantes defendiam a filosofia de Descartes que ela estava trazendo agora para a cultura italiana, tendo o cuidado de mencionar as fontes bibliográficas de sua afirmação, para que o leitor pudesse ter a comprovação do que ela estava dizendo.

Uma das razões pelas quais Barbapiccola escolheu Descartes para traduzir, também pode ser justamente a de que ele acreditava que as mulheres também se destacavam nos estudos filosóficos, tinham capacidade de escrever e aprender sobre as ciências, fato este comprovado não apenas pelo que menciona Barbapiccola em seu prefácio, mas também por Descartes haver ensinado durante anos a filosofia para a princesa Cristina e por ter dedicado sua obra *Princípios* a ela.

Sobre a sua formação

Pelo exemplo dessas inteligentes mulheres, eu, extremamente animada - tanto que acredito poder um dia vencer a parte fraca do meu sexo, que reduz o estudo a saber brincar e a falar bem das vestimentas da moda e das fitas, defeito criado não tanto pela natureza, mas pela péssima má educação e costumes, me propus a cultivar, primeiramente, as línguas e, em seguida, enquanto as habilidades permitirem, as Ciências, entre essas, a Filosofia, como aquela, que pela parte moral nos torna civis, pela Metafísica, iluminados e pela Física instruídos sobre a vaga e maravilhosa arquitetura deste grande palácio do mundo que DEUS formou para que fosse nossa a moradia, sendo muito desagradável habitar esse espaço como animais brutos [...] p. 94

Ao afirmar que “[...] não tanto pela natureza, mas pela péssima má educação e costumes [...]”, a tradutora do século XVIII já antecipa, de certa forma, a máxima

feminista proclamada por Simone de Beauvoir (1980) dois séculos mais tarde, de que a gente não nasce, mas torna-se mulher. E ela julga o modo como se dá essa ‘adaptação’ aos padrões de feminilidade da época como “péssima e má educação”, ou seja, ela emprega um tom bastante duro e crítico contra os costumes de seu tempo.

A tradutora também ressalta e defende a importância de uma formação educacional para as mulheres diferente daquela oferecida a elas em seu tempo e acentua os seus esforços pessoais no sentido de alcançar outro patamar, em termos de formação, do que aquele comumente aceito na época. Assim, procura servir de exemplo a outras mulheres não só pela apresentação daquele seu trabalho, mas através de sua biografia como um todo.

Sobre a questão da língua e o ato tradutório

[...] em qualquer época, era comum se traduzir os livros na linguagem usual, ainda que os romanos traduzissem para o latim as obras gregas mais notáveis e importantes, tanto históricas quanto doutrinárias; e, em seguida a língua latina deixou de ser usada pelo vulgo, os livros escritos foram sendo traduzidos para as outras línguas que foram surgindo, em particular a italiana no esplendor do século XVI, e a língua francesa no século passado, quando mais do que nunca na França a leitura estava em alta p.95

E esta é uma grande vantagem daqueles, que não usam outra língua além da materna e têm desejo de aprender, abrindo, assim, a eles a estrada para apreciar não somente a leitura desses textos, mas de conseguir o proveito que trazem as ciências, as quais não se prendem às línguas, mas às coisas, que em cada língua com propriedade bem se possam explicar, com atenção no que diz respeito somente a alguns vocábulos específicos da arte, os quais, com som que o acompanhou desde seu início é importante reproduzi-los, fato este que foi observado com seriedade nesta tradução. p.95

A tradutora retrata a questão da evolução da língua vulgar, conforme tratei brevemente no capítulo dois deste trabalho, defendendo o uso da língua vulgar. E ela ressalta a importância que isso terá para a divulgação da ciência entre leitores comuns, com o que se apresenta de pensamento progressista em seu tempo.

[...] se depois, nela, toda a beleza do italiano falado não se conseguir ver, é importante saber que nos preocupamos mais com a explicação dos sentimentos que com a forma do texto original, não podendo mesmo assim, evitar alguns vícios típicos na tradução de uma língua para a outra, porque sempre se perde a elegância, a graça, a propriedade e o número da língua original, na qual tão extraordinariamente os autores tenham escrito, assim como acontece ao reproduzir, ainda que da mão experiente, um quadro de excelente pintor, que, mesmo assim, não guarda a veracidade do original. p.95

[...] tanto pelo peso que pela leveza das expressões, podia torná-la mais próxima ao texto latino, com o qual eu tive um certo cuidado, por isso a tradução tornou-se mais completa, respeitando as intenções do autor p. 95

No que diz respeito à exatidão da explicação de coisas tão difíceis quanto as filosóficas são, realmente não deveria eu, assim com pressa, publicar esta tradução, se antes não tivesse sido vista por algum homem muito culto e notável como fez o tradutor francês, que exigiu o julgamento do próprio René, e, como frequentemente acontecia nos tempos antigos com os livros, que se deveria entregar ao público, [...] tendo eu sido obrigada a publicá-la, fui induzida, deixando persuadir-me por receber boas considerações, e esperando que outros, seguindo o meu gênio, fizessem outras melhores, como foi frequentemente feito com as obras de célebres autores que por mais de uma pessoa para outra língua foram traduzidos p. 95-96

Foi de meu entendimento acrescentar algumas pequenas notas ou breves reflexões, para mostrar passo a passo o quanto erroneamente e com pouca razão a esta filosofia se atribuem muitas coisas pelo autor nem se quer imaginadas, e colocar em princípio um breve, mas completo resumo da vida de René, para tornar claro o modo dos seus estudos e a ordem que ele considerou ser o bom filosofar na história da sua filosofia. p.96

Assim, lendo a Filosofia de Descartes da maneira que ele gostaria que fosse lida, ou seja, desde o princípio como se fosse uma fábula e, em seguida, à medida que vai sendo depois considerada. p.98

Barbapiccola mostra ter escolhido manter a versão italiana o mais próximo possível do original e aproveita para justificar porque está fazendo uma tradução de uma obra tão importante, disponível até então na língua latina. Explica para seu leitor que, ao fazer uma tradução, se pode perder inúmeros aspectos e que ela não fica igual ao texto que os autores escreveram, comparando o ato tradutório com a imitação de uma pintura famosa, a fim de fazer com que seu leitor entenda o processo. Podemos perceber a concepção de tradução da tradutora, alinhada com o modo de traduzir naquela época.

Faz, ainda, referência à França, dizendo estar esta à frente tanto no aspecto da evolução da língua, quanto da literatura e dos estudos das ciências, em particular da filosofia, com o que demonstra também seu pensamento progressista.

Justifica-se para o leitor, explicando porque achou que era necessário o acréscimo de notas ao longo da tradução. Porém, o que ela chama de “algumas pequenas notas⁶ ou breves reflexões” são, na verdade, comentários tecidos de modo consistente ao longo de toda tradução, para cada um dos parágrafos do texto de Descartes, demonstrando a tradutora através de mais esse espaço paratextual o seu

⁶ As notas que acompanham a tradução de Barbapiccola não foram traduzidas neste trabalho, limitando-me eu apenas à tradução dos prefácios e das cartas de dedicatórias, por julgá-los mais relevantes para o objetivo da minha pesquisa.

conhecimento aprofundado do assunto traduzido, com o que certamente surpreendeu, também, os leitores da época.

Defende a filosofia cartesiana

E porque senti de dizer que a Filosofia Cartesiana foi fundada sobre grandes pensamentos e sobre certas experiências, e que procedia com métodos claros, obtendo as coisas umas das outras, e que uma infinidade de seguidores tinha conquistado; a esta filosofia mais que a qualquer outra me dediquei, quis estudá-la na sua fonte, pois estava em dúvida dos seus rios, que essa água original não guardava com a mesma clareza. [...]. p. 94

Mas não posso deixar de me liberar de alguma outra acusação que a mim seja possível fazer, outra além daquela da qual primeiramente me defendi devidamente, e se é que quero eu tornar vulgar uma ciência tão sublime quanto é a inteira filosofia e com o ignorante povo compartilhá-la [...] que queira tornar comum uma filosofia que por sólidos princípios da Antiguidade é afastada e não se adapte bem com a nossa santa religião. p.96

E pelo fato de que ela, a Filosofia de Descartes se considera afastada dos sólidos Princípios da Antiguidade como se ouve pela fala de algumas pessoas que se dedicaram muito à filosofia [...]. p. 97

Chegando enfim ao ponto que a Filosofia Cartesiana não se adapta com a nossa Santa Religião, que é o falatório daqueles que são contra a filosofia de Descartes, por fins particulares vão espalhando frequentemente, por amor à verdade, entre os ignorantes e cheios de pré-conceitos o tempo todo: é preciso que as coisas como se diz, sejam observadas do seu princípio, como se faz com o ovo. p. 98

Ao defender as ideias de Descartes, Barbapiccola toma partido das palavras do autor perante seus leitores e permite que o povo italiano tenha acesso à ciência moderna que estava surgindo na Europa, apresentando-se, assim, também como uma mulher alinhada com a modernidade e o pensamento inovador de seu tempo.

Demostra saber que a filosofia de Descartes vai contra o que pregava a Igreja, e ao mesmo tempo, tenta comprovar que o que ensinou Descartes sempre esteve presente, sempre existiu, porém era escondido ou não divulgado pelas outras filosofias como as de Platão e Aristóteles.

As outras filosofias

Ao crescer depois o número de fiéis que, abraçando a nossa religião cristã, muitos filósofos pertencentes à classe dos notáveis começaram também entre os cristãos a usar filosofia, mas para defender a fé ou para atacar quem a ofendia. E como foi considerada pelos padres a Platônica, a filosofia mais apta para esse fim que a Aristotélica, tendo tratado Platão da

Divina Providência e da Imortalidade da Alma, de forma muito clara, distinta e notável, fato que não se observava ter feito Aristóteles, que dessas coisas não falava com dignidade, e ainda que sua lógica fosse demasiadamente confusa e a sua moral demasiadamente humana [...] isso fez com que até o século VI não fosse abraçada e sustentada pelos padres outra Filosofia que a Platônica., tanto os gregos, cuja maior parte eram grandes filósofos [...] e ainda que ela, a filosofia Platônica, entregasse as armas ao maniqueísmo e muitas outras heresias, mesmo assim souberam perfeitamente cristianizá-la, por assim dizer, pois ajudava a defender, sustentar e propagar os dogmas católicos. p. 99

A mesma coisa aconteceu com a Filosofia de Aristóteles, pois no início ela foi considerada como a causadora do erro Ariano; aliás, como sendo a origem de muitas heresias, conforme escreve São Jerônimo que diz em um lugar que "os hereges deixavam o apóstolo para seguir Aristóteles. p. 99

[...]as filosofias de Platão e de Aristóteles têm tido a vantagem e o mérito de se tornarem cristãs e de terem sido depois colocadas como base para a nossa santa religião [...]. p. 101

Barbapiccola descreve em detalhes como era vista a filosofia em sua época, como se deu com a filosofia de Platão e de Aristóteles que, de certa forma, foram apoiadas pela Igreja, em uma tentativa de explicar ao seu leitor o que havia acontecido nos estudos filosóficos desde a Antiguidade até a sua época e onde a nova filosofia que ela estava tornando acessível se colocava. A única filosofia que era bem vista aos olhos da Igreja naquele período era a que não ofendia e não tirava a autoridade da religião e da fé, o que não acontecia com a filosofia de Descartes, de modo que a tradutora assumiu riscos com a sua publicação.

Concluindo

Não mais que isso direi, deixando o que restar aos cuidados e ao conhecimento dos meus leitores [...] p. 101

E isto é quanto em uma breve carta eu pude dizer, pois, para as coisas que eu queria dizer completamente, seriam necessárias muito mais que poucas páginas e muito mais que o meu pouco talento. p. 102

O prefácio que Barbapiccola escreveu em sua tradução da obra de René Descartes tem vinte páginas. A tradutora chama de "breve carta" e de "poucas páginas", alegando que havia muitas outras coisas para dizer. Baseada nisso, me questiono – por que motivo ela não escreveu uma obra sobre a filosofia de Descartes e sobre seus estudos? Por que ela escreveu uma nota para cada parágrafo traduzido, dissertando sobre filosofia e mostrando seu ponto de vista? Eu arriscaria responder - porque a tradução era o espaço textual permitido às mulheres era a tradução, enquanto texto derivativo, e não o texto autoral, ainda mais se o assunto fosse filosofia. Porém, acredito

que Barbapiccola alcançou visibilidade no meio cultural, por meio dessa tradução e de seu estratégico prefácio, além das notas, que não só auxiliavam o leitor leigo, mas davam mostras de seu vasto conhecimento.

5.3 Comentários sobre as cartas de dedicatória que acompanham as traduções das comédias de Terêncio, realizadas por Luisa Bergalli Gozzi

Dedicando as suas traduções

Sempre foi de meu costume colocar no princípio das minhas obras, o nome de algumas pessoas importantes, com as quais eu estivesse em dívida por causa de suas infinitas cortesias: agora não saberia distinguir a quem eu deveria me referir, a não ser ao Senhor, para dedicar esta minha tradução da quinta comédia de Terêncio [...]. p. 104

[...] eu por minha vez demonstro quanta gratidão tenho em um caso como este. p. 103

Mais do que nunca, com a sua gentileza me conduziu a fazê-la, e agradecer-lo privadamente seria uma ingratidão assim como o seria querer esconder esse grandíssimo débito que tenho com o senhor. p. 104

Algumas vezes, Ilustríssimo Senhor, me ocorreu de endereçar a alguém algumas das minhas simples obras [...] p. 106

A mesma ordem tenho neste ao intitular a minha tradução da *Ecira* de Terêncio, escolhendo o ilustríssimo Senhor, meu patrão, e sinto que do meu propósito estou inteiramente satisfeita [...] p. 106

[...] não desdenhe em acolher esta coletânea de todas as comédias de Terêncio por mim traduzida, que dediquei para pessoas extraordinárias [...] p. 107

A tradutora justifica por que escolheu tais pessoas para dedicar as traduções que fez, mostrando-se grata e reconhecendo a ajuda que teve dessas pessoas para manter-se no meio literário, escrever e traduzir suas obras. Mas ao mesmo tempo ela age de modo estratégico ao fazer as dedicatórias: esses nomes, todos masculinos por sinal, lhe servem como avalizadores, já que, acompanhado desses nomes, seu trabalho de tradução tem maiores chances de ser levado a sério.

Sobre a tradução

Se eu tivesse que apresentar somente a minha tradução, eu teria pena; mas a beleza da comédia original, fará com que o senhor esqueça a minha obra [...]. p. 105

Não apenas tinha resolvido, oh Excelentíssimo Senhor, rever e consertar esta minha tradução da obra *Eunuco* de Terêncio, acabei desistindo de mantê-la em sua altíssima proteção, como ela sempre esteve, depois que saiu das minhas mãos. p. 104

A minha tradução não lhe aparece exceto que por precisar de correções e por estar imperfeita ainda, embora eu a tivesse com não pouca diligência ultimamente revisado e, em muitos lugares, reescrito. p. 105

Bergalli afirma, numa atitude de humildade, que se as traduções não fossem publicadas em versão bilíngue, o leitor não teria interesse em lê-las e a tradução não teria nenhum valor. Faz questão que seu leitor saiba que ela pediu que outras pessoas importantes da época lessem a sua tradução e que muitas vezes foi revisada por ela antes de chegar a ser publicada. Com isso ela valoriza, ao mesmo tempo, o seu trabalho, mostrando a seriedade e competência com que o realizou. O aparente tom de subserviência não deixa de ser estratégico também, no sentido de conquistar a simpatia dos leitores.

Sobre Terêncio

Não acredito no entanto, que lhe desagrade se lhe apresento uma obra de um dos pais da língua latina, no estudo do qual se aprofundou tanto [...] a perfeição da Comédia latina, faz com que eu me desespere, pensando em nunca poder alcançar um marco, para ter pelo menos elogios suficientes. p. 195

Aqui a tradutora exalta o autor escolhido como um dos pais da língua latina e mais, estudado por Bruno Tiraboschi, a quem ela dedica a obra; com isso ela valoriza também o seu próprio trabalho.

5.3.1 Paratexto que segue ao final de cada tradução das comédias de Terêncio, realizada por Luisa Bergalli Gozzi

Protesto da autora

Qualquer expressão de Divindade, que poderia de qualquer modo as Católicas orelhas ofender, não por outro motivo é dito, que para explicar o senso Latino, pertencente às fabulosas Divindades; da Notificação das quais nada deve afetar quem vive e quer morrer no colo da S. Mãe Igreja Católica Apostólica Romana, como se declara, quem estas Comédias traduzi. p. 109

A tradutora se desculpa, declarando-se católica, para se proteger, de alguma maneira, de possíveis ataques, mas ao mesmo tempo aparece, assinando o trabalho.

Ao traduzir as seis comédias de Terêncio, Luisa Bergalli retoma a comicidade lançada pelo autor e contribui com um dos costumes predominantes em sua época, que era entreter o povo com poesia e comédias. Com a tradução, para a língua italiana, de uma obra tão antiga, acaba destacando-se bastante, dada a complexidade do trabalho que realizou. Imaginando, acredito, que o povo italiano teria interesse em ler obras tão antigas de um autor muito polêmico por imitar ou reproduzir obras gregas, ela acaba chamando a atenção para seu nome e para suas demais obras escritas e traduzidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho vinculado às pesquisas em História de Tradução, aqui numa perspectiva de gênero, teve como objetivo principal propor uma leitura dos prefácios encontrados em algumas obras traduzidas por Maria Selvaggia Borghini, Giuseppa Eleonora Barbapiccola e Luisa Bergalli Gozzi que viveram nos séculos XVII e XVIII na Itália. Tal período, com a inauguração da *Accademia dell'Arcadia* foi importante para a alfabetização feminina e seu ingresso gradativo no mundo das Letras, embora ainda fortemente atrelado à posição social da família e à sua condição financeira.

Procurei apresentar uma breve reflexão sobre a intersecção entre os Estudos de Gênero e os Estudos da Tradução, mostrando que um dos aspectos explorados nessa interface é a pesquisa a respeito do trabalho de tradução realizado amplamente por mulheres no passado, ressignificando, assim, essa atividade outrora considerada inferior e derivativa.

Ao lermos os prefácios escritos pelas tradutoras citadas neste trabalho, podemos entender que elas faziam questão de assumir a autoria de suas traduções e, que faziam uso desse espaço até mesmo como uma estratégia para suas lutas político-ideológicas a favor das mulheres.

As obras encontradas dessas tradutoras são prova que as mulheres foram ativas no meio cultural de sua época e representam uma fonte rica de informações sobre as condições das mulheres em produzir e traduzir no passado, assim como sua inserção científico-cultural, política, econômica e pessoal na sociedade em que viviam. Espero assim, ter contribuído com as pesquisas sobre as mulheres do passado, mostrando que as tradutoras italianas contribuíram para o crescimento e a evolução da ciência e da cultura de seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDINI BUTI, Maria. **Poetesse e scrittrici**. Serie VI. Roma: Istituto Editoriale Italiano Bernardo Carlo Tosi, 1941.

BARBAPICCOLA, Giuseppa Eleonora. **I principi della filosofia di Renato Descartes**. Tradotti dal Francese col confronto del Latino in cui l'Autore li scrisse da Giuseppa-Eleonora Barbapiccola, tra gli Arcadi Mirista, Torino, 1722.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERGALLI, Luisa. **I Componimenti poetici delle più illustri rimatrici d'ogni secolo**, Venezia, 1726.

_____. **Le commedie di Terenzio**. Venezia, 1931.

BEYSSADE, Michelle. **Descartes**. Lisboa: Edicoes 70, 1972.

BETRI, Maria Luisa, BRAMBILLA, Elena. **Salotti e ruolo femminile in Italia : tra fine Seicento e primo Novecento**. Venezia : Marsilio, 2004.

BOCCACCIO, Giovanni. De mulieribus claris, 1361. In: Zaccaria, V. **De mulieribus claris** con la traduzione italiana, Milano, 1970.

BORGHINI, Maria Selvaggia. **Opere di Tertulliano** tradotte in Toscano dalla Signora Selvaggia Borghini, Nobile Pisana, In: Roma, nella stamperia di Pallade, appresso Niccola, e Marco Pagliarini. MDCCLVI, 1756.

CARDUCCI, Giosuè. Della poesia melica italiana e di alcuni poeti erotici del secolo XVIII, prefaz. a **Poeti erotici del secolo XVIII**, Firenze, Barbèra, 1868.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a Metafórica da Tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: Ottoni, Paulo (org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Gender and metaphors of translation, in: Lawrence Venuti (ed.), **Rethinking Translation. Discourse, Subjectivity, Ideology**, Londres e Nova Iorque, 1992.

CHEMELLO, Adriana. **Luisa Bergalli**. Padova. Eidos Editora, 2007.

CROCE, Benedetto. **La letteratura italiana del Settecento**, Bari, Laterza, 1940.

CUJAS, Jacques. Observations et emendations, in **Opera omnia**, vol.VI, Lyons, 1606.

Dépêche, Marie-France. **As traduções subversivas feministas ontem e hoje**, 2002, disponível em http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/mfd1.html

DEZZA, Massimiliano. **Vita di Helena Lucretia Cornara Piscopia**, Venezia, Antonio Bosio, 1686.

Dizionario biografico degli italiani -Maria Selvaggia Borghini, in XII, Roma, Istituto della Enciclopedia italiana, 1970, pp. 676-77

Enciclopedia della Letteratura- Garzanti, Garzanti Libri, s.p.a 2002.

FABRONI, A. **Memorie Storiche di più uomini illustri pisani**, tomo III, 1792.

FACHINI, G. Canonici. **Prospetto biografico delle donne italiane rinomate in letteratura**. Dal secolo XIV fino a' giorni nostri. Con una risposta a Lady Morgan riguardante alcune accuse da lei date alle donne italiane nella sua opera "L'Italie", Venezia, Dalla Tipografia di Alvisopoli, 1824.

FIGUEIRA, Pedro, **Nascimento da ciência moderna: Descartes**, Campo Grande: Ed.Uniderp, 2005.

FLOTOW, Louise von. **Translation and Gender**. Translation in the Era of Feminism. Manchester, St Jerome/ University of Ottawa Press, 1997.

_____ **Feminist Translation: Contexts, Practices, and Theories**. *TTR: Études sur le texte et ses transformations*, IV(2), 1991, p. 69-84.

FUBINI, Mario. **Dal Muratori al Baretti**: studi sulla critica e sulla cultura del Settecento, Roma; Bari: Laterza, 1975.

GIORDANO, Antonella. **Letterate toscane del Settecento**: Un regesto. Firenze: All'Insegna del Giglio, 1994.

GODARD, Barbara. **Theorizing Feminist Discourse/ Translation**. In: Bassnett, Susan / Lefevere, Andre. (eds) **Translation, History & Culture**. London and New York, Printer Publishers, 1990.

GOZZI, Carlo, **Le memorie inutili della vita di C. G.** Scritte da lui medesimo e pubblicate per umiltà por G. Prezzolini, Bari, Laterza, 1919.

_____. **Memorie inutili**. Venezia, 1797.

GRAZIOSI, Elisabetta, Arcadia femminile: presenze e modelli, In: **Filologia e Critica**. XVII, 1992.

GROSS, Elizabeth. Que és la teoria feminista? Tradución: Monica Mansour. In: **Debate Feminista**. Año 6, Vol.12, Octubre 1995, 1986.

GUIMARÃES, José Raimundo. **A polifonia contemplada como construtora do interminável saber por meio do ato tradutório na tradução comentada e anotada do Sri Ramanuja Gita Bhasya**. Dissertação. Florianópolis, 2009.

KELLY, Joan. **Women, history and theory : the essays**. Chicago; London : University of Chicago Press, 1986.

KING, Margaret L. **Le donne nel Rinascimento**, Roma ; Bari : Laterza, 1991.

KING, Margaret, **A Mulher do Renascimento** , Lisboa: Editorial Presença, 1994.

KOLODNY, Annette. Dancing through the Minefield: some Observations on the Theory, Practice and Politics of a Feminist Literary Criticism. In: Warol, Robin/ Herndl, Diane (orgs.) **Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

LEFEVERE, Andre. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame**. London/ New York: Oxford University Press, 1992.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In:HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LINS, Ivan. **Descartes, época, vida e obra**. Rio de Janeiro: Emiel, 1940.

LUKOSCHIK, Rita Unfer. **Lettere di Elisabetta Caminer: (1751-1796): organizzatrice culturale**. Conselve (PD) : Think ADV, 2006.

LUTERO, Martin. **Sammtliche Werke**, Erlangen – Frankfurt, 1826-57, vol.20.

MACHIAVELLI, N. **Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua**, edizione critica con introduzione, note e appendice a cura di Bortolo Tommaso Sozzi. Torino, Einaudi, 1976.

MASCHIETTO, Lodovico. **Elena Lucrezia Cornaro Piscopia (1646-1684)**. Prima donna laureata nel mondo. Padova. Editrice Antenore, 1978.

MAZZUCHELLI, G. **Gli scrittori d'Italia**. Brescia, vol.2, parte II, 1760.

NATALI, Giulio. **Il Settecento**, Milano, Vallardi. 1936.

ORESTANO, Francesco. **Eroine, ispiratrici e donne di eccezione**. Serie VII, Milano: Istituto Editoriale Italiano Bernardo Carlo Tosi, 1940.

PANZINI, Alfredo. La sventurata Irminda! In: **La cicuta, i gigli e le rose**. Milano, Mondadori, 1931.

PERNOUD, Régine. **Storia di una scrittrice medievale: Cristina da Pizzano**. Milano, Jaca Book, 1996.

PIGHETTI, Clelia. **Il vuoto e la quiete**. Scienza e mistica nel '600. Elena Cornaro e Carlo Rinaldini. Milano, Franco Angeli, 2004.

PURICELLI, Macri. **Una giornalista veneziana del Settecento**. Elisabetta Caminer Turra – Seconda parte; in: *MeDea*. 2001.

QUONDAM, A. L'istituzione Arcadia. Sociologia e ideologia di un'Accademia, in *Quaderni storici*, 1973.

RICALDONE, Luisa. **La scrittura nascosta**. Donne di lettere e loro immagini tra Arcadia e Restaurazione. Fiesole: Edizioni Cadmo, 1996.

RIDDER-SYMOENS, Hilde. **A History of the University in Europe: Volume II, Universities in early modern Europe 1500-1800**. Cambridge University Press. 1996.

RINIERI, P. Ilario. **Dall'Arcadia al capestro**: di Eleonora da Fonseca Pimentel Letterara e giacobina. Roma: Befani, 1900.

ROBINSOM, Douglas. Theorizing Translation in a Woman's Voice: Subversions of the Rhetoric of Patronage, Courtly Love and Morality, in: **The Translators**, St. Jerome Publishing: Manchester, 1995.

SCHURMAN, Anna Maria Van. **The Learned Maid**. London, Redmayne, 1659.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução de Guacira Louro. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, 16 (2): 5-22, jul/dez. 1990 (1986).

SCOTT, Joan. **Preface a gender and politics of history**. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP, 1994.

SIMON, Sherry. **Gender in Translation: Cultural Identity and the politics of Transmission**. London: Routledge, 1996.

SOUZA, Rômulo Augusto de. Manual de história da literatura latina. Belém: Serviço Imprensa Universitária, 1977.

STACHERL, Petra. **Auf den spuren italienischer übersetzerinnen zwischen Arcadia und Romantik**. Graz, 2001.

TASSISTRO, Carlotta Egle. **Luisa Bergalli Gozzi**. La vita e l'opera sua nel suo tempo. Roma, Tip. Naz. Bertero. 1920.

TELLES, Lygia Fagundes. **As meninas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

TONZIG, M. **Elena Lucrezia Cornaro Piscopia, 1646 -1684 prima donna laureata**. Quaderni per la storia dell'università di Padova, 1973.

VALÉRY, P. O pensamento vivo de Descartes.. São Paulo (SP): Martins, 1955.

VICHI, Anna Maria Giorgetti, **Gli arcadi dal 1690 al 1800**. Onomasticon. Roma: Tipografia editrice romana, 1977.

VIVES, Juan Luis. **Instruction of a Christian Woman**. Tradução: Richard Hyrd , London, 1540.

WIESNER , Merry E. **Women and gender in early modern Europe**. Cambridge university press, 1993.

_____ **Convents confront the Reformation: Catholic and Protestant**

nuns in Germany, Milwaukee: Marquette University Press, 1998.

WOOLF, Virginia. **Una stanza tutta per se**, traduzione di Livio Bacchi Wilcock e J. Rodolfo Wilcock, Milano, Il saggiatore, 1991. (Obra original: A Room of One's Own, 1929)

Websites:

<http://www.italiadonna.it/public/percorsi/biografie/f108.htm> Acesso em: 15 Out. 2009.

<http://www.italiadonna.it/public/percorsi/biografie/f072.htm> Acesso em: 15 Out. 2009.

<http://archiviteatro.napolibeniculturali.it/attivita/leonora/pimentel.html> Acesso em: 20 Jan. 2010.

<http://it.wikipedia.org/wiki/humanitas> Acesso em: 16 fev. 2010.

<http://fraseversos.com/celebres/> Acesso em: 17 fev. 2010.

<http://historiadogenerodramatico.pbworks.com/roma> Acesso em: 20 fev. 2010

APÊNDICE – Tradução dos paratextos

A seguir, apresento a tradução que fiz dos paratextos encontrados nas obras traduzidas pelas mulheres italianas mencionadas nesta dissertação.

Procurei manter a linguagem antiga dos paratextos, conservando o aspecto e o estilo de uma escrita dos séculos XVII e XVIII, ou, ao menos, um tom arcaizante. Justifico esta escolha por ter a intenção de mostrar para o meu leitor que se trata de documentos históricos, cujo valor intrínseco se restringe àquela época.

Meu objetivo ao apresentar esses paratextos em português é mostrar como as tradutoras se valiam dessa estratégia de acrescentar textos de próprio cunho com a intenção de fundamentarem a escolha da obra traduzida, fazendo uma espécie de introdução, preparando o seu público leitor para o que iria ler naquela obra e, sem dúvida, aproveitando-se disso para se tornarem conhecidas e se afirmarem como sujeito visível das traduções que faziam.

Tradução da carta-prefácio encontrada na obra *Opere di Tertulliano*, escrita por Maria Selvaggia Borghini

Ao leitor

Coloco aqui, oh leitor cortês, sob seus olhos o grande Tertuliano. No entanto, me parece muitas vezes vê-lo de certa forma como uma pintura vermelha, como se sentisse vergonha, por assim dizer, por ter depois de tantos séculos mudado de vestimentas, mudado a sua aparência, fazendo com que pensem que mudou o seu estilo. Isso na verdade é culpa da minha caneta, que, não tendo sabido convertê-lo em nosso vulgar e tecer a ele ao menos um vestido digno o fiz diminuir na sua majestade, e o fiz talvez representar um personagem mais comum. Mas graças ao céu, que o sol também frequente entre as nuvens brilha, de modo que o fulgor intelectual vivo de um grande autor brilhará não menos entre a sombra do meu estilo e aparecerá nas entrelinhas do meu texto, não de fato mal feito, muito diferente, porém, do seu original, que é nobre e totalmente enfático. Repare, no entanto, no peso dos sentimentos desta tradução e não na maneira como são representados; pois também um metal de qualidade inferior, sem que se perca o seu verdadeiro valor, vem, às vezes, encaixado a uma preciosíssima joia.

Continuo falando de Tertuliano, o mestre de um glorioso mártir, e é aquele, de quem São Agostinho, São Jerônimo, Lirinense, Latânio, e muitos outros fazem inumeráveis elogios. Se ele, Tertuliano, após ter jogado fora todas as heresias de seus tempos e também aquelas heresias que surgiram depois dele, quase com vidência divina, eu diria, que se afastou em parte dos Sagrados Decretos, estava mesmo assim nisso, um ensinamento, nos fazendo conhecer, que ninguém deve confiar em si mesmo, enquanto um tão inveterado e forte defensor da inocência, e das mais severas disciplinas, tão gravemente tropeça e cai. Aproveite então dessas suas reflexões, que encontrarás, inteligentíssimas e perfeitíssimas, para enriquecer-te com os ditados escolhidos e cristãos e para ganhar vantagem com as suas transgressões, para estar sempre de sobre-aviso, e não vacilar em nenhuma situação; concluindo que ele é bom, ensina com a sua doutrina e nos instrui com o seu exemplo.

Tradução da carta-prefácio encontrada na obra *I principi della Filosofia di René Descartes* escrito por Giuseppa Eleonora Barbapiccola

Da tradutora aos leitores:

Não gostaria que, inicialmente, ao ler o título deste livro e percebendo ser obra de uma mulher, sintam vontade de mandá-la de volta a seus afazeres comuns e tradicionais como tecer em meio a carretéis e linhas, assim como fez Homero quando manda dizer por Heitor, marido de Andromaca, “que as mulheres retomem suas principais ocupações, ou seja, seus teceres”. Desse fato, muito duvidava Madame Dacier, quando coloca na nota de uma de suas obras traduzidas do francês, um trecho tão louvado de Homero, como coisa muito mais superior, superando exageradamente as suas capacidades. Para confirmar isso, basta relatar uma história recontada por Heródoto sobre a Princesa de Cirene, Ferentina, com o Rei de Cipro e Valton, que remete ao mesmo conceito, pois ainda que de imediato as ocupações das mulheres, outras não deviam ser que aprender o catequismo, a costurar e a realizar pequenos trabalhos como cantar, dançar, pentear-se à moda, saber fazer bem as reverências e falar educadamente, fato este ao qual se opunha o Senhor Claudio Ab: Fleury em seu grande *Trattato della Scelta e del Metodo degli Studi* no capítulo XXXVI onde menciona os Estudos das Mulheres, dando a entender que elas não sejam capazes de estudar por conta própria, e

que os espíritos delas, além de serem em qualidade diferentes daqueles dos homens, são também de pouco valor, inferiores. Ainda que, olhando e considerando melhor elas não devam ser excluídas dos estudos das ciências como aquelas que têm espíritos mais elevados e que em todas as virtudes maiores não foram inferiores aos homens, pelo fato de que outros muitos escritos que de excelência e dignidade do sexo feminino falaram, como o excelentíssimo senhor D. Paulo Matias Dória, Príncipe de Angri nos seus *Ragionamenti* endereçados à senhora D. Aurélia, Duquesa de Limatola, ele com razões bem fundamentadas se esforça em mostrar isso.

E em verdade, sem folhear o livro das inteligentes mulheres de Boccaccio, *De mulieribus claris*, ou então, algum outro que mencione as demais mulheres cientistas, quem que não sabe ainda mesmo que tenha um conhecimento bem medíocre da história, o quanto em cada época as mulheres se destacaram na literatura. Entre os gregos na poesia, quando aquela época estava no ápice, famosas foram Corinna Tebana que venceu por cinco vezes o príncipe dos poetas líricos Píndaro; outra foi Corinna Lesbia; Erinna di Telo, donzela que, tendo apenas treze anos, solicitou que chegasse seu verso à majestade de Homero, das quais Properzio faz elogios; Dafne que compôs muitos livros de poesias, de cujos versos se baseou mais tarde Homero, conforme afirma Diodoro Siciliano. Assim também Saffo di Lesbo, inventora do Verso Saffico, que dela traz o nome, que, segundo Strabone, era inalcançável na poesia; Jambe, inventora do verso Jambico; Carissena também autora de muitos versos, que Aristofane menciona nas suas comédias: Telesilla premiada por Pausania. Entre os latinos, Polla Argentaria, esposa de Lucano Poeta, que ajudou o poeta a completar os primeiros três livros da Farsalia, de acordo com o que nos conta Stazio; e, para falar de muitas e muitas outras, basta lembrar de Proba Falconia, e não Faltonia, da cidade de Orta e não de Roma, nem a confundir com Anicia Faltonia Proba, ou com Valeria Proba, como infelizmente alguns tem feito, conforme mostra claramente, o excelentíssimo Monsenhor Justo Fontanini no livro II. das *Antichità delle Colonia di Orta*; a qual, entre outras, suas obras de poesia, compôs *Centone Virgiliano*, na qual com os versos de Virgílio descreve os feitos de JESUS CRISTO e os principais mistérios da nossa Fé; da mesma forma, fez a Imperatriz Eudocia, esposa de Teodofio o jovem, com os versos de Homero, descrevendo uma grande parte da História Evangélica, se bem que antes dela, outras *Omerocentoni* são lembradas por São Jerônimo: Ambas maravilhosamente imitadas pelo Excelentíssimo Senhor D. Niccolò Gallio de Duchi di Alvito, o qual nas horas em que ele não repousa, mas se dedica seriamente aos estudos dos versos de todas as obras de

Ovídio, formou uma eloquente *Centone* em três livros divididos com o título: *De Deo Redemptore*; onde começa pelo Mistério da SS. Trinità e Criação eterna do verbo, seguindo toda a vida de JESUS CRISTO conforme tem ditado os santos evangelistas. Em seguida, seus amigos encontraram algumas folhas que foram impressas até agora. E se depois, mais próximos de nós olharmos, se destacaram por sua superior inteligência na Itália D. Vittoria Colonna, Marquesa de Pescara, D. Veronica da Gambara, ambas por Ariosto com honor recordadas, Tullia de Aragona e muitas outras. E dos nossos tempos, são muitas as que são lembradas, as quais tem um lugar tão distinto na renomada Accademia dell'Arcardia, sem mencionar aquelas além dos Alpes da França em particular, onde a inteligência das mulheres não menos daquela dos homens vem sendo cultivada.

Então passamos aos estudos da poesia e da Filosofia de um modo especial, que muitas ciências compreendem, onde parece que seja necessário de outro espírito que não o de mulher, encontramos Cleobulina, filha de Cleobuto, um dos sete sábios da Grécia, por Suida e por Ateneo grandemente exaltada: Temistoclea e Damo, ou melhor dizendo, Damone, uma irmã e a outra filha de Pitágoras, as quais ele dedicou algumas das suas obras; tanto elas conheciam as disciplinas filosóficas, que a primeira muita ajuda deu ao irmão, e a segunda foi a sucessora do pai na escola; Diotima e Aspasia nas ditas ciências tão cultas, que Sócrates não teve constrangimento em chamar a primeira para ocupar o lugar de mestre e de intervir nas aulas da segunda, conforme nos conta Platão; Leonzia, pequena jovem de tanto espírito e de tanto valor e que não teve dúvida quanto à glória do seu nome ao escrever contra o filósofo Teofrasto, por sinal um homem culto; e lembrando somente Ipparebia mencionada por Laerzio, Amficlea mencionada por Porfirio na vida de Plotino, Alfioatea por Apulejo e Plutarco mencionada e muitas outras; tem também Ipazia a qual Suida e Sócrates citam no livro VII, fazem referência ao dizer que ela superou todos os filósofos de seus tempos em conhecimento, sucedendo na Escola Platônica, que tinha sido louvada do Plotino em Alessandria com a presença maravilhosa do povo e com intensos aplausos do público de Uditori, que de muitas partes vinham para ouvi-la; nesta escola, outras mulheres em diversos tempos se destacaram; assim também em épocas mais próximas a nós, ilustres foram Abella, Mercuriade, Rebeca, Trotta ou Trotila, Senzia Guarna e Costanza Galenda na Escola Salernitana, e por ter ditado em público as lições e ter criado muitas obras dignas. E para não ficar relembrando coisas que já passaram, é recente a memória da excelentíssima Rainha da Suécia, Cristina, que entre suas qualidades tinha aquela de ter

cultivado a Filosofia de René Descartes secretamente, como também de tê-la protegido e promovido; e entre nós também é o caso da louvada Duquesa de Limatola, que herdando o profundo saber de Lucrezia, Duquesa de Urbino na poesia e na filosofia que muito conhecimento tinha e se interessava tanto pela Física quanto pela Metafísica Cartesiana que a chamavam de cientista única, conforme se lê no elogio que ela recebe no volume XXXII XXXII no *Giornale de'letterati d'Italia*, que pelas suas inúmeras virtudes intelectuais e morais, uma elegantíssima oração em sua morte compôs o Monsenhor D. Filippo dos Anastagi, então Arcebispo de Sorrento, agora Patriarca de Antiochia, à qual obra junto com as demais do mesmo prelado foi impressa.

Não devem ser esquecidas outras mulheres que tinham diferentes tipos de erudição, que em tudo não são menos aptas que os homens. Dentre as muitas foram, Alpasia Milesia Sofista que muito conhecia a retórica, mestre de Péricles e, em seguida, tornou-se sua mulher; Sosipatra, esposa de Ardesio Sofista, que, pela sua grande e variada doutrina, foi considerada pelos nobres, educada pelos Deuses; Zenobia, rainha de Palmireni, especialista nas línguas grega e egípcia que reduz em Epitome a História Oriental e de Alessandria, conforme escreve Pollio Trebellione; Fenionoe muito famosa na diversificada literatura, mereceu que Lucano, Stazio, Plínio Strabone, Eusébio Cesariense e muitos outros a ela fizessem honrosas menções; Cornelia Romana, mãe da família Gracchi e filha do maior africano, a qual por Valerio Massimo elogia pois foi lembrada e elogiada perante uma Matrona Campana, que lhe mostrava os seus fúteis e ricos objetos de beleza, não mostrou por sua fez, joias e ouro ou vestidos nobres e bem decorados, mas, sim, os seus filhos que foram criados na ciência, que são na verdade as verdadeiras joias da Matrona; Fabiola e Marcela, ambas inteligentes mulheres romanas que possuíam muito conhecimento sobre as obras sagradas, que São Jerônimo resolveu dedicar-lhes algumas obras suas, porque bem sabia ele que elas o teriam lido e considerado, devendo ser esta a única atenção e gentileza que se deve ter nas dedicatórias de livros, e não aquela de colocar na capa por uma simples formalidade um nome, acompanhado de muitos títulos; não menos dessas, ao louvado Santo foi querida Eustáquio tão erudita nas obras Romanas, Latinas, Gregas e Hebraicas, que era considerada um prodígio na sua época. Igualmente, mais adiante foram Genebra e Isota Novarrola, ambas Veronesas; Constância, mulher de Alessandro Sforza, tornou-se conhecida graças a Poliziano, ao dizer constantemente que ela tinha entre as mãos as obras de São Jerônimo, Agostinho e Gregório, e de dois Cíceros, Gentile e Cristiano, ou se quer dizer Lattanzio; Batista, primeira filha de Galeazzo Malatesta, Príncipe de

Pesaro, e esposa de Guidone, Duque de Urbino, que com sua grande glória muitas vezes com homens inteligentes teve discursos, e maravilhosamente rezou na presença de Pio II, grande papa que escreveu obras muito elogiadas; a veneziana Cassandra Fedele, de quem fala Poliziano, que ela trocava a lã pelo livro, o carretel pela caneta e a agulha pelo estilo. Em tempos não muito distantes, entre as pessoas do sexo feminino que cultivaram as belas letras, não foi encontrada nenhuma, que com maior esplendor seja companheira de Ana Maria von Schurman de Matrik, a qual, além das Ciências, dominava a língua latina, grega, hebraica, italiana, francesa, espanhola, alemã como língua materna; e outra que se tornou muito famosa foi Madame Dacier, muito louvada pelas tantas belas traduções que fez de autores latinos para o francês e também pelas notas cultas que fez, deixando um belo estudo sobre as muitas outras mulheres da antiguidade e da atualidade ainda viventes, cujos nomes seriam suficientes para criar um livro.

Pelo exemplo dessas inteligentes mulheres, eu, extremamente animada, tanto que acredito poder um dia vencer a parte fraca do meu sexo, que reduz o estudo a saber brincar e a falar bem das vestimentas da moda e das fitas, defeito criado não tanto pela natureza, mas pela péssima má educação e costumes; me propus a cultivar, primeiramente, as línguas e, em seguida, enquanto as habilidades permitirem, as Ciências, entre essas, a Filosofia, como aquela, que pela parte moral nos torna civis, pela Metafísica, iluminados e pela Física instruídos sobre a vaga e maravilhosa arquitetura deste grande palácio do mundo que DEUS formou para que fosse a nossa moradia, sendo muito desagradável habitar esse espaço como animais brutos. E porque senti de dizer que a Filosofia Cartesiana foi fundada sobre grandes pensamentos e sobre certas experiências, e que procedia com métodos claros, obtendo as coisas umas das outras, e que uma infinidade de seguidores tinha conquistado; a esta filosofia mais que a qualquer outra me dediquei, quis estudá-la na sua fonte, pois estava em dúvida dos seus rios, que essa água original não guardava com a mesma clareza. Assim eu fiz na obra traduzida para o francês por um amigo de René, que escreveu uma carta aprovando e recomendando a tradução. E, por isso, ele esperava que fosse lida por mais pessoas em francês do que em latim, e que melhor fosse entendida; eu me animei a traduzi-la na língua italiana para fazê-la chegar a muitos outros leitores, em particular às mulheres, as quais, assim como disse René, em uma de suas cartas, as mulheres são mais aptas à Filosofia que os homens; tendo ele comprovado isso em sua protegida Elisabetta, filha de Federico, rei da Boêmia, que consagra merecidamente os seus princípios, porque

somente ela, até aquele momento, tinha conseguido entre as outras, entender perfeitamente as suas obras; tanto mais que a nossa língua, tanto pelo peso que pela leveza das expressões, podia torná-la mais próxima ao texto latino, com o qual eu tive um certo cuidado, por isso a tradução tornou-se mais completa, respeitando as intenções do autor. A esse outro estímulo se acrescenta o fato de ver que, em qualquer época, era comum se traduzir os livros na linguagem usual, ainda que os romanos traduzissem para o latim as obras gregas mais notáveis e importantes, tanto históricas quanto doutrinárias; e, em seguida a língua latina deixou de ser usada pelo vulgo, os livros escritos foram sendo traduzidos para as outras línguas que foram surgindo, em particular a italiana no esplendor do século XVI, e a língua francesa no século passado, quando mais do que nunca na França a leitura estava em alta. E esta é uma grande vantagem daqueles, que não usam outra língua além da materna e têm desejo de aprender, abrindo, assim, a eles a estrada para apreciar não somente a leitura desses textos, mas de conseguir o proveito que trazem as ciências, as quais não se prendem às línguas, mas às coisas, que em cada língua com propriedade bem se possam explicar, com atenção no que diz respeito somente a alguns vocábulos específicos da arte, os quais, com o som que o acompanhou desde seu início é importante reproduzi-los, fato este que foi observado com seriedade nesta tradução.

Que se depois, nela, toda a beleza do italiano falado não se conseguir ver, é importante saber que nos preocupamos mais com a explicação dos sentimentos que com a forma do texto original, não podendo mesmo assim, evitar alguns vícios típicos na tradução de uma língua para a outra, porque sempre se perde a elegância, a graça, a propriedade e o número da língua original, na qual tão extraordinariamente os autores tenham escrito, assim como acontece ao reproduzir, ainda que da mão experiente, um quadro de excelente pintor, que, mesmo assim, não guarda a veracidade do original.

No que diz respeito à exatidão da explicação de coisas tão difíceis quanto as filosóficas são, realmente não deveria eu, assim com pressa, publicar esta tradução, se antes não tivesse sido vista por algum homem muito culto e notável como fez o tradutor francês, que exigiu o julgamento do próprio René, e, como frequentemente acontecia nos tempos antigos com os livros, que se deveria entregar ao público, sabendo que o compêndio do código Teodosiano, entre outros, teve como seu revisor Aniano, homem respeitável, mas, tendo eu sido obrigada a publicá-la, fui induzida, deixando persuadir-me por receber boas considerações, e esperando que outros, seguindo o meu gênio, fizessem outras melhores, como foi frequentemente feito com as obras de célebres

autores que por mais de uma pessoa para outra língua foram traduzidos.

Foi de meu entendimento acrescentar algumas pequenas notas ou breves reflexões, para mostrar passo a passo o quanto erroneamente e com pouca razão a esta filosofia se atribuem muitas coisas pelo autor nem se quer imaginadas, e colocar em princípio um breve, mas completo resumo da vida de René, para tornar claro o modo dos seus estudos e a ordem que ele considerou ser o bom filosofar na história da sua filosofia. Mas considerando ainda que o Senhor D. Francesco Spinelli, príncipe da Scaléa, estava pronto para publicar uma erudita obra com a qual adverte algumas falsidades que foram atribuídas a Descartes, especialmente na metafísica (na qual teve fortes opositores), e tendo me deparado com a eloquente tradução da restrita vida do louvado autor, composta em francês pelo Senhor Baillet, escrita em nobre vulgar toscano pelo Senhor D. Paolo Francone, marquês de Salcito, cavalheiros que de forma maravilhosa acoplam ao esplendor do sangue variada e profunda literatura, considerei e achei bom não me envolver.

Mas não posso deixar de me liberar de alguma outra acusação que a mim seja possível fazer, outra além daquela da qual primeiramente me defendi devidamente, e se é que quero eu tornar vulgar uma ciência tão sublime quanto é a inteira filosofia e com o ignorante povo compartilhá-la, quando os antigos que não tinham o velo de outra língua para esconder seus preceitos morais e as sutis especulações das coisas da natureza, estudiosamente com enigmas e símbolos as escondiam, para que não fossem expostas ao vulgo incapaz e mal disposto. E além do mais (que é até pior) que queira tornar comum uma filosofia que por sólidos princípios da Antiguidade é afastada e não se adapte bem com a nossa santa religião.

No que se refere ao primeiro ponto, se sabe bem pelos eruditos que outro foi o fim dos Antigos, por manterem certas coisas em segredo e cobri-las com caracteres e fórmulas por poucos conhecidos e entendidos, para não torná-las comuns; desse argumento escreveu o Senhor Jean Batista de Vico, com grande erudição e doutrina; e se sabe ainda que, continuamente se ouvem os prantos, que a infelicidade dos nossos tempos deploram, porque não sendo agora os engenhos menos hábeis para alcançar as ciências que não eram aquelas dos Antigos, em, de qualquer forma, pouquíssimos são aqueles que nelas alcançassem qualquer excelência, e se adequassem à glória dos teólogos, filósofos, matemáticos, históricos, e de outros em diversas faculdades pela fama inteligente na época passada. E entre as causas de um tão grande mal, a primeira e

mais poderosa razão se estima ser porque os Antigos não consumavam muitos e muitos anos, como fazemos nós, em aprender as línguas estrangeiras para depois usá-las para entender naquelas as ciências; mas na própria língua natural naquela que desde criança bebiam, as ciências entendiam.

No que diz respeito aquilo que pertence ao outro ponto, não obstante não seja meu argumento, nem tenha tanto valor de fazer uma justa apologia à filosofia de Descartes por tantos inteligentes homens de forma explícita tão fortemente por todos os lados defendida, em particular pelo Senhor D. Constantino Grimaldi, na *Risposta alla terza Lettera dell' Aletino*; mesmo com breves palavras ele concorda em tirar a minha culpa.

E pelo fato de que ela, a Filosofia de Descartes se considera afastada dos sólidos Princípios da Antiguidade como se ouve pela fala de algumas pessoas que se dedicaram muito à filosofia, de forma superior, como profissão, é necessário que, como primeira coisa, se pense naquilo que Lamindo Pritanio, ou seja, abaixo deste nome o eruditíssimo senhor Ludovico Antonio Muratori diz no Capítulo V, na parte I, das *Riflessioni sopra il buon gusto nelle Scienze e nelle Arti*, onde comprovando ele o grande dano que sofre a verdade e o bom gosto por aqueles que ele chama de julgamentos antecipados, ele considera um princípio mais universal e danoso; que é a estima que sem o necessário discernimento concedem aos homens por algum autor ou mestre, sendo o suficiente para eles acreditarem que ele diga a verdade, saber que ele a diz. Por isso, frequentemente acontece que essas pessoas consigam por um lado covarde e por outro teimosia, as quais, nas palavras do seu mestre jurando, tomam os seus ditados por mandamentos e as suas sentenças por oráculos, e a ele de tal forma se concordam entre eles a seguir Cristo, que não tenham como negar a Platão, ou Aristóteles, mantendo, assim, em equilíbrio a filosofia e o evangelho, como reflete o cultíssimo padre Bartoli, no livro intitulado *Uomini di Lettere*, na parte II. Do que também se queixava na Espanha o famoso Melquior Cano, no livro X, dos *Luoghi Teologici*, capítulo V, ao confessar que sabia que na nossa Itália havia os que davam tanta fé aos seus mestres e a Aristóteles quanto dão aos apóstolos e aos evangelistas aqueles que, na doutrina de Cristo, eram mais religiosos e devotos.

Apresentado tudo isso, ele está certo que, quando as coisas são lidas e aprendidas sem preconceitos prévios ou de má fé, aparecem totalmente diferentes do que são e por outro lado, quando os maus julgamentos se colocam, elas aparecem

diferentes do que são. Assim, lendo a Filosofia de Descartes da maneira que ele gostaria que fosse lida, ou seja, desde o princípio como se fosse uma fábula e, em seguida, à medida que vai sendo depois considerada a estrutura, os pensamentos, certamente não se encontrará novidades além daquelas que mais se estimam, se não aquela de uma cadeia bem estruturada e de um método de deduzir as coisas com a proporção de princípios estabelecidos. E se talvez pareça a alguém que alguma obscuridade a filosofia tenha para ver de onde deriva, basta refletir que Descartes nada mais aprecia que pensar bem tudo aquilo que ele diz, e dizê-lo de modo que mais leve a pensar de quem lê.

Além disso, essa filosofia confessa o seu autor na parte IV, no artigo CC, não é nova, mas, sim, a mais antiga e mais comum que possa ser, não contendo alguns princípios que não tenham sido recebidos desde sempre por todos. E, na verdade, quando com atenção se quer observar as coisas, é necessário fazer justiça sobre isso, porque Aristóteles, antes de começar as especulações metafísicas, bem no princípio, desperta a dúvida movida contra Descartes. E Giacomo Robault, no livro dos seus *Trattenimenti*, nos faz observar que Aristóteles ainda resolve algumas questões considerando a grandeza, a figura e o movimento das partículas do corpo, e também os poros que entre aquelas se encontram, citando como prova um lugar do segundo capítulo do Livro II, das sua *Analitiche*. Isso ainda tem considerado muitos outros e mencioná-los nos tomaria muito tempo; e, em seguida, se beneficiaram com os pensamentos, as observações recebidas dos filósofos antigos e modernos, e o que é bom, porque isso fortalece a cada um, não devendo dificultar a busca da verdade por capricho ou por vontade.

Chegando enfim ao ponto que a Filosofia Cartesiana não se adapta com a nossa Santa Religião, que é o falatório daqueles que são contra a filosofia de Descartes, por fins particulares vão espalhando frequentemente, por amor à verdade, entre os ignorantes e cheios de pré-conceitos o tempo todo: é preciso que as coisas como se diz, sejam observadas do seu princípio, como se faz com o ovo.

Quando se viu que a sabedoria humana fundamentada em princípios fracos tenha auxiliado à fé, que está fundamentada em princípios altos e estáveis que foram revelados pelo próprio Deus? E sendo eles, igualmente, dois grandes males (como o louvado Padre Bartoli, no mencionado lugar nos adverte), procurar as coisas da fé com a curiosidade da Filosofia, e acreditar nas coisas da Filosofia com a certeza da fé. E então é que os primeiros cristãos por Constituição Apostólica estavam proibidos de ler os

livros dos notáveis, de modo específico os dos filósofos, por causa das elucubrações que se reencontravam neles, e se queria apenas que o Santo Evangelho e os outros livros da Bíblia Sagrada fossem sua única aplicação, também para as mulheres; acerca disso se encontram muitas respostas de Virgens Santas a tiranos, extraídos de textos sagrados.

Ao crescer depois o número de fiéis que, abraçando a nossa religião cristã, muitos filósofos pertencentes à classe dos notáveis começaram também entre os cristãos a usar filosofia, mas para defender a fé ou para atacar quem a ofendia. E como foi considerada pelos padres a Platônica, a filosofia mais apta para esse fim que a Aristotélica, tendo tratado Platão da Divina Providência e da Imortalidade da Alma, de forma muito clara, distinta e notável, fato que não se observava ter feito Aristóteles, que dessas coisas não falava com dignidade, e ainda que sua lógica fosse demasiadamente confusa e a sua moral demasiadamente humana, conforme julga S. Gregório de Nazianzo, na carta que escreve a Dioscoro, ou melhor, se observava o contrário, imbuído de dogmas totalmente opostos à nossa santa fé, os quais, em confronto com aqueles de Platão, notou Ugone Sanese, no concílio de Ferrara, e as cartas se encontram em uma coleção muito douta e erudita do excelentíssimo senhor Giuseppe Valletta, em defesa da moderna Filosofia, endereçada ao Santíssimo Papa Inocêncio XII. Isso fez com que até o século VI não fosse abraçada e sustentada pelos padres outra Filosofia que a Platônica, tanto os gregos, que na maioria eram grandes filósofos, como São Justino M., Clemente Alessandrino, Origene, São Basílio, o louvado São Gregório Nazianzeno, entre outros; quantos ainda aos latinos, entre os quais principalmente se conta que S. Agostinho tenha sido de inteligência muito perspicaz, uma meditação profunda e de discurso inimitável, o qual, para recusar o erro dos notáveis ou seja para estabilizar a verdade da religião cristã, usou de forma apropriada esses princípios. E ainda que ela, a filosofia Platônica, entregasse as armas ao maniqueísmo e muitas outras heresias, mesmo assim souberam perfeitamente cristianizá-la, por assim dizer, pois ajudava a defender, sustentar e propagar os dogmas católicos.

A mesma coisa aconteceu com a Filosofia de Aristóteles, pois no início ela foi considerada como a causadora do erro Ariano; aliás, como sendo a origem de muitas heresias, conforme escreve São Jerônimo que diz em um lugar que "os hereges deixavam o apóstolo para seguir Aristóteles". E São Basílio, o Grande, no livro contra Eunomio, após ter dito que com as armas de Aristóteles tentava ele abater e destruir Cristo, assim ele acrescenta: "Então, oh fanático, deixa o malvado e danoso palavreado de Aristóteles, deixa eu te advertir sobre aquele discurso venenoso e sujo dele". E, da

mesma forma, outros santíssimos padres gregos e latinos da nossa época e em tempos sucessivos até São Bernado também contra a filosofia de Aristóteles sempre se pronunciaram; um exemplo disso é Launojo, no número de XXXIII, no capítulo II, da *Varia Fortuna* de Aristóteles, apresentado na Academia de Paris.

Não somente os padres, como também os conselhos sagrados nessa época ficaram vigiando contra essa tal filosofia, em particular um árabe, famoso por ser um sumo Papa Fabiano, quando foi proibida a seita dos Aristotélicos que, entre cristãos Alexandrinos, começava a crescer; assim como aquela dos Dabuiti, que mandavam os seus fiéis prestarem juramento, usando as palavras de Aristóteles.

Mas em torno do final do século VIII e início do século IX, ao ocuparem os árabes muitas regiões, trouxeram com eles, não somente a fama de cientistas que possuíam, mas a filosofia aristotélica, também trouxeram da África para a Europa, conseguiram introduzi-la antes na Espanha e depois na França, onde começou na Escola de Paris a ser estudada; e ainda que, aqui, em épocas diferentes, uma fortuna variada, como conta o louvado Launojo ela tivesse sofrido, (além daquelas que Geovani Hermano observa nas escolas dos protestantes) até ser ordenado em um Conselho de Paris, em 1209, que os seus livros fossem queimados, proibindo assim a sua leitura; decreto foi depois confirmado, no ano de 1215, pelo Cardeal de S. Stefano no monte Célio enviado como legado por Inocêncio III Sumo Pontífice, e em seguida por Gregório IX, no ano 1231, com uma bula, uma carta, endereçada aos estudantes de Paris. Esta carta também foi recebida porque foi cristianizada por Alessandro de Ates, B. Alberto Magno, S. Boaventura, e principalmente por angelico S. Tomás de Aquino, cuja intenção, senão de modo específico, foi que, sabendo de não poder eliminar dessas escolas Aristóteles, quis pelo menos escrever como peripatético para recusar os erros dos seus grandes comentadores Averroe e Avicenna, que não pouco dano causaram à nossa religião.

Uma vez cristianizado então Aristóteles, mas não despido da sua barbárie, com a qual os árabes o tinham disfarçado, começou a ganhar um séquito nas escolas, que de tempo em tempo, se encontraram divididas em quatro classes: de *Tomisti*, *Scotisti*, *Nominali*, e *Neutrali* para as várias interpretações que lhe foram feitas, ou conforme as traduções do grego, ou segundo os vários pensamentos dos seus expositores, atribuindo com frequência muitas mentiras, por não tê-lo entendido, ou por não tê-lo nem ao menos lido, ou por acreditar, por meio de mentiras, engrandecê-lo.

Mas não aconteceu somente de Aristóteles ter sido introduzido nas escolas, pois na mesma época, alguns começaram ainda a abusar dos estudos sagrados, profanando-os, misturando excessivamente as suas vaidades sofisticadas, que à simplicidade e à inocência das doutrinas sagradas causaram muito dano, despertando novas questões sobre os mistérios da fé, adaptando-as com a dialética, e não mais resolvendo com o parecer os padres, como tinha sido de costume anteriormente. Por isso, surgiram erros horríveis e sentenças execráveis, que custaram muito trabalho aos doutores católicos para contrastá-las.

E não somente as filosofias de Platão e de Aristóteles têm tido a vantagem e o mérito de se tornarem cristãs e de terem sido depois colocadas como base para a nossa santa religião, mas também aquela de Epicuro tem tido esse mérito de ter sido interpretada no sentido bom. Assim fez o doutíssimo Kunhio, conforme que Giacomo Londeli na vida do citado filósofo nos deixou escrito, dizendo que Epicuro não somente tivesse explicado a existência de DEUS, usando os números como Pitágoras, mas ensinou também que ele fosse puramente espiritual e incorpóreo. Em decorrência disso, da infame nota do ateísmo, o defende ainda Verulamio nos seus ensaios morais. Tanto que, São Agostinho, no livro das *Utilità del credere ad Onorato* muito o louva, e naquele da cidade de DEUS, o preferem a todos os filósofos antigos, pois ele, na outra vida, tinha acreditado nas penas e nos prêmios.

Se tanto tem sido feito com as outras filosofias dos notáveis onde com palavras claras a falsidade se enxerga, porque não se deverá aquele que esta obra lê pegar o bom sentido, aquele de um cristão católico, assim como foi René Descartes, que a sua metafísica escreveu com as mesmas intenções de Santo Agostinho e a sua física quis que fosse acompanhada pela experiência, não se afastando dos princípios, conforme os ensinamentos dos outros antigos filósofos, e foi ditando todo o seu discurso, “ao julgamento dos mais sábios, à autoridade da igreja católica” conforme os seus sentimentos e palavras que enfim se põem.

Não mais que isso direi, deixando o que restar aos cuidados e ao conhecimento dos meus leitores e somente para concluir, considero bom acrescentar aquilo que o inteligentíssimo padre Jacinto Serry da Ordem Verdadeira dos predicadores, em um de seus discursos sobre os estudos no ano de 1718 proferiu em Padova, onde, com grande honra, é catedrático, o que ele comprovou muito felizmente e que se encontra no *Giornale de'Letterati d'Italia*, no volume XXXI, Art. XIII, p. 431 e que foi citado com

as seguintes palavras: “ As descobertas dos filósofos modernos não se devem rejeitar ou recusar completamente como se fossem contrárias às verdades da nossa santa fé, mas se deve antes bem estudar e examinar para ver se com elas se podem conciliar essas verdades. Isso porque muitas coisas que à primeira vista parecem a elas contrárias, realmente não são. Isto porque os textos sagrados frequentemente se adaptam e adequam o seu modo de falar, conforme à inteligência do vulgo, mas, se considerados na sua essência, se acordam com os modelos dos quais trouxe muitos exemplos. Também porque finalmente o espírito de DEUS não ditou a escritura para ensinar a física nem a matemática, mas a perfeição dos costumes e para nos mostrar os caminhos do céu, não os fenômenos da natureza”.

E isto é quanto em uma breve carta eu pude dizer dessas coisas, pois, para dizê-las completamente, teriam sido necessárias muito mais que poucas páginas e muito mais que o meu pouco talento.

Tradução das cartas-prefácios encontradas nas traduções das comédias de Terêncio, escrita por Luisa Bergalli Gozzi

Segunda comédia- 1728

A sua excelência, o senhor Jacopo Soranzo,

Não apenas tinha resolvido, oh Excelentíssimo Senhor, rever e consertar esta minha tradução da obra *Eunuco* de Terêncio, acabei desistindo de mantê-la em sua altíssima proteção, como ela sempre esteve, depois que saiu das minhas mãos. Cresceram daquele momento até agora as minhas obrigações, e por isso, não apenas gostaria que me seja vetada a faculdade de dispor desta minha pequena fadiga, e de encaminhá-la para outro lugar; mas penso, que me seja necessário um maior trabalho que não este; e com estudo particular demonstrar ao menos em parte a gratidão do meu ânimo, pelos benefícios

utilizados para com minha pessoa por S.E. Esses são conhecidos nos dias de hoje para todas as pessoas de maneira que, acredito eu, estejam de olho em mim, para ver se eu por minha vez demonstro quanta gratidão tenho em um caso como este. Mas certamente, qualquer pessoa que queira falar com atenção sobre esse assunto, poderá facilmente julgar que eu não satisfiz o meu dever, não tanto pelo meu defeito, quanto, oh Excelência, pela extrema abundância da sua gentileza. Por isso que porquanto inúmeras vezes eu me propus a testemunhar para os outros as minhas primeiras obrigações, outras tantas, fiquei de novo surpresa por causa desses mesmos testemunhos e pelo senhor com novas e incompreensíveis graças vencida e convencida. Disso então decorre que O Senhor, não para obrigar os homens, mas espontaneamente, e para a sua digna e ótima natureza, concede benefícios e favores. Tal coisa, para ser clara e verdadeira, faz por si própria saber quanto as outras virtudes supera, as quais, todavia, concentra em si mesmo no mais alto grau, e junto com tantas nobrezas e grandezas dos seus antecessores e também suas próprias. Dessas virtudes apresentadas não somente trazem o seu sustento e engrandecimento maior as ciências; mas uma grande fama, e infinitos honores obtém a nossa Pátria; e para o seu esplendor não deixa para trás nenhum fadiga, nem o uso das suas faculdades, agradando-lhe em fazer abertamente conhecer, que a riqueza consiste maiormente em usá-la com prudência do que em possuí-la, e que ela verdadeiramente nada mais é que o uso e o manejo dos bens que são concedidos por Deus, justo concessor.

Por tais coisas o Senhor é estimado por todos os bons e os sábios e admirado com maravilha e grande prazer; mas tudo isso, tornando-o manifesto a cada homem, não estimula outra coisa no Senhor que fazer-lhe estar com maior vigilância sobre os interesses da sua Pátria, e com grandeza, e modéstia indizível em todos os seus portes e atos, dos quais eu tenho o costume de dizer, que estão entre todos aqueles dos outros assim marcados por indícios próprios, que sempre resplenderiam e seriam reconhecidos como seus, por serem mais generosos e singulares.

Mas agora, sem ter me dado conta disso, reconheço ter começado a escrever em torno de uma matéria grandíssima, e em fazer por acaso desprazer a S. E., sabendo eu por muito tentar, como os ânimos semelhantes ao seu, se não têm em abominação, ao menos amargamente sofrem de ser pela obra deles recomendados. Para isso, suplicando-lhe a seguir todavia de ser Protetor desta comédia por mim de novo arrumada, humildemente ao senhor me recomendo, e às minhas palavras ponho fim.

Da E. V.

Humildíssima, obrigadíssima serva Luisa Bergalli

Quinta comédia- 1730

Ao ilustríssimo senhor e patrão cultíssimo Bruno Tiraboschi

Sempre foi de meu costume colocar no princípio das minhas obras, o nome de algumas pessoas importantes, com as quais eu estivesse em dívida por causa de suas infinitas cortesias: agora não saberia distinguir a quem eu deveria me referir, a não ser ao Senhor, para dedicar esta minha tradução da quinta comédia de Terêncio. Mais do que nunca, com a sua gentileza me conduziu a fazê-la, e agradecê-lo privadamente seria uma ingratidão assim como o seria querer esconder esse grandíssimo débito que tenho com o senhor.

Não é pouco o desprazer que tenho guardado em mim por ter deixado passar o tempo até que, finalmente, o meu desejo tivesse efeito. Mas do que aconteceu no passado, não procurarei me desculpar com o senhor, até porque sei claramente que a sua humanidade e sua honestidade ficarão ofendidos por esta decisão muito mais rapidamente que a minha negligência. E disto, o que direi eu? Outra coisa não posso dizer, nem fazer, que implorar para ajudar uma alma na qual aumenta a vontade de merecer novamente conforme sabe e pode. Espero que disto eu receba o seu perdão, pois melhor que qualquer outro conhece os pedidos e os cuidados do meu espírito e como todos dizem: a uma boca as concedeu em cada época. E que mais poderia proceder do senhor se não boas obras, cortesias operações, honestas e cheias de virtude? A nobreza do seu sangue, a cortesia do ilustríssimo seu pai, a mim notório pela muita experiência, poderiam dar indícios do seu operar, desde que se diz, que boa e bela planta não pode fazer um fruto ruim. E certamente muito raramente poderia acontecer o contrário se os frutos que nascem da ótima árvore fossem com atenção observados; e frequentemente, não

acontecesse que por pouco cuidado se estragassem e se tornariam maus. Portanto, digno é de grande louvor quem cuidou do senhor e do maior o senhor mesmo, que perfeitamente tem aprendido tudo aquilo que parece ser condizente a um gentil homem, e a uma pessoa que deveria se colocar como exemplo para os seus inferiores. Mas eu não devo agora entrar em todas as belas qualidades, que o fazem tão honrado entre os homens; porque muito breve espaço tem esta carta. Uma só das suas virtudes separarei das demais, e nominarei aqui, como aquela que me parece que caiba bem neste lugar. Essa é o amor, e os estudos das ciências; e em particular da poesia, na qual, o senhor sempre se destacou, e o seria muito mais, se vencendo uma vez a sua modéstia, lhe agradaria permitir que todos vissem aquelas belíssimas e limpíssimas composições, as quais, em um pequeno volume me enviou alguns anos atrás, escritas a caneta, e porque o dom fosse ainda mais apreciado, das suas mãos escritas. Na verdade que eu tive muito prazer em ler e reler mais vezes, que me pareceu também um grande mal se assim fossem esquecidas; quando outra coisa eu não pude fazer, a quantos eu consegui eu as li, e as fiz apreciar e disso devo pedir desculpa pois sei que tenho feito contra o seu mandamento, que era para eu mantê-las escondidas e longe do conhecimento dos homens. Todavia, se eu tive alguma culpa nisso, além daquela de não obedecer-lhe, foi sempre de louvar-lhe e de fazer abençoar a sua inteligência, e de chamá-lo fértil, capaz e puro, tanto nas composições escritas na nossa língua, quanto nas escritas na língua latina, pois das duas não é um mero estudioso; mas outrossim professor. Não acredito no entanto, que lhe desagrade se lhe apresento uma obra de um dos pais da língua latina, no estudo do qual se aprofundou tanto. A minha tradução não lhe aparece exceto que por precisar de correções e por estar imperfeita ainda, embora eu a tivesse com não pouca diligência ultimamente revisado e, em muitos lugares, reescrito. A perfeição da Comédia latina, faz com que eu me desespere, pensando em nunca poder alcançar um marco, para ter pelo menos elogios suficientes.

Se eu tivesse que apresentar somente a minha tradução, eu teria pena; mas a beleza da comédia original, fará com que o senhor esqueça a minha obra, até que deixando esta, irá ler a mais digna. Para mim, não peço que observe outras coisas, como eu disse anteriormente, fora o bom desejo de tornar explícita a gratidão por você que trago comigo. Se possível, aceite este testemunho, que eu torno público, das minhas obrigações, até que se conserve na memória daqueles que virão depois de nós quanto débito eu sempre tive pela gentileza da sua Senhoria Ilustríssima, a qual eu saúdo.

Devotíssima e obrigadíssima serva verdadeira, Luisa Bergalli

sexta comédia - 1731

Ao Ilustríssimo Senhor Meu Patrão Culto o Senhor Doutor Sebastiano degli Antonj.

Algumas vezes, Ilustríssimo Senhor, me ocorreu de endereçar a alguém algumas das minhas simples obras, estudei diligentemente no eleger o assunto, cuja fama fizesse subitamente reluzir aos homens, o que me havia levado a assim fazer a boa opinião que eu havia dele; e não já a vontade de lisonjear-lhe o ânimo com adulações ou outro particular respeito. Pessoas gentis, cientistas, e virtuosas eu procurei sempre, e aquelas depois quanto eu aprendi mais tarde, elogiei sem temer na minha consciência de poder ter culpa.

A mesma ordem tenho neste ao intitular a minha tradução da *Ecira* de Terêncio, escolhendo o ilustríssimo Senhor, meu patrão, e sinto que do meu propósito estou inteiramente satisfeita. Eu poderia fazer com duas cabeças, e isso significa declarar que cada qualidade sua que pertence a um ótimo homem, e a um homem letrado. Acerca de um e de outro, teria assunto para pensar por um longo tempo, mas quanto ao primeiro, chamando-o de ótimo homem, acredito ter sido muito clara; quanto ao segundo, não serei tão breve, assim como não me estenderei a discutir como seria conveniente. São muitos aqueles que no mundo, ao colocar em uma ciência acima das outras todos os estudos deles excelentes tornam-se, e conquistam reputação; mas a vida breve, e a arte longa são causa do encontro que raras vezes acontece quando alguns outros maravilhosos, que dedicando-se a diversas ciências, delas se tornam os mais doutos; e não somente observamos acontecer estudos totalmente diferentes, e separados; mas nas partes de uma mesma ciência, de modo que, para não sair da minha arte, um que fizesse belos versos, e nobéis, não estaria apto por sorte em escrever com vontade, e por brincadeira; e aquele que louvadamente escrevesse Canções, e Sonetos de amor, sobre outros argumentos não teria escrito coisas nem queridas, nem gentis. Agora, retornando ao Senhor, não se poderia acreditar o quanto me maravilho, considerando como o

Senhor conseguiu avançar tanto em estudos entre tão distantes. Cada um sabe quanto a arte do medicar da poesia se distância, e quanto, além disso, as fadigas, o interesse e os desconfortos do exercitar a primeira, deixam desconfortavelmente o tempo que é necessário para poder dar obra à segunda. Todavia, quem se dirige ao Senhor encontrará um sábio, e perfeito médico, e um douto e valente poeta, como por muitas escrituras pelo Senhor publicadas, se pode ver. *O Bruto*, tragédia escrita pelo Senhor com tanta dignidade, e conforme as regras, o fez julgar por poeta de boníssimo juízo, e consistente quanto nenhum outro que já aparecera. O mesmo favor, o fizeram encontrar nas mentes dos homens também outras composições, e entre essas ultimamente a tradução da *Sifilide* de Francastoro, a qual se pode chamar de sua imagem; sendo que ele também foi excelente mestre na medicina e na poesia. Esta sua última tradução realmente deveria fazer resfriar aquele desejo que tenho de apresentar-lhe a minha *Ecira*, transportada para a língua vulgar. Na verdade, no decorrer dos dias, eu procurei de várias formas limpá-la de algumas manchas deixadas correr na primeira impressão; mas não foi possível reduzi-la àquela excelência, que merece vir perante o senhor livremente. Entretanto, pensando, que o Senhor com bom juízo, sempre julgou as minhas fadigas, não omitirei de fazer aquilo que há algum tempo havia em mim deliberado. Ainda lhe imploro não se ater ao que lhe vem por mim dado; mas de quanto, e de qual ânimo lhe seja dado; pois eu lhe ofereço uma pequena coisa, mas com grande afeto. Finalmente, ao receber essa tradução, utilize aquela cortesia, que usou comigo em tantos favores, que muito graciosamente me fez no passado. Que Deus continue dando-lhe prosperidade, e vida longa, tanto que eu possa ver o Senhor curado, pronto e autor de novos e belos textos, enquanto eu permaneço escrevendo, e assino devotamente.

Humilde devota, obediente serva Luisa Bergalli.

Coletânea

Excelência

Se jamais lhe agradou, oh excelência, de mostrar-se uma pessoa gentil e cortês, agora lhe imploro, não desdenhe em acolher esta coletânea de todas as comédias de Terêncio por mim traduzida, que dediquei para pessoas extraordinárias, e não permita, que passando para uma época futura, algum indício importante do meu nome, venha a ser considerado como falso, pois disso, decorreria em um dano a mulher dos seus tempos, considerada pelos outros estudiosa, e pela senhora não conhecida, e não compadecida.

Que isso não leve a acreditar que eu me sinta lisonjeada em apresentar-lhe uma coisa digna de sua posição, que para esse fim específico eu tivesse que esperar, a infrutuosa esperança teria me acompanhando até o último dos meus anos. O que eu ouço no meu coração é que a grandeza da sua alma de um prêmio a minha humildade, e que para fazer com que não lhe desagrade a leitura desta minha talvez pequena fadiga, tentem esquecer por algum momento a magnificência dos seus estudos, dos quais tanto domínio a senhora tem, que a Itália toda justamente exaltando-lhe, faz ressoar a sua fama imortal em qualquer lugar do mundo, onde reina a compreensão do gosto. As matemáticas, as filosofias, as línguas, as histórias, as erudições, as belas letras são seus valores: dons cada um dos quais somente valeriam tornar distinto quem que seja, não que uma Princesa igual a senhora, de comportamento gentil considere mais que as fadigas de espírito, para as delicadezas proporcionadas; outras se satisfaçam dos seus doces costumes, pois a Senhora agrada ser um vivo exemplo de toda virtude, e todo saber. Parece-lhe, que ornar-se com este tipo de tais prerrogativas singulares, que totalmente se correspondem a altíssima classe social que a Senhora pertence? Ou é este também é exaltar demais a sua própria nobreza, que a quem desse a alma de celebrar o seu peregrino talento, se atribuísse a pequena culpa de não ter mencionado o seu glorioso sangue? Para mim não é possível nem isto, nem aquilo; e para nada mais eu sirvo que tornar-lhe evidente o meu fortíssimo desejo que tenho de gozar o seu alto patrocínio; e por suplicar-lhe que não me negue alguma coisa, que ou engane a paixão ou será a sua honra conceder-la a mim, quando se trata talvez do seu único exemplo, não faço tudo aquilo que a Senhora faz; mas aquele pouco que consegui fazer devido aos belos estudos. Basta-lhe, no entanto, que se por trás das suas pegadas pode avançar a minha cognição, não pode mais crescer aquele profundo respeito com o qual assino aqui.

Dell' E.V.

Tradução da nota, acrescentada no final da tradução da obra *Le Comedie di Terenzio*, escrita por Luisa Bergalli Gozzi

Protesto da autora

Qualquer expressão de Divindade, que poderia de qualquer modo as Católicas orelhas

ofender, não por outro motivo é dito, que para explicar o senso Latino, pertencente às fabulosas Divindades; da Notificação das quais nada deve afetar quem vive e quer morrer no colo da S. Mãe Igreja Católica Apostólica Romana, como se declara, quem estas Comédias traduziu.

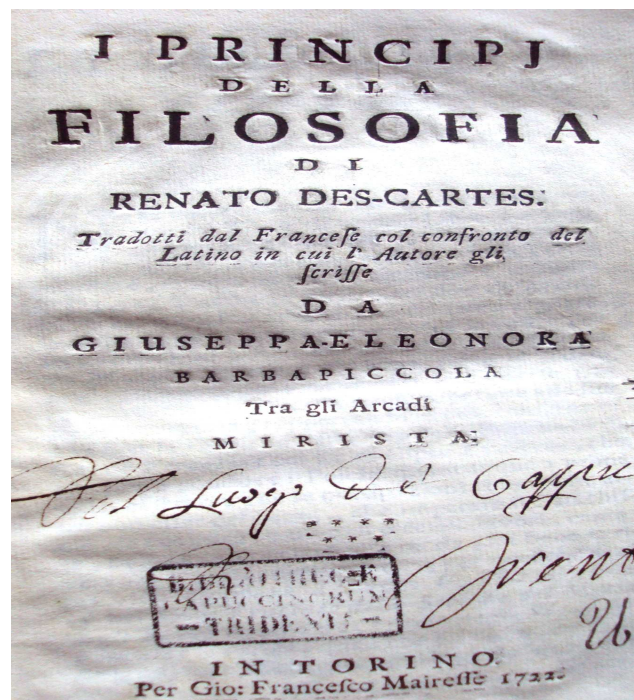
Maria Selvaggia Borghini

Al Lettore.

„ Io pongo, o Lettor cortese, sotto i tuoi occhi il gran Tertulliano. Parmi però di presente di vederlo in certo modo dipinto di rossore, per avere, per così dire, dopo tanti secoli cangiato abbigliamento, e non fare perciò la sua solita comparsa. Questa in vero è colpa della mia penna, che non avendo saputo, nel trasportarlo nel Volgar nostro, intessere al medesimo un abito condegno, lo fa decadere dalla sua maestà, e gli fa forse rappresentare un personaggio più comune. Ma grazie al Cielo, che il Sole anche sovente tra le nubi risplende, talchè il fulgore vivissimo dell'ingegno di così grande Autore scintillerà non meno tra l'ombra del mio stile, e campeggerà nel basso d'una frase, se non affatto pedestre, troppo però differente dalla sua originale; tutta nobile, e tutta enfatica. Osserva dunque il forte de' sentimenti, che sono in questa Traduzione, e non badare alla maniera del mio rappresentarli; mentre anche in un metallo d' inferior lega, senza che perda il suo valore, vien talora legata una preziosissima Gemma. Egli è sempre Tertulliano, il Maestro d'un glorioso Martire, ed è quello, di cui S. Agostino, S. Girolamo, il Lirinense, Lattanzio, ed altri molti fanno innumerabili elogj. Se egli, dopo avere gettate a terra tutte l'Eresie de' suoi tempi, ed affilate l'armi, quasi dissi con celeste previsione, anche contra quelle, che dopo lui insorte sono, s'è allontanato in qualche parte da' Sacrosanti Decreti, ci sia in ciò parimente d'insegnamento, facendoci conoscere, che niuno de-

ve fidarsi di se stesso, mentre un sì inveterato, ed acerrimo difensore dell' innocenza, e della più severa disciplina, tanto gravemente inciampa, e cade. Approfittati dunque di quelle sue riflessioni, che incontrerai, dottissime, e perfettissime, per arricchirti di massime scelte e Cristiane, e ricava utile dalle sue trasgressioni, collo stare sempre sull' avviso, e non vacillare in niuno incontro; concludendo, ch' ei buono, insegna colla sua Dottrina, e traviante, sim-
maestra col suo esempio.

Giuseppa Eleonora Barbapiccola



LA TRADUTTRICE

A' LETTORI.

Non vorrei che da prima incontrandovi Voi nel Titolo di questo Libro , e veggendo essere Opera di una Donna , l'aveste alle Conocchie , a' Fusi, ed alle Tele a mandare , siccome in più di un luogo è costuma di *Omero*, facendo in particolare dire da *Ettore* ad *Andromaca* sua moglie: „ Andate a pigliare „ le vostre ordinarie occupazioni, cioè le vostre Tele „ le, i vostri Fusi „ . . . : Del che pure assai dubitava *Madama Dacier* nella Nota posta al lodato passo di *Omero*, per aver questo in Francese tradotto , come cosa di gran lunga superiore alle sue forze intrapresa ; rapportando a ciò confermare una Storia riferita da *Erodoto* della Principessa di Cirene *Ferentina* col Re di Cipro *Evaltone* , che allo stesso conduce : Poichè quantunque a prima vista ei sembra che le occupazioni donnesche altro non esser debbano, „ che imparare il Catechismo „ , la cucitura , e diversi piccioli lavori , canta „ re , ballare , acconciarsi alla moda , far bene la riverenza, e parlar civilmente, „ per quel che a prima „ vista s'opponne il Signor *Claudio Ab: Fleury* nel dotto *Trattato della Scelta e del Metodo degli Studj* al capo xxxvi. ove degli *Studj delle Femmine* fa parola ; quasi che E'le non sian capaci de' Studj per essere gli animi loro da que' degli Uomi-

L A T R A D V T R I C E

Uomini di qualità affatto diversa e da meno: Pure se poi diritto si mira da' Studj delle Scienze non ne debbano essere escluse, come quelle, che hanno spiriti più sollevati e, che in tutte le virtù più grandi non sono all'Uomo inferiori, per ciò, che, oltre molti Scrittori che dell'eccellenza e dignità del Sesso femminile han parlato, il dottissimo Sig. D. Paolo - Mattia Doria de' Principi di Angri ne suoi Ragionamenti, alla Signora D. Aurelia d'Este Duchessa di Limatola indirizzati, con sode ragioni di mostrarlo s'ingegna.

Ed in vero, senza scorrere il Libro delle chiaziate Donne del Boccaccio, o altro che delle Scienze Donne facci argomento, a chi non è noto, purchè contezza se ben mediocre della Storia egli abbia, quanto in ogni Età le Donne nella varia Letteratura si son segnalate? Tra' Greci nella Poesia, quando colà era in fiore, famose furono Corinna Tebana che cinque volte il Principe de' Poeti lirici Pindaro vinse: un'altra Corinna Lesbica: Erinna di Tebo, donzella che essendo di tredici anni si vuole che il suo verso alla maestà di Omero giugnese; delle quali Properzio fa lode: Dafne che compose molti Libri di Poesia, de' cui versi si servì poscia Omero, come afferma Diodoro Siciliano: Cost pure Saffo di Lesbo ancora inventrice del Verso Saffico che da lei porta il nome, per giudizio di Strabone nella Poesia incomparabile: Jambè inventrice del verso Jambico: Carissima par ella autrice di molti versi, di cui nelle sue Commedie Aristofane fa menzione: Teresilla da Paufania encomiata. Fra' Latini, Polla Argentaria moglie di Lucano Poeta che l'aiutò ad ammiandare i primi tre libri della Farfalia, per quel che Stazio ci fa sapere: e per lasciar-

E D A L E T T O R E

lasciarne molte e molte altre, basta aver ricordanza di Proba Falconia, e non Falconia, di Ortata e non di Roma, nè da confondersi con Anisia Fultonia Proba, o con Valeria Proba come maleamente alcuni hanno fatto, per quel che fa veder chiaramente l'eruditissimo Monsignor Giustino Fontanini nel libro 11. delle Antichità della Colonia di Orta; la quale, tra l'altre sue opere di Poesia, compose il Centone Virgiliano, dove co' Versi di Virgilio descrisse le Gelte di GESUCRISTO, e i principali Misterj di nostra Fede: a cui somiglianza si vuole che facesse lo stesso co' Versi di Omero l'Imperatrice Eudocia moglie di Teodosio il giovane, descrivendo con essi una gran parte della Storia Evangelica; se bene prima di lei altri Omerocentoni da S. Girolamo vengono ricordati: tutte e due a maraviglia imitate dall'eruditissimo Signor D. Niccolò Gallo de' Duchè di Albito, il quale nell'ore che a' serj studj per riposo egli rubba, da' Versi di tutte l'Opere di Ovidio ha formato un eloquente Centone in tre libri diviso col Titolo: De Deo Redemptore; dove cominciando dal Misterio della SS. Trinità e Genrazione eterna del Verbo, siegue tutta la Vita di GESUCRISTO secondo, che i Sacri Euangelisti han dettato: del quale appresso i suoi Amici alcuni fogli dati finora alle stampe si veggono. E se poi più vicino a noi volgiam lo sguardo, chiarissime furono nell'Italia D. Veronica Colonna Marchesa di Pescara, D. Veronica de Gamba, ambe dall'Ariosto con onor mentovate, Tullia di Aragona; e molte altre: E de' nostri tempi se ne contan non poche, le quali ben distinta mostran nella rinomata Accademia di Arcadia far non; senza far parola di quelle oltre i Monti nella

L A T R A P U T T R I C E

nella Francia in particolare, ove lo spirito delle Dame non meno di quello degli Uomini vien coltivato.

Se dalla *Poesia* Studj più grandi faremo passaggio, ed alla *Filosofia* specialmente in generale, che molte Scienze comprende, ove sembra che altro spirito che da Donna vi è di bisogno, rinveriremo *Cleobulina* figliuola di Cleobulo uno de' sette Savj della Grecia da Suida e da Ateneo somamente lodata: *Temistoclea* e *Damo*, o vogliamo dire *Damon*, una sorella e l'altra figliuola di Pitagora a cui ess'ò dedicò alcune sue Opere, tanto nelle Filosofiche Discipline versate, che la prima molto ajuto diede al Fratello, e la seconda nella scuola al Padre successe: *Dionima* ed *Aspasia* in dette scienze si culte, che Socrate non ebbe rofore di chiamare la prima Maestra, e d'intervenire alle Lezioni della seconda, come Platone ci fa sapere: *Leontia* giovanetta di tanto spirito, e di tanto valore, che non dubitò con molta gloria del suo nome scrivere contra Teofrasto, Filosofo per altro d'ottimo: ed omettendo *Ipparechia* da Lierzio mentovata, *Amficlea* da Posidonio nella vita di Plotino, *Assitea* da Apulejo e Plutarco, e molte altre; vi è *Ippazia*, di cui Suida, e Socrate nel libro vi. s'uno parola con dire che avanzò in sapere tutti i Filosofi de' suoi tempi, faccendendo nella Scuola Platonica, ch'era stata del lodato Plotino, in Alessindria con maraviglioso concorso di Uomini, i quali da molte parti venivano per sentir: nella quale Scuola altre Donne in diversi tempi fiorirono eziandì siccome pure in età più antica noi da presso illustre furono *Abella*, *Mercuriade*, *Rebecca*, *Trotta* o *Trotilla*, *Sinzia Guarri*, e *Cristiana Galenda* nella Scuola Salernitana, e per aver

A L E T T O R I

aver dettato in pubblico le Lezioni e per avere molte degne Opere date alla luce: E per non stare a raccorciar cose andate, è fiesca la memoria della eruditissima Reina di *Svezia Cristina*, che fra gli altri suoi pregi era quello di avere non solamente coltivata la Filosofia di *Renato DesCartes*, ma di averla eziandio e protetta e promossa: e tra noi vi è l'altra ancora recente della soprallodata *Duchessa di Limatola*, che ereditando il profondo sapere di *Lucrezia d'Este Duchessa di Urbino* nella Poesia e nella Filosofia a maraviglia versata, tanto della Fisica e Metafisica Cartesianiana si diletta, che chiamavala la sola Scienza, come nell'Elogio che se gli fa nel Tomo xxxii. del *Giornale de' Letterati d'Italia* si legge: onde e per le intellettuali, e per le morali sue Virtù una eccellentissima Orazione in sua morte gli compose Monsig. *D. Filippo degli Anastugi* allora Arcivescovo di Sorrento ora Patriarca di Antiochia, la quale con altre del medesimo dotto Prelato si vede data alle stampe.

Nè debbono andare in dimenticanza altre Donne di *varia Erudizione* fornite, per iscorgere chiaramente che a tutto il di loro spirito non meno che quello degli Uomini è atto. Tali furono fra gran numero, *Aspasia* Miliesia sofista acutissima, e di Rettorica peritissima, Maestra di *Pericle* e poscia sua moglie: *Sospetra* moglie di Ardesio Sofista, che per la molta e varia dottrina fu dalla sciocca Gentilità creduta edocata da Dei: *Zenobia* reina de' Palmireni nel Greco e nell'Egizio parlare versata, che ridusse in Epitone la Storia Orientale e di Alessandria, come scrive Pollio Trebellione: *Femonee* nella diversa letteratura così famosa, che meritò che Luciano, Stazio, Plinio, Sert-

L A T R A D U T T R I C E

Strabone, Eusebio Cesariense, ed altri di lei facessero orrevole menzione: *Gornelia Romana* madre de' *Gracchi*, e figliuola del maggiore *Africano*, la quale da Valerio Massimo vien comandata, perchè a una Matrone Campana, che gli mostrava i suoi vaghi e ricchi abbellimenti, non mi se all' incontro a vedere gemme ed oro, o nobili e ben guarnite vesti, ma i figliuoli nelle scienze, delle quali era fornita, da lei allevati, che son dovero delle Matrone i più grandi e importanti ornamenti: *Fabiola* e *Mircella*; ambe nobili Donne Romane, e tutte e due nelle sacre lettere tanto addottrinate, che giustamente stimò S. Girolamo dedicarle alcune Opere sue, perchè ben sapeva ch' elleno l'averebbono lette e considerate, dovendo esser questo l'unico riguardando che aver si deve nelle dedicationi de' Libri, e non quello di mettervi in fronte per vana pompa un Nome di molti Titoli adorno: nè meno di queste al lodato Santo fu cara *Eustachio* pure Romana nelle Latine, Greche, ed Ebraiche Lettere così erudita, che Prodigio del tempo suo si appellava: Tali eziandio più appresso furono *Genzibria* ed *Isota Navarrola* ambedue Veronesi: *Costanza* moglie di Alessandro Sforza fatta chiara dal Poliziano, dicendo, che di continuo avea tra le mani l'Opere de' SS. Girolamo, Agostino, e Gregorio, e de' due Ciceroni Gentile e Cristiano, o si vuol dire Lattanzio: *Battista* prima figliuola di Galeazzo Malatesta Principe di Pesaro e moglie di Guidone Duca di Urbino, che con sua somma gloria più volte con dottissimi Uomini ebbe dispute, orò con maraviglia alla presenza di Pio II. sommo Pontefice, e più eloquenti Opere diede alla luce: *Cassandra Fedele Veneziana*, di cui di-

S O A L E T T O R I

ce il Poliziano, che per la lana il libro, per lo soffo la penna, e per l'ago lo stile trattava: Ed a tempi non troppo lontani fra le persone del sesso Femminile che coltivarono le belle lettere non si è trovata alcuna, che con maggior splendore si comparfa di *Anna-Maria di Seburman* da Mafrik, la quale, oltre le Scienze, possedeva le Lingue Latina, Greca, Ebraica, Italiana, Francese, Spagnuola, Alemanna come sue proprie; e che chiarissima si sia rese quanto *Madama Dacier* sopralodata per le tanto belle Traduzioni di Autori Latini in Francese, e per le dotte ed erudite Note che vi ci ha fatto; lasciando a bello studio molte altre dell'antiche e delle moderne, ancora viventi, delle quali il Ruolo de' soli nomi basterebbe a formarne un ben giusto volume.

Dall'esempio di queste chiare Donne io fortemente animata, dandomi a credere di poter vincere un giorno il debole del mio sesso, che fu tutto lo studio in saper giuocare, e in parlar bene degli abiti alla moda e de' nastri, difetto a cui non già la natura, ma la cattiva educazione contri- buisce; mi posi a coltivar prima le Lingue, e poi, quanto l'abilità ha permesso, le Scienze, e fra queste la *Filosofia*, come quella, che per la parte *Morale* ci rende Civili, per la *Metafisica* illuminati, e per la *Fisica* instruiti della vaga e matavigliosa Architettura di questo gran Palagio del Mondo che IDDIO per nostra stanza ha formato, essendo somamente s'dicevole a somiglianza de' Bruti animali abitato. E perchè sentiva dire, che la *Filosofia Cartesiana* sopra sodiffimi Ragionamenti è sopra certe Sperienze era fondata, e che con chiaro Metodo procedeva, ricavando le cose l' une dall' altre, onde una infinità di se-

L A T R A D U T T R I C E

guaci s'aveva acquistato; a questa più che ad alcun'altra inclinai: e studiar la velli nel proprio Fonte, dubbiosa de'Rivi, ove l'acque l'original chiarezza non sogliono conservare. Così feci in quella tradotta in Francese da uno Amico di Renato, che la Traduzione con una sua Lettera approvò e commendò. E perchè da ciò ei sperava, che sarebbe stata letta da più Persone in Francese che in Latino, e che però meglio sarebbe stata ella intesa, io m'invogliai di tradurla in Italiano per farla ad altri molti partecipe, in particolare alle Donne, le quali, al dire dello stesso Renato in una sua Pistola, meglio che gli Uomini alla Filosofica arte sono; avendo ciò Egli sperimentato nella sua gran Protertrice *Elisabetta* figliuola di Federigo Re di Boemia, a cui questi *Principj della sua Filosofia* meritamente consacra, perchè ella sola fino a quel tempo avea rinvenuta, che tra gli altri, le Opere sue perfettamente intendeva: tanto più che la nostra Lingua e per la gravità e per la leggiadria delle espressioni poteva renderla più al Testo latino conforme, al qual ebbi ancora riguardo, acciò la Traduzione più compiuta e secondo i sensi dell'Autore riuscisse. A questo altro stimolo vi si aggiunse, e si fu il vedere che in ogni tempo costumato si era di tradurre i Libri ne' linguaggi correnti; perocchè i Romani trasportarono in Latino l'Opere greche più ragguardevoli tanto istoriche che dottrinali; e da poichè la lingua Latina lasciò di essere usata dal Volgo, i Libri scritti in essa si son trasferiti nelle altre che le son succedute, in particolare nell'Italiana nel fioritissimo Secolo XVI, e nella Francese nel Secolo passato quando più che mai in Francia la lettura era in piedi: e questo con gran van-

A L E T T O R I

vantaggio di coloro che altra lingua che la materna non fanno, e desiderosi son di apparare; aprendosi così loro la strada di godere non solamente della lettura di essi, ma di trarne quello profitto che con seco recan le Scienze, le quali non alle lingue, ma alle cose sono attaccate, che in ciascuna lingua con proprietà ben si possono spiegar, a riguardo solo di certi *Vocaboli* detti dell'Arte, i quali col Suono che furono prima introdotti forza è ritenerli: il che in questa Traduzione con serietà si è osservato.

Che se poi in essa tutta la bellezza dell'Italiano Parlare non vi si scorge, è da sapersi che più all'esplicazione de' Sentimenti, che alla cultura delle Voci si è avuto pensiero: non potendosi oltracciò schivare alcuni vizj particolari nel tradurre da una favella in un'altra; perchè sempre si perde l'eleganza, la grazia, la proprietà, il numero della lingua originale, nella quale tanto egregiamente gli Autori hanno scritto: siccome avviene nel ricopiarli, avvegnachè da mano maestra, un quadro di Eccellente Pittore, che non mai l'original vivezza ritiene.

Per quel che spetta alla proprietà dello spiegamento poi di cose tanto difficili quanto le Filosofiche sono, veramente non doveva lo così in fretta mandar fuori questa Traduzione, se prima non fosse stata veduta da un qualche Uomo ben dotto e ragguardevole, come fece il Traduttore Francese, che ne volle il giudizio dello stesso Renato, e come solito era di farsi fino ne' tempi antichi de' Libri che al pubblico si dovevano consegnare, sapendosi, che il *compendio del Codice Teodesiano*, fra gli altri, ebbe per suo Revisore *Aplic*

L A T T A D U T T R I C E

Aniano Uomo Spettabile: ma essendomi stata fatta forza a stamparla, me ci sono indotta, per suadendomi di avere da' buoni un gentile compimento; e sperando ch' altri seguendo il mio genere facciano altra migliore, come è stato solito l' Opere de' Celebri Autori essere da più d' uno in altra lingua portate.

Era mio intendimento aggingnervi alcune picciole *Note* o brevi *Riflessioni*, per far veder passò quanto malamente ed a torto a questa Filosofia si ascrivono molte cose dall' Autor neppure sognate; e mettervi in principio un breve ma compiuto compendio della *Vita di Renato* per far palese il modo de' suoi studi, e l'ordine ch' egli tenne in bene filosofare, con l' *Istoria della sua Filosofia* per ancora: Ma sapendo poi, che il Signor *D. Francesco Spinelli Principe della Scala* era in pronto a dar fuori una dottissima Opera, con cui avverte alcune falsità che al *Cartesio* specialmente in *Metafisica* (ove più forti Oppositori have avuto) sono state addossate: e capitandomi l'eloquente *Traduzione del Ristretto della Vita* del lodato Autore, composto in Francese dal Signor *Baillet*, fatta in nobile vulgar toscano dal Signor *D. Paolo Francione Mercese di Salcito*: Cavalieri, che allo splendore del sangue varia e profonda letteratura in modo maraviglioso fanno accoppiare; stimato ho bene astenermene.

Ma a stener non mi debbo di liberarmi da alcuna altra taccia che a me si può dare, oltre quella da cui in prima ne ho preso la difesa abbastanza: e si è che voglia io far vulgare una Scienza tanto sublime quanto è l' *intera Filosofia*, e coll'ignorante Popolo accomunarla; quando gli Antichi, che

A O A L E T T O R I

che non avevano il velo di altra lingua per nascondere i loro precetti morali; e le sottili speculazioni di delle cose della Natura, studiosamente con Enigmi e Simboli le oscuravano, acciocché non fossero esposte al Volgo incapace e mal disposto. E poi (ch' è assai peggio) che voglia far comune una *Filosofia*, che da' sodi Principj dell' Antichità va travziata, e colla nostra Santa Religione non bene si adatta.

Per quello che tocca al primo *Punto*, si fa bene dagli Eruditi, che altro si fu il fine degli Antichi di tener certe cose in segreto, e covrile con caratteri e formole da pochi intese per non farle è muti: del quale argomento il Sig. *Ciambattista di Vinci* con somma erudizione e dottrina ha trattato: e si fa per ancora, che di continuo si odono i piaci, che l'infelicità de' nostri tempi deplorano, perchè non essendo ora gl'Ingegneri meno abili ad apparare le Scienze che non erano que' degli Antichi, ad ogni modo pochissimi sono quelli, che in esse arrivano a qualche eminenza, ed a degno la gloria de' Teologi, Filosofi, Matematici, Istoric, e di altri in diverse facultà di fama chiarissimi nell' Età trapassate: E fra le cagioni di un tanto male, la primiera e più possente con buona ragione si stima, esser perchè gli Antichi non consumavano molti e molti anni, come facciamo noi, in apprendere lingue forestiere per poi intendere in quelle le Scienze; ma nella propeia, naturale, e dalla Nutrice col latte s'uechata sino dalla prima età loro a quelle attendevano.

Per quel ch' altro *Punto* appartiene, avvegna che non sia mio argomento, nè abbia tanto valore di fare una giusta Apologia alla *Filosofia* del

L A T R A D D T R I C E.

del *Cartesio* da tanti chiarissimi Uomini a campo aperto fortemente per tutti i versi difesa, in particolare dal *Signor D. Costantino Grimaldi* nella *Risposta alla terza Lettera dell' Aletino*; pure con brevi parole ei convien di scolparmene.

E per ciò che si vuole andare Ella da' sodi Principij dell' Antichità traviata, come si sête dal favellar di certuni a questo sopra modo impegnati, fa mestiere, che da prima si ponga mente a quello che *Lamindo Pritanio*, o sia sotto questo nome l' eruditissimo *Signor Lodovico-Antonio Muratori*, dice nel Capo V. della Parte I. delle *Riflessioni sopra il buon gusto nelle Scienze e nelle Arti*, dove provando Egli il gran danno che alla Verità, ed al Buon gusto da quelli, ch' ei chiama *Anticipati Giudicj*, deriva, ne considera uno più universale e dannoso; ed è, la stima che senza il necessario discernimento concepiscono gli Uomini di qualche Autore o Maestro, bastandogli per credere ch' egli dica il vero, il sapere ch' egli lo dica: Onde poi spesso avviene che costoro riescono, di un genio per una parte vile e per l' altra ostinato, i quali nelle parole del lor Maestro giurando, prendono i suoi dettati per Sagramenti, e le sue sentenze per Oracoli, ed in tal modo si accordano a confessare Cristo, che non abbiano a negare o Platone, o Aristotele, tenendo così in equilibrio la Filosofia e l' Euangelio, come riflette il dottissimo *Padre Bartoli* nel libricciuolo intitolato *Uomo di Lettere*, alla Parte II. Del che pure rammaricavasi dalle Spagne il famoso *Melchior Cano* nel Libro X. de' *Laogbi Teologici* al Capo V. dicendo, sapere che nella nostra Italia vi erano chi dava tanta fede a' loro Maestri, ed ad

A L E T T O R I.

Aristotele quanto ne danno agli Apostoli, ed a gli Euangelisti coloro che nella dottrina di Cristo erano più religiosi e divoti.

Posto tutto questo, egli è certo, che quando le cose si leggono, ed apprendono senza anticipazione mala o sinistra, tutto altro appajono di quel che si pensano; ed all' incontro quando la mala anticipazion si framezza tutto altro appajono di quel che sono. Così leggendosi la *Filosofia di Cartesio* nel modo ch' Egli vuol che si legga, cioè da principio come se fosse una *Favola*, e da mano in mano appresso considerando l' Annodamento delle Ragioni; certamente che non vi si troverà novità fuori delle altre che più si stimano, se non se quella di una ben continuata catena, e di un metodo di dedurre le cose con seguito da' stabiliti Principj. E se forse sembra ad alcuni che una qualche oscurità Ella abbia: per vedere donde de'iva basta riflettere, che il *Cartesio* niente più apprezza, che pensar bene tutto quello che dice, e dirlo in maniera che più ne resti a pensare a chi legge.

Ed oltracciò, questa *Filosofia*, confessa il suo Autore nella *Parte IV. all' Articolo CC.*, non essere Ella nuova; ma bensì la più antica e più comune che possa essere, non contenendo alcuni Principj che non siano stati ricevuti in ogni tempo da ognuno. Ed in vero quando attentamente si vogliono le cose osservare, è di bisogno fargli giustizia su questo: Perchè *Aristotele* pure prima d' inoltrarsi alle speculazioni Metafifiche, nel bel principio muove il *Dubbio* tanto a *Cartesio* contraddetto: e *Giacomino Robault* nel libro de' suoi

L A T R A D D U T T R I C E

Trattenimenti ci fa osservare, che *Aristotele* ancora scioglie alcune quistioni considerando la *Grandezza*, la *Figura*, ed il *Movimento* delle particelle de' Corpi, ed anche i *Porì* che tra quelle si trovano, adducendone in pruova un luogo del *secondo Capo del Libro II.* delle sue *Analitiche*. Questo ancora han considerato molti altri, che il mentovarli ci conducerebbe troppo lontani; onde poi han tratto profitto da' lumi dagli Antichi e da' moderni Filosofi ricevuti: il che è bene che ad ognuno questo fortifica, non dovendosi la *Ricerca della Verità* per capriccio o per impegno impedire.

Venendo in fine al *Punto* che la Filosofia Cartesiana colla nostra Santa Religione non bene si adatta; ch'è il rumore che i suoi Contrarj per fini particolari più tosto, che per amore alla Verità tra gl'ignoranti e pieni di pregiudicj tutto giorno vanno spargendo: bisogna che la cosa, come si dice, dall' uovo la miriamo.

Quando mai Sapienza umana in deboli Principj fondata ha potuto prestare ajuto alla Fede, che da così alti e stabili Principj, quali sono i rivelati dallo stesso DIO, ella procede? essendo eglino ugualmente due gran mali (come il lodato *P. Bartoli* nel citato luogo ci avverte), cercar le cose della Fede colla curiosità della Filosofia, e credere le cose della Filosofia colla certezza della Fede. Quindi è che a' primi nostri Cristiani per Costituzione Apostolica, vietato era di leggere i Libri de' Gentili, in particolare de' Filosofi per le cavillazioni che vi si ritrovavano; e solamente si voleva, che il Santo Evangelio e gli altri Libri della Sacra Bib-

A L E T T O R I.

Bibbia si fosse l'unica loro applicazione, anche dalle Donne: per la qual cosa si veggono molte risposse di Sante Verginelle a' Tiranni dalle Sacre Lettere tratte.

Crescendo poi il numero de' Fedeli, ed arrollandosi alla nostra Religion Cristiana molti Filosofi dal Gentilefmo, incominciò pure tra' Cristiani ad usarsi la *Filosofia*, ma o per difender la Fede, o per oppugnare chi l'offendeva: E perchè fu conosciuta da' Padri la *Platonica* più atta a ciò meglio che l'*Aristotelica*, avendo *Platone* della Divina Provvidenza e della Immortalità dell'Anima a chiare note trattato, il che non si offervava avere *Aristotele* fatto, il quale di queste cose con dignità non parlava; e ancora, che sua Logica era troppo confusa, e la sua Morale troppo umana, come ne formò giudicio *S. Gregorio di Nazianzo* nella Pistola che a *Dioscoro* scrive; anzi si vedeva al contrario asperso di Dogmi alla nostra Santa Fede del tutto opposti; i quali a confronto di que' di *Platone* andò notando nel Concilio di Ferrara *Ugone Sanese*, e raccolti si veggono in una dott' ed erudita Scrittura del Chiarissimo *Signor Giuseppe Valletta* per difesa della Moderna Filosofia, al Santissimo Papa *Innocenzio XII.* indirizzata: Ciò fece che fino al Secolo VI. non altra Filosofia che la *Platonica* fosse da' Padri abbracciata e sostenuta; tanto Greci, i quali la più parte erano gran Filosofi, come *S. Giustino M.*, *Clemente Alessandrino*, *Origene*, *S. Basilio* il lodato *S. Gregorio Nazianzeno*, ed altri; quanto ancora Latini, quali principalmente si conta *S. Agostino* d'ingegno perspicace, di meditazione profonda, e di

discorso inimitabile, il quale e per rifiutare l'errore de' Gentili, e per istabilire le verità della Cristiana Religione felicemente se ne servì. E quantunque ella daffè le armi al Manicheismo, ed altre molte Rese, pur la seppero sì fattamente *Cristianizzare*, per così dire, che a sostenere i Dogmi Cattolici formamente ajutava.

Lo stesso avvenne alla *Filosofia di Aristotele* appresso. Poichè fu tenuta ella da principio, come fautrice dell'errore Ariano; anzi come origine di molte Rese allo scrivere di *S. Girolamo* il quale dice in un luogo che „ que'Eretici lasciarvan l'Appostolo per tener dietro ad Aristotele, „ *E S. Basilio il grande* nel libro contro di *Eunomio*, dopo aver detto che colle armi di Aristotele tentava Egli di abbattere e distruggere Cristo, così gli soggiugne: „ Deh lascia o forsennato il malvaggio e dannevole garrir di Aristotele, lascia io t'avverto quel velenoso e pestifero suo favellare, „ Ed in simili sensi altri SS. Padri Greci e Latini in questi tempi, e ne' tempi appresso sino a *S. Bernardino* pure contro la Filosofia di Aristotele sempre invehiscono: de' quali ne fa Ruolo il *Launofo* in numero di xxxi i. nel Capo II. della *varia Fontana da Aristotele* nell' Accademia di Parigi sofferta.

Nè solamente i Padri, ma per ancora i Sacri Concilj in questi tempi contro una tale Filosofia invigilarono, in particolare uno *Arabo*, celebrato essendo Sommo Pontefice *Fabiano*, dove fu vietata la *Setta degli Aristotelici*, che tra' Cristiani Alessandrini a pullulare incominciava; come egualmente quella de' *Dahiti*, che sulle parole

di

di Aristotele facevano i lor seguaci giurare.

Ma in verso la fine del *Secolo VIII.* e principio del *IX.*; infestando gli *Arabi* molte Regioni, con loro, che fama di scienziati portavano, l'*Aristotelica Filosofia* passò dall' *Affrica* in *Europa*, e prima nelle *Spagne*, e poscia in *Francia* seppero introdursi; dove incominciò nella *Scuola di Parigi* a coltivarsi: Ed avvegnacchè quì in diversi tempi *varie Fortune*, dal lodato *Launofo* raccontate, sofferte avesse (oltre a quelle che *Giovanni Hermanno* nota nelle *Scuole de' Protestanti*) sino ad essere in un Concilio di Parigi del 1209. ordinato che fossero i suoi libri date alle fiamme, proibendone la lettura; il qual decreto fu poi confermato l'anno 1215. dal *Card. di S. Stefano nel Monte Celio* mandato colà legato da *Innoc. III. Som. Pontefice*; ed in appresso da *Greg. IX.* l'anno 1231. con una Bolla a' *Scolari di Parigi* indirizzata: Pure v'ebbe ricetto perchè fu Ella ivi *Cristianizzata da Alessandro de Ales*, dal *B. Alberto Magno*, da *S. Bonaventura* e soprattutto dall' *Angelico S. Tommaso di Aquino*; il cui intento per altro particolare si fu, che conoscendo di non poter divellere dalle *Scuole Aristotele*, volle almeno servirle da Peripatetico per rifiutare gli errori de' suoi gran Comentatori *Averros* ed *Avicenna*, che alla nostra Religione non poco danno arrecavano.

○ *Cristianizzato* adunque *Aristotele*, ma non già della barbarie spogliato, colla quale gli *Arabi* l'avevano travestito, incominciò ad avere universal seguio nelle *Scuole*, che di tempo in tempo si videro in quattro *Classi* divise, di *Tomisti*, *Scotisti*, *Nominali*, e *Neutrali* per le varie inter-

L A T R A D V T T R I C E

interpretazioni che gli furono fatte, o secondo le varie traduzioni dal Greco, o secondo i varj pensamenti de' suoi Espositori; addossandogli bene spesso molte menzogne, o per non averlo inteso, o per non averlo neppure letto, o per credere a forza di bugie d'ingrandirlo.

Ma non solamente dall'essersi nelle Scuole introdotto *Aristotele* questo ne avvenne: perchè ne' medesimi tempi incominciarono ancora alcuni ad abusarsi de' sacri Studj, profanandogli col fram schiamento eccessivo delle sofistiche sue vanità, che alla semplicità ed innocenza delle Sacre Dottrine non poco danno arrecarono; destando nuove quistioni su de' Misterj della Fede, regolandole alla Dialettica, e non più risolvendole col parere de' Padri come era stato in costume: quindi orribili errori ed esecrabili sentenze ne sursero, che costò non poco travaglio a' Dottori Cattolici per oppugnarle.

E nè pure le *Filosofie* di *Platone* e di *Aristotele* hanno avuto il pregio di divenire *Cristiane*, e di esser poi poste per base alla nostra Santa Religione: Ma ben anche quella di *Epicuro* ha ve avuto quello di essere stata interpretata in buon senso: così ha fatto il dottissimo *Kunzio* per quel che *Giacomo Rondelio* nella vita del detto Filosofo lasciò scritto; dicendo che *Epicuro* non solamente esplicato avesse l'Esistenza di *DIO* per gli Numeri come *Pitagora*, ma insegnato eziandio ch' Egli fosse puramente Spirituale e incorporeo: onde dall' infame nota dell' Ateismo va discendendolo ancora il *Verulamio* ne' suoi *Saggi morali*: tanto più che *S. Agostino* nel libro dell'

A A L E T T O R I O R A J

Utilità del credere ad Onorato molto lo loda; ed in quello della Città di DIO a tutti i Filosofi antichi lo preferisce, perocchè Egli nell'altra vita lo Pene ed i Premj avea creduto: al qual non OIA

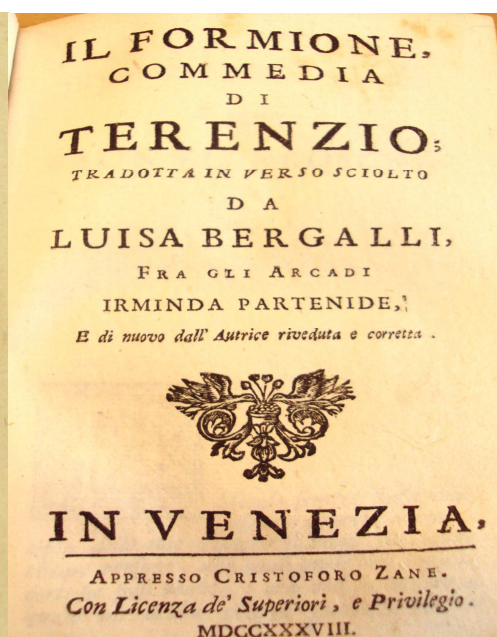
Or se tanto si è fatto dell'altre *Filosofie* del *Gentili*, dove a chiare note l'impietà vi si scorga perchè non si dovrà egli da chi quest'Opera legge prendere in buon senso quella di un Cristiano Cattolico, quale si fu *Renato Des-Cartes*, che la sua *Metaffica* disse con i sensi di *S. Agostino*, e la sua *Fisica* la volle colla speranza accoppiata non dipartendosi da' Principj secondo la mente degli altri antichi Filosofi; e suggerendo tutto il suo dettato, al Giudizio de' più saggi ed all' Autorità della Cattolica Chiesa, secondo i suoi sentimenti e parole che in fine vi pone.

Non più di questo vò dire, lasciando il di più all'accortezza e sapere de' miei Lettori: E solamente per corona stimo bene aggiugnere ciò che il dottissimo *P. Giacinto Serry* dell'Ordine veritiero de' Predicatori in una sua *Profusione* agli Studj nell'anno 1718. prese per assunto in Padova, dove con sommo onore è Cattedrante, felicemente da lui provato, ed in accorcio *dal Giornale de' Letterati d'Italia* al Tomo XXXI. Art. XIII., pag. 43 riferito con queste parole: cioè che gli scoprimenti de' moderni Filosofi non debbono tosto rigettare come contrarj alle verità della nostra Santa Fede; ma debbono ben prima pesare e disaminare, se accordarsi possono colle stesse: sì perchè molte cose che a prima vista pajono a quella contrarie, realmente nol sono: sì perchè le Sacre Carte adattan sovente i loro modi di parlare all'

LA TRADUTTRICE

” all'intelligenza del volgo ; ma presi nel loro fon-
” do co' Moderni si accordano ; del che ne apportò
” molti esempj : sì perchè finalmente lo Spirito di
” DIO non dettò la Scrittura per insegnare la Fisi-
” ca , nè le Matematiche , ma la Perfezion de' co-
” stumi ; e per mostrarci le vie del Cielo , non i Fe-
” nomeni della Natura. „

E questo è quanto in una breve Lettera ho
possuto io dire di cose, che a dirle compiutamente
altro che poche pagine , ed altro che il mio basso
talento si ricercava.



3
All' Illustris. Sig. Sig. e Padr. Col.^{mo}

Il Signor

BRUN TIRABOSCHI.



*Sfendo sempre stata mia
usanza di porre nel prin-
cipio delle mie fatiche il nome di alcune
cbiare persone, alle quali per le loro infinite
cortesie fossi tenuta: ora non so vedere a
quale mi debba volgere piuttosto che a*

A 2

vei,

4 voi, nel dedicare questa mia traduzione della quinta Commedia di Terenzio. Or Gimai m'avete condotta a tale con la vostra gentilezza, che il rendervene grazie privatamente sarebbe ingratitude, e un voler celare quel debito che ho a voi grandissimo. Non poco dispiacere segreto ho nell'animo d'aver lasciato trascorrere il tempo finquì, prima di dare effetto al mio desiderio. Ma del passato con voi non cercherò di scusarmi, poichè conosco chiaramente, che l'umanità vostra, e l'onesto costume, più presto che della mia prima negligenza, rimarranno offesi dalla presente risoluzione. E di questa che dirò io? Altro non posso dire, nè fare, che pregarvi a soffrire un animo, nel quale abbonda la volontà di rimertare come sa e può. Spero che di questo avrò perdono da voi, il quale meglio che ciascun altro così fatte sollecitudini, e cure dello spirito conoscete, e come tutti dicono ad una bocca le usate in ogni tempo. E che può procedere da voi fuor che buone usanze, cortesi operazioni, oneste e piene di virtù? La nobiltà del sangue vostro, la cortesia dell'Illustrissimo vostro Padre, a me per molta sperienza palese, potrebbero dare indizio del vostro operare, daccchè si dice, che buona e bella pianta non può fare

5 fare mal frutto. E certo molto di rado potrebbe avvenire il contrario se i frutti, che nascono dall'ottimo albero fossero con diligenza guardati; e spesso non accadessero per poca cura si guastassero, e disse a male. Adunque degno è di gran lode chi ebbe cura di voi, e voi di grandissima, che perfettamente avete appreso tutto ciò che pare che si confaccia a gentiluomo, e a persona che debba porgere a minori essemio di se. Ma io non deggio ora entrare per tutte le belle qualità, che vi fanno tanto onorato fra gli uomini; perchè troppo breve spazio è una lettera. Una sola delle virtù vostre separerò dall'altre, e nominerò qui, come quella che mi pare che più a questo luogo si convenga. Questa è lo amore, e lo studio delle scienze; e in particolare della poesia, nella quale vi siete molto fatto chiaro, e lo sareste assai più, se piando una volta la vostra modestia, vi piacesse di lasciar vedere alla luce quelle bellissime e purgatissime composizioni, le quali a me in un volumetto sietevi degnato alcuni anni fa di mandare, scritte a penna, e perchè il dono fosse più pregiato, di vostra mano scritte. In verità ch'io ebbi tanto piacere nel leggerle, e rileggerle più volte, che parendomi pure gran

6
male che così stessero sepolte; quando al-
tro non bo potuto fare, a quanti bo sa-
puto l'bo lette, e l'bo fatte gustare; e so
che bo a cbiedervi perdono, perchè in ciò
bo fatto contra il comandamento vostro,
cb'era cb'io le tenessi chiuse, e lontane
dalla cognizione degli uomini. Tuttavia
se bo avuta mai colpa in questa cosa,
fuorbè quella di non ubbidirvi, è stata
di farvi sempre lodare e di far benedire
il vostro ingegno, e chiamarlo fertile, po-
sato, e sano, tanto ne' componimenti scrit-
ti nella lingua nostra, come nella latina,
nelle quali due non siete detto studioso so-
lamente; ma altresì maestro. Non credo
dunque che vi possa esser discaro, se vi
presento un'opera d'uno de' Padri della
lingua latina, nella cognizione della qua-
le siete così andato oltre. La mia tra-
duzione non vi capita innanzi per altro,
che per essere bisognosa di correzioni, ed
imperfetta ancora; come che io l'abbia
con non poca diligenza ultimamente rive-
duta, e in molti luoghi ritocca. La per-
fezione della Commedia latina mi fa dis-
perare di poter mai giungere ad un se-
gno, d'averne una lode anche mezzana.
Se vi dovessi presentare solamente la mia
Traduzione, avrei rammarico; ma la bel-
lezza della Commedia originale, vi farà

7
dimenticare l'opera mia, sicchè questa
lasciando, leggerete la più degna. In me
non domando che osserviate altra cosa, co-
me bo detto prima, fuor che il buon desi-
derio di far palese la gratitudine che bo
in me verso di voi. Sivi accetta questa
testimonianza, cb'io fo pubblica delle mie
obbligazioni, acciocchè si conservi nella
memoria di quelli che saranno dopo di noi
quanto debito bo sempre avuto alla genti-
lezza della Signoria vostra Illustrissima al-
la quale mi raccomando.

Devotissima e obbligatissima Serva vera
Luisa Bergalli.

LA ECIRA,
COMMEDIA

DI

TERENZIO;

TRADOTTA IN VERSO SCIOLTO

DA

LUISA BERGALLI,

FRA GLI ARCADI

IRMINDA PARTENIDE.



IN VENEZIA, MDCCXXXIX.

CON LICENZA DE' SUPERIORI.

3

*All' Illustriss. Sig. Sig. Padr. mio Col.
il Sig. Dottor*

SEBASTIANO DEGLI ANTONJ.



Qualunque volta, Illustrissimo Signore, mi è avvenuto di dover indirizzare altrui alcuna mia operetta, ho studiato diligentemente nello eleggere soggetto, la cui fama facesse subitamente rilucere agli uomini, che m'avea mossa a così fare la buona opinione ch'io avea di lui; e non già voglia di lusingargli l'animo con adulazioni, o altro particolare rispetto. Persone gentili, scienziate, e virtuose ho ricercate sempre, e quelle poscia quanto

A 2

sep-

⁴ seppi, lodai senza tenere nella mia coscienza di poter averne biasimo.

Il medesimo ordine tengo al presente nell'intitolare la mia traduzione dell' *Ecira di Terenzio*, scegliendo voi *Il. lustrissimo Signore*, e *Padron mio*, e sento che del mio proposito sono interamente soddisfatta. Io mi potrei fare da due capi, e ciò è a dichiarare ogni vostra qualità appartenente ad ottimo uomo, e ad uomo alletterato. Intorno all' uno, e all' altro avrei materia da ragionar a lungo; ma quanto al primo, chiamandovi ottimo uomo, credo essermi assai chiaramente spiegata; quanto al secondo, non sarò così breve, come che non mi estenderò a ragionarne come sarebbe conveniente. Sono molti coloro nel mondo, i quali in una scienza ogni loro studio ponendo in quella sopra gli altri eccellenti divengono, ed acquistano riputazione; ma la vita breve, e l'arte lunga sono cagione all'incontro che rare volte si trovano alcuni ^{altri}

³ altri maravigliosi, che dando opera a diverse scienze, in esse facciansi dotti; e non solamente ciò osserviamo accadere in istudi del tutto differenti, e separatis, ma nelle parti d'una medesima scienza, perciò che, per non uscire dell'arte mia, uno che facesse bei versi, e nobili, non sarebbe atto per avventura a scrivere con piacevolezza, e in burla; e quale lo devolmente scrivesse Canzoni, e Sonetti d'amore, intorno altri argomenti non farebbe scritture, nè care nè gentili. Ora ritornando a Voi; non si potrebbe credere quanto io mi maraviglio, considerando come voi siete trascorso tanto innanzi in istudi tra essi così disgiunti. Ognuno sa quanto l'arte del medicare dalla Poesia si dilungbi; e quanto oltre a ciò le fatiche, la sollecitudine e i disagi dello esercitare la prima, lascino malagevolmente il tempo che si richiede di poter dar opera alla seconda. Tuttavia chi si rivolge a voi, troverà un savio, e perfetto Medico, e un dotto A 3 e va.

6
e valente Poeta; come per molte Scritture da voi mandate fuori, si può manifestamente vedere. Il Bruto Tragedia da voi con tanta dignità scritta, e ad esempio delle regolate, vi fece giudicare per Poeta di bonissimo giudizio, e sodo quanto ciascun altro che mai fiorisse. Il medesimo favore vi fecero incontrare nelle menti degli uomini anche altri componimenti, e tra essi ultimamente la traduzione della Sifilide del Fracastoro; il quale si può chiamare l'immagine vostra; essendo anch'egli stato così eccellente maestro nella medicina, e nella Poesia. Quest'ultima vostra traduzione veramente dovea far raffreddare quel desiderio che ho di appresentarvi la mia Ecira trasportata in lingua volgare. Nel vero ne passati di, ho procurato con ogni industria di purgarla da alcune macchie lasciate correre nella prima impressione; ma non si è potuto ridurla a quell'eccellenza, che meriti di venirvi liberamente innanzi. Tuttavia pensando,

7
che voi con benigno giudizio, avete sempre data sentenza delle mie fatiche; non tralascierò di fare quello che delirò qualche tempo in qua aveva in attendere berato. Ancora pregovi non attendere a quello, che vi viene da me dato vi sia; da quanto, e da qual cosa, ma con affetto grande. Finalmente nell'accogliere questa traduzione, adoperate quella cortesia, che avete usata meco in tante favori, che molto graziosamente m'avete fatti per lo passato. Seguiti Iddio a darvi prosperità; e lunga vita, tanto ch'io possa vedervi sano, lieto, e autore di nuove, e belle scritture, mentre io rimango di scrivere, e mi segno devotamente.

Umil. Dev. Obb. Serva
Luisa Bergalli.

L' EUNUCO,
COMMEDIA

D I

TERENTIO;

TRADOTTA IN VERSO SCIOLTO

D A

LUISA BERGALLI,

FRA GLI ARCADI

IRMINDA PARTENIDE;

E di nuovo dall' Autrice riveduta , e corretta.



IN VENEZIA,

APPRESSO CRISTOFORO ZANE.
Con Licenza de' Superiori , e Privilegio .
MDCCLXXVI.

A SUA ECCELLENZA
IL SIGNOR
JACOPO SORANZO.

NON sì tosto mi posi in animo, o Eccellentissimo Signore, di rivedere e ammendare questa mia Traduzione dell' Eunuco di Terenzio, che fermai anche di lasciarla sotto la vostra altissima protezione, com' ella è sempre stata, dappoichè mi è uscita dalle mani. Sono cresciuti da indi in quà i miei obblighi per modo, che non solo voglio,
A 2 che

che mi sia tolta la facoltà di disporre di questa mia piccola fatica, e di volerla altrove; ma penso, che mi abbisogni un maggior lavoro che questo non è; e con istudio particolare dimostrare almeno in parte il grato mio animo per li benefizj adoprati in mio pro dall' E. V. Questi sono oggimai a tutte le persone palesi, in maniera, ch' io credo, che ognuno mi tenga volti gli occhi sopra, per vedere s' io all' incontro dimostro quanta gratitudine ho in così fatto caso. Ma certamente, che qualunque vorrà con attenzione discorrere sopra una tal cosa, potrà agevolmente dar giudizio, che io non soddisfo al mio dovere non tanto per mio difetto, quanto, o Eccellenza, per estrema abbondanza della vostra gentilezza. Per ciò che quante volte io mi posi per far altrui testimonianza delle mie prime obbligazioni, altrettante rimasi di bel nuovo per questa istessa testimonianza,

za, da Voi con nuove incomprendibili grazie soprassatta, e continta. Da ciò dunque conseguita, che Voi non per legare gli Uomini, ma spontaneamente, e per vostra degna, ed ottima natura fate beneficio, e favore. La qual cosa per essere chiara, e verissima, fa da per se a sapere quanto questa le altre virtù sopra vanzi, le quali tuttavìa raccogliete in voi medesimo nel sommo grado, e insieme con tante nobiltà, e grandezze degli Antecessori Vostri e vostre proprie. Da queste virtù poscia non solamente traggono il loro sostegno, e innalzamento maggiore le scienze; ma fama grandissima, e infiniti onori ricava la nostra Patria; per lo cui splendore non lasciate indietro fatica veruna, nè uso delle vostre facoltà; piacendovi fare apertamente conoscere, che la ricchezza consiste maggiormente nell' usarla con prudenza, che nel possederla, e ch' ella veramente altro non è

che l'uso, e il maneggiamento de' be-
ni, che vengono conceduti da Dio, è
giusto dispensatore. Per le quali cose tut-
te Voi siete stimato da tutti i buoni, e
i savj, e riguardato con maravi-
glia e diletto grande; ma tutto ciò
rendendovi manifesto ad ogni uomo,
non adopra altro in Voi, che farvi
stare con più vigilanza sopra gl'in-
teressi della vostra Patria, e con
grandezza, e modestia indicibile in
tutti i vostri portamenti, ed atti,
de' quali ho io per costume di dire,
che sono fra tutti quei degli altri co-
si accerchiati d'indigi lor propri, che
sempre risplenderebbero, e sarebbero ri-
conosciuti per vostri, come più ma-
gnanimi, e più singolari.

Ma ora, senza essermi prima av-
veduta, conosco di essere trapassata
a scrivere intorno ad una materia
grandissima, e a far per avventu-
ra dispiacere a V. E. Sapendo io per
lunga prova, come gli animi somi-
glian-

glianti al vostro, se non hanno in
abbominazione, almeno agramente sof-
feriscono di essere per le loro opere com-
mendati. Per ciò supplicando vi a se-
gnitar tuttavvia di essere Protettore di
questa Commedia, da me di nuovo
rassettata, umilmente a Voi mi rac-
comando, ed alle mie parole fo fine.

Dell'E. V.

Umiliss. Obligatiss. Serva
Luisa Bergalli.

L E
COMMEDIE
DI TERENCE

TRADOTTE IN VERSO SCIOLTO

D A

LUISA BERGALLI,

FRA GLI ARCADE IRMINDA PARTENIDE,

e dedicate a S. E.

LA SIG.^{ra} CONTESSA

D. CLELIA GRILLA
BORROMEA.



IN VENEZIA, MDCCXXXIII.

PRESSO CRISTOFORO ZANE.

CON LICENZA DE' SUPERIORI, E PRIVILEGIO.

ECCELLENZA.

SE mai vi piacque, o Eccellenza,
di mostrarvi gentile, e cortese,
ora, vi prego, non isdegnate d'ef-
ferlo in accogliere questa raccolta di
tutte le Commedie di Terenzio da me tra-
dotte, ed a singolari Soggetti dirette; e non
a 3 accon-

acconsentite, che passando all'età futura qualche onorato indizio del nome mio, egli a saper venga d'inverisimile; che ne ritornerebbe danneggiamento a Donna de' vostri tempi, considerata dagli altri per istudiosa, e da Voi non conosciuta, e non compatita. Non si creda per questo, che io abbia lusinga di presentarvi cosa degna del grado vostro; che se a tal preciso fine data fossi ad attendere, la infruttuosa speranza venivami accompagnando sin all'ultimo degli anni miei. Quel che nel mio core favellami, è, che la grandezza dell'animo vostro dia compenso all'umiltà mia; e che per far che non v'incresca la lettura di questa mia forse tenue fatica, vogliate scordarvi per poco della sublimità de' vostri studi, de' quali tanto in possesso siete, che Italia tutta giustamente esaltandovi, fa risuonar l'immortal vostra fama in qualunque parte di Mondo, dove d'intendere il gusto regni. Le Matematiche, le Filosofie, le Lingue, l'Istorie, l'Erudizioni, le belle Lettere sono vostro pregio: doni, ognuno de' quali

quali da per se solo valerebbe a rendere distinto chi che sia, non che una Principessa vostra pari, di genile complessione vie più che alle fatiche di spirito, alle delicatezze proporzionata; altre si appaghino de i loro dolci costumi, che a Voi piace essere un vostro esempio d'ogni virtù, e d'ogni sapere. Parvi, che sia questo un ornarsi di tali singolari prerogative, che appieno si corrisponda per Voi a quella chiarissima stirpe onde usciste, ed a quella, a cui siete unita? o pur è questo un inalzarvi tanto sopra la stessa Nobiltà Vostra, che a chi desesse l'animo di celebrare il vostro peregrino talento, a picciola colpa s'imputasse il non far menzione del glorioso Vostro Sangue? Per me nè questo posso, nè quello; e ad altro non v'aglio, che a rendervi palese l'ardentissimo desiderio, che tengo di godere il Vostro alto patrocinio; e a supplicarvi, che non mi neghiate cosa, che o m'inganna la passione, o sarà di vostro onore il concederlami; quando tratta forse dal vostro solo esempio, fo non quel tutto che fate Voi;

*te Voi ; ma quel poco che dato viemmi di
fare in ordine de' begli studj . Basti vi in-
tanto , che se dietro all' orme vostre può
avanzarsi la mia cognizione , non può egli
più crescere quel profondo rispetto , col quale
mi soscrivo*

Dell' E. V.

PROTESTA DELL'AUTRICE.

Ogni qualunque espressione di Deità, che potesse in qualunque siasi modo le Cattoliche orecchie offendere, non per altro motivo è detta, che per ispiegare il senso Latino, spettante alle favolose Deità; della Notificazione delle quali nulla dee risentirne chi vive; e vuol morir nel grembo di S. Madre Chiesa Cattolica Apostolica Romana, come si dichiara, chi queste Commedie tradusse.

ANEXO 2 – Cópias de algumas páginas das traduções realizadas por Barbapiccola e por Bergalli.

As cópias da tradução realizada por Borghini não foram permitidas pela biblioteca responsável.

